

**HERANÇA**

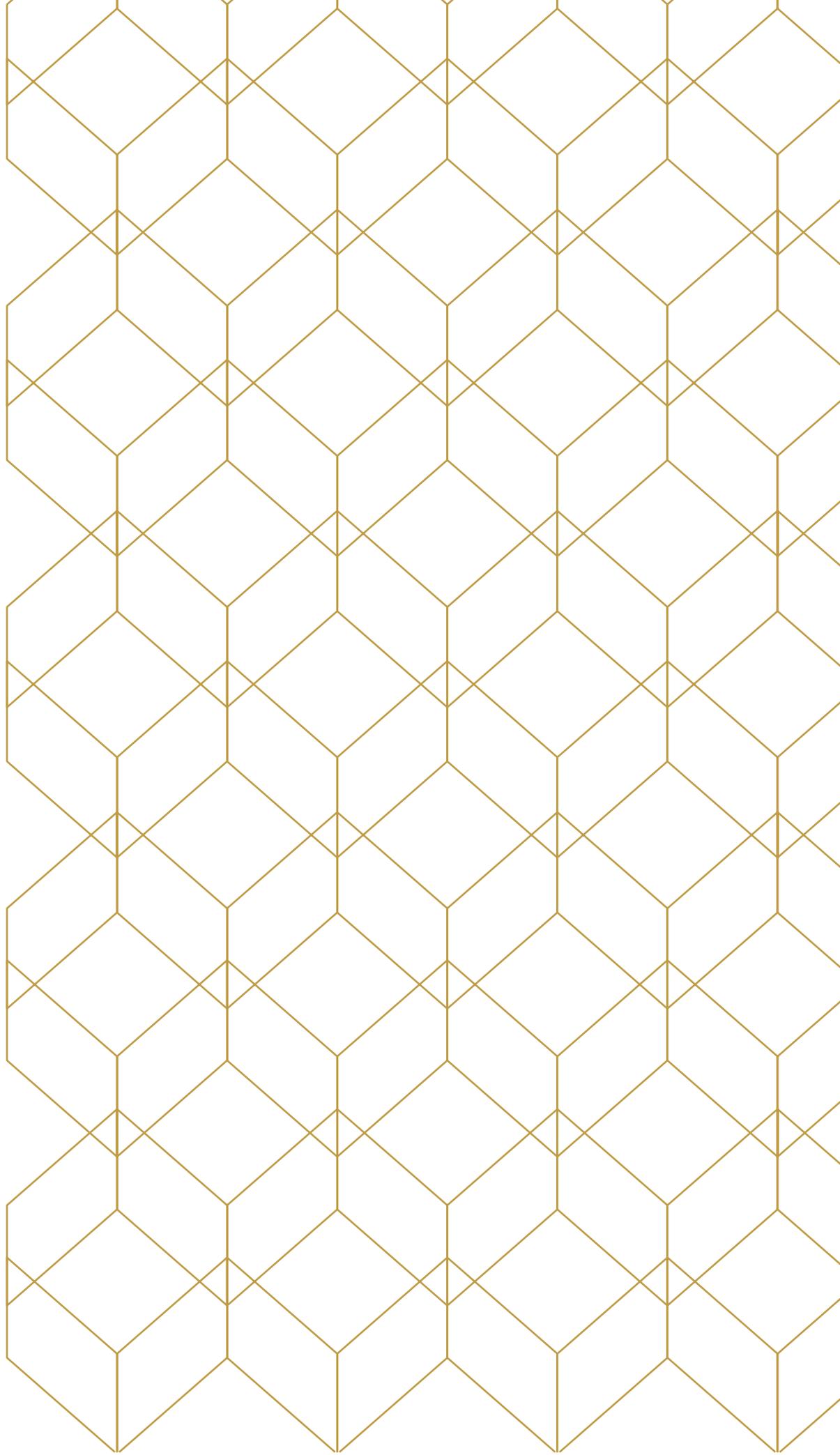
**2020**

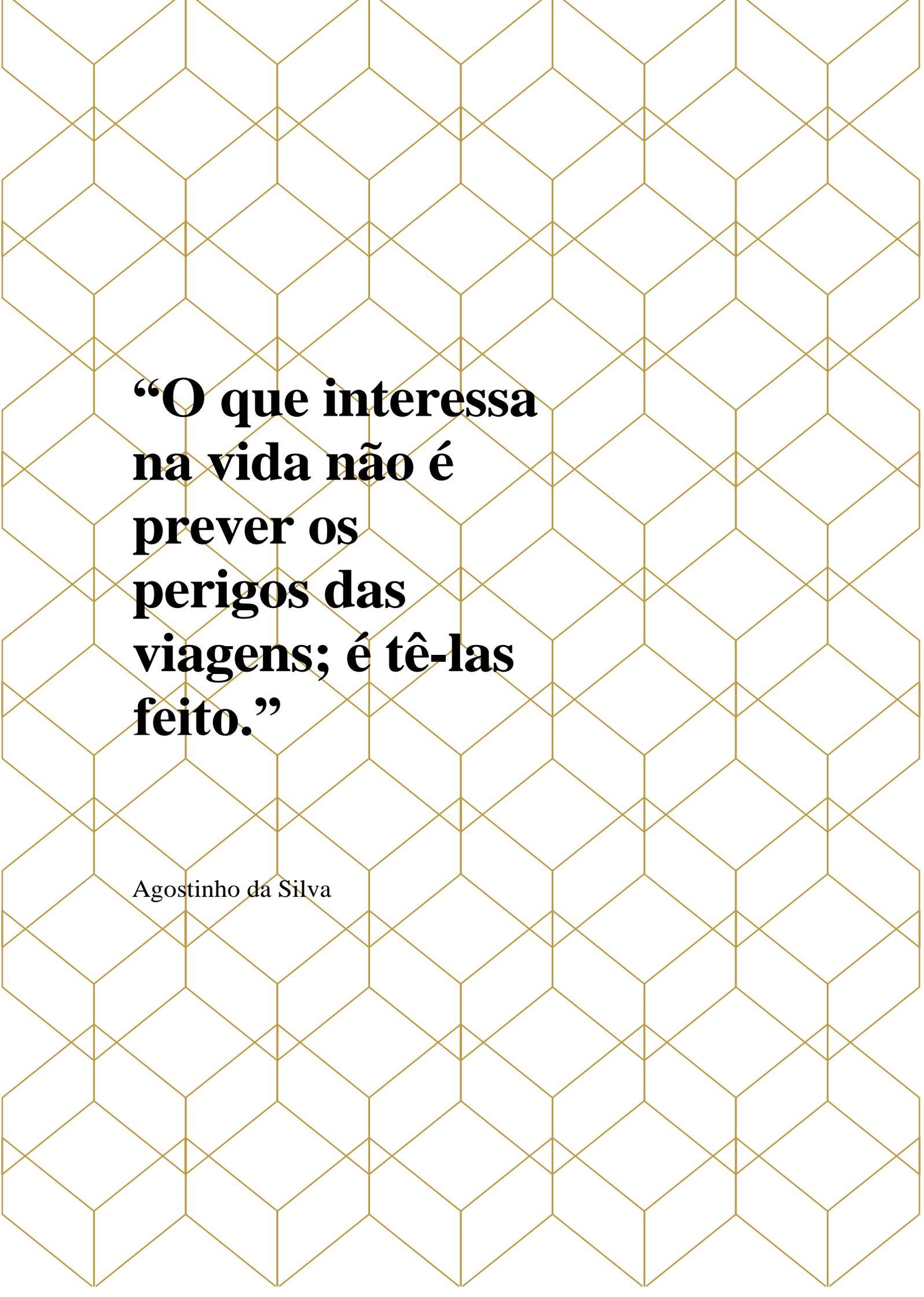
**REVISTA DE  
HISTÓRIA,  
PATRIMÓNIO E  
CULTURA**

VOLUME 3 | NÚMERO 1

SEMESTRAL (JANEIRO, JULHO)

ISSN (ONLINE): 2184 – 3090





**“O que interessa  
na vida não é  
prever os  
perigos das  
viagens; é tê-las  
feito.”**

Agostinho da Silva



## **HERANÇA - REVISTA DE HISTÓRIA, PATRIMÓNIO E CULTURA**

### *Ficha técnica*

Sede Social e Redação:

Startup Madeira - Campus da Penteada

9020 - 105 Funchal, Madeira

E-mail: [geral@ponteditora.org](mailto:geral@ponteditora.org)

Telefone: 291 723 010

URL: [ponteditora.org](http://ponteditora.org)

URL (revista): [revistas.ponteditora.org/index.php/heranca](http://revistas.ponteditora.org/index.php/heranca)

 [facebook.com/ponteditora](https://facebook.com/ponteditora)

 [linkedin.com/in/ponteditora](https://linkedin.com/in/ponteditora)

 [twitter.com/ponteditora](https://twitter.com/ponteditora)

 [instagram.com/ponteditora](https://instagram.com/ponteditora)

**Diretora/Editora-Chefe:** Investigadora Doutora Isabel Lousada

**Periodicidade:** Semestral (janeiro, julho)

**Propriedade:** Ponte Editora, Sociedade Unipessoal, Lda.

**NIPC:** 514 111 054

**Composição do Capital da Entidade Proprietária:**

euros, 100% propriedade Ana Leite, Doutoranda.

**Gestão/gerência (não remunerada):** Eduardo Leite, Ph.D.

ISSN (online): 2184-3090

ERC: 127195

# EQUIPA EDITORIAL

## *EDITORA CHEFE*

*Isabel Lousada* - Isabel Lousada, Investigadora Auxiliar de nomeação definitiva da NOVA FCSH. Licenciada, Mestre e Doutora pela Universidade Nova de Lisboa tem feito o seu percurso académico na interseção das áreas científicas nas quais se inscrevem os Estudos sobre as Mulheres. Atualmente integrada no CICS.NOVA é também investigadora colaboradora do CLEPUL - Grupo de Investigação 6 - Brasil-Portugal: Cultura, Literatura e Memória, no qual co-coordena o projeto “Senhoras do Almanaque”, com Vania Pinheiro Chaves. Na CIDH - Cátedra Infante D. Henrique coordena com Isabel Baltazar o grupo de investigação MCCLA - Mulheres, Cultura, Ciências, Letras e Artes. Sócia fundadora do MIMA - Museu Internacional das Mulheres - Associação; Conselheira da CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Membro da Direção do Sub-grupo WWIH - Women Writers in History da rede DARIAH; Vice-Presidente da AMONET - Associação Portuguesa de Mulheres Cientistas; Vogal da Secção de História da Medicina da SGL - Sociedade de Geografia de Lisboa). Membro da SPESXVIII – Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, atualmente na Presidência. Sócia da APE – Associação Portuguesa de Escritores e do P.E.N. Clube Português.

## *EDITORA ADJUNTA*

*Ana Raquel Machado* - Mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | Pós-graduada em Gestão Cultural pelo ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.

## *EDITORES ASSOCIADOS*

*Chih-Chieh Yang* (Professor associado Departamento de Ciência Multimédia e Entretenimento, Universidade de Ciência e Tecnologia do Sul de Taiwan, Taiwan. Fundador do Tainan Humanity Game Lab (2015) e da 3zhiyu Culture Co., LTD (2017)

*Daniela Melo* (PhD em Political Science and Government, University of Connecticut; Lecturer na Boston University [<https://www.conncoll.edu/directories/faculty-profiles/daniela-melo/>])

*Fabrizio Ricciardelli* (diretor do Centro de Florença da Universidade Estadual de Kent, desde 2012. Foi professor de História na Universidade de Georgetown em Villa Le Balze)

*Francisco das Neves Alves* (Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998). É Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, onde atua desde 1989. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da Imprensa e História do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: história, imprensa, cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul e historiografia. Trabalha com História do Brasil Contemporâneo e História das Relações Internacionais do Brasil. Realizou Pós-Doutorado junto: ao ICES (Portugal) em 2009; à Universidade de Lisboa, em 2013; à Universidade Nova de Lisboa, em 2015; à UNISINOS, em 2016; à Universidade do Porto, em 2017; à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 2018; e à Cátedra Infante Dom Henrique (Portugal), em 2019)

*Gabriele Salciute Civiliene* (Doutora em Humanidades Digitais pelo Departamento de Humanidades Digitais do King's College London, onde atualmente trabalha como professora de educação em humanidades digitais)

*Ramona Mihăilă* (Vice-Reitora de Relações Internacionais, professora catedrática Ph.D. na Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras, diretora do Instituto de Estudos Sociais de Género da Universidade Cristã Dimitrie Cantemir, Bucareste. Foi professora visitante na Arizona State University, pesquisadora de instituições internacionais: Biblioteca do Congresso, Washington, Biblioteca Chawton House e Universidade de Southampton, Instituto Real Huygens, Haia, Biblioteca Nacional de Viena, que concede o benefício de participação na conferência: Universidade Hogeschool, Bruxelas, Université Paris-Est Créteil, entre outras).

# CONSELHO CIENTÍFICO

*Antonella Cagnolati* (Professora catedrática de História da Educação e História da Educação de Género do Departamento de Humanidades na Universidade de Foggia. Ph.D. pela Universidade de Ferrara em História da Cultura Europeia (séculos XIV-XVII))

*Ana Leite* (Doutoranda em Estudos Globais, Universidade Aberta/L'École des hautes études en sciences sociales. Mestre em Administração Público-Privada pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Licenciada em Línguas e Estudos Editoriais pela Universidade de Aveiro. Investigadora na Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (CIDH) e no Centro de Investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL))

*Ana Maria Pires da Silva* - Doutorada em Antropologia, na especialidade de Antropologia das Sociedades Complexas; Foi Quadro Superior no Ministério da Educação; Lecionou a cadeira de Introdução ao Pensamento Contemporâneo na Universidade Lusófona; É vice-presidente da Secção de História da Medicina da Sociedade de Geografia de Lisboa; Fundadora e Presidente do Conselho Fiscal da AC RIM - Associação de Cancro do Rim Portugal. Voluntária no Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa

*Ana Soares Pacheco* - PhD em Museologia, Universidade Lusófona; Mestre em Ciência da Arte, Universidade Federal Fluminense; Docente, Universidade Federal de Minas Gerais

*António José de Oliveira* - PhD em História da Arte Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

*Bruno Miranda Braga* - Docente e Mestre em História Social, Universidade Federal do Amazonas; Pós-Graduação em Gestão e Produção Cultural, Universidade do Estado do Amazonas.

*Chih-Chieh Yang* (Professor associado Departamento de Ciência Multimédia e Entretenimento, Universidade de Ciência e Tecnologia do Sul de Taiwan, Taiwan. Fundador do Tainan Humanity Game Lab (2015) e da 3zhiyu Culture Co., LTD (2017)

*Diana Alexandra Simões Carvalho* - Mestre em História e Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Investigadora e Assistente Cultural.

Daniela Melo - PhD em Political Science and Government, University of Connecticut; Docente de Government & International Relations, Connecticut College [<https://www.conncoll.edu/directories/faculty-profiles/daniela-melo/>]

*Daniela Melo* (PhD em Political Science and Government, University of Connecticut; Docente de Government & International Relations, Connecticut College [<https://www.conncoll.edu/directories/faculty-profiles/daniela-melo/>])

*Evelyne Phibel* - Mestre em História da Arte Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

*Fabrizio Ricciardelli* (diretor do Centro de Florença da Universidade Estadual de Kent, desde 2012. Foi professor de História na Universidade de Georgetown em Villa Le Balze)

*Gabriele Salciute Civiliene* (Doutora em Humanidades Digitais pelo Departamento de Humanidades Digitais do King's College London, onde atualmente trabalha como professora de educação em humanidades digitais)

**Isabel Baltazar** - PhD em História e Teoria das Ideias, Universidade Nova de Lisboa; Investigadora, FCSH/UNL e CEIS 20 da Universidade de Coimbra

**Isabel Lustosa** (É pesquisadora titular da Fundação Casa de Rui Barbosa, doutora em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (antigo IUPERJ atual IESP-UERJ) desde 1997; membro do Pen Club do Brasil e sócia honorária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Ocupou a Cátedra Simon Bolívar (IHEAL) da Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, na França (2010-2011) e foi titular da Cátedra Sergio Buarque de Holanda/Maison des Sciences de l'Homme/Paris para o período 2012-2015, atuando como professora visitante da Universidade de Rennes-2)

**Joana Balsa de Pinho** - Doutora em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Investigadora Integrada do CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade de Lisboa

**Manuel J. Gandra** (Investigador e iconólogo. Professor Auxiliar Equiparado no IADE – Universidade Europeia. Colaborador da UNIDCOM (Iade), do CLEPUL (uUniversidade de Lisboa) e da Revista Nova-Águia. Director do Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica que fundou em 19 de Abril de 1997 e do Museu Hermético Português, fundado em 30 de Novembro de 2019)

**Maria da Conceição Castel-Branco** - Professora Auxiliar de nomeação definitiva do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Membro e investigadora do CETAPS - Centre for English, Translation and Anglo- Portuguese Studies

**Maria de Fátima Nunes** (Professora catedrática de História, na Universidade de Évora e investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea - <http://ihc.fcsh.unl.pt/>. Coordenadora Científica do Grupo de Investigação Ciência – CEHFCi-U.E. Domínios de investigação e de docência: História da Cultura e História da Cultura Científica – Moderna e Contemporânea. Coordena a equipa de supervisão do Programa de Doutoramento de História e Filosofia da Ciência – Museologia. Tem várias publicações na área de história da ciência em Portugal e orientou um elevado número de teses de doutoramento na área. Mais detalhes: <http://www.uevora.pt/pessoas/id/4779>)

**Maria Helena Maia** (Professora Auxiliar da Escola Superior Artística do Porto e investigadora do Centro de Estudos Arnaldo Araújo. Tem vindo a desenvolver investigação e publicado na área da Teoria e História da Arquitetura. Mais informação em: <https://www.cienciavitaet.pt/7117-E885-D418>)

**Patrícia Santos Pedrosa** (Doutoramento em Projetos Arquitetónicos pela Universidade Politécnica da Catalunha, Espanha (2010); Feminista, arquiteta, ativista, professora, investigadora e mãe. Professora Auxiliar Convidada no Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura da Universidade da Beira Interior. Investigadora no Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, ISCSP/ULisboa. Membro fundador e Presidente da Associação Mulheres na Arquitectura (Portugal). Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte – Portugal)

**Pedro Urbano** - PhD em História, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Professor de História de Portugal, Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich (ESEIMU); Investigador e membro das Redes Culturais Femininas entre Portugal e Alemanha – Fundação para a Ciência e Tecnologia; Investigador do Centro de Estudos Clássicos – FLUL e do Instituto de História Contemporânea – UNL.

**Ramona Mihăilă** (Vice-Reitora de Relações Internacionais, professora catedrática Ph.D. na Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras, diretora do Instituto de Estudos Sociais de Género da Universidade Cristă Dimitrie Cantemir, Bucareste. Foi professora visitante na Arizona State University, pesquisadora de instituições internacionais: Biblioteca do Congresso, Washington,

Biblioteca Chawton House e Universidade de Southampton, Instituto Real Huygens, Haia, Biblioteca Nacional de Viena, que concede o benefício de participação na conferência: Universidade Hogeschool, Bruxelas, Université Paris-Est Créteil, entre outras)

*Ricardo Oliveira de Freitas* (Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Possui Graduação em Artes pela UFRJ (1992), Mestrado em Comunicação e Cultura pela UFRJ (1995) e Doutorado em Comunicação e Cultura pela UFRJ (2002). Realizou Pós-Doutorado em Estudos Culturais e Mídia /UFF (2003), e em Estudos Culturais, PACC/UFRJ, (2009). É Professor Titular Pleno da UNEB, Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos das Linguagens - PPGEL/UNEB e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Linguagens e Representações - PPGL/UESC.)

*Roseline Oliveira* - PhD, Universidade Federal de Alagoas, Brasil; Professora de Arquitetura e Urbanismo

*Rossana Andreia Santos* (Universidade da Madeira, Portugal)

*Tiago Rodrigues* - Investigador do ARTIS-IHA e do CH-UL| Mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

*Vanda de Sousa* - Licenciada em Filosofia (1986) pela Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pós-graduada em Ciências da Informação (1993) pela Universidade Católica Portuguesa, Mestre em Indústrias Culturais (2003) pela Universidade Católica Portuguesa e Doutorada em Estudos de Cultura (2011) pela Universidade Católica Portuguesa. Professora Adjunta Convidada da ESCS – IPL, na área de Audiovisual e Multimédia, faz parte do conselho científico da licenciatura, vice-coordenadora da mesma licenciatura e pertence ao conselho científico da Pós-Graduação em Storytelling, na mesma instituição, onde também é docente



# ESTATUTO EDITORIAL

- I** – A Herança – Revista de História, Património e Cultura, conhecida também pelas formas abreviadas de Herança ou Revista Herança, é uma publicação periódica. Propriedade da Editora: Ponteditora.
- II** – A Herança dedica-se à pluralidade de temas que envolvem a História, o Património, material e imaterial, e a Cultura.
- III** – A linha editorial da Herança explora temas como a Arqueologia, Arquitetura, História da Arte, Conservação e Restauro, Gestão e Estudos da Cultura, entre outras.
- IV** – A Herança tem por missão fomentar a ciência de forma a estimular a investigação e a elaboração de estudos e ensaios nos países da CPLP e da Diáspora de língua portuguesa.
- V** – A Herança é editada semestralmente, em papel, em Portugal e, quando se justificar, na CPLP, sendo disseminada no resto do mundo através da Internet.
- VI** – A Herança terá, aproximadamente, 80 a 100 páginas de formato A4 e uma tiragem em papel inferior a 1000 exemplares.
- VII** – A revista Herança destina-se a professores, investigadores e académicos, nacionais ou estrangeiros.
- VIII** – A Herança apresenta um corpo editorial técnico e científico, aberto a académicos, investigadores e profissionais oriundos de diversas organizações e empresas relacionadas com a investigação cultural e histórica.
- IX** – A revista Herança publica artigos académicos e científicos, originais e de revisão.
- X** – A Herança publica em português, podendo excecionalmente apresentar artigos noutra língua, desde que se trate de uma língua reconhecida internacionalmente no meio académico e profissional, como por exemplo em inglês.
- XI** – A revista Herança pretende promover o intercâmbio de ideias, experiências e projetos entre os autores e editores, contribuindo para a reflexão histórica, cultural e patrimonial, e para a sua ligação com a sociedade.
- XII** - A Herança assume o compromisso de assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa-fé dos leitores, nos termos nº 1 do artigo 17º da Lei de Imprensa

**VOL. 3 | N.º 1**



# ÍNDICE

**INVENTÁRIO DOS 53 FORNOS DE  
PÃO COMUNITÁRIOS DE CASTRO  
LABOREIRO E LAMAS DE MOURO  
(2014 – 2017). OS FORNOS DOS  
“LUGARES FIXO” – PARTE 3** 004

*Inventory of the 53 bread ovens of Castro  
Laboreiro and Lamas de Mouro (2014-2017). The  
bread ovens at the “lugares fixos” – part 3*

**A ILUMINAÇÃO NO CHALET DO  
ESTORIL AO TEMPO DA RAINHA D.  
MARIA PIA** 037

*The lighting in the Estoril Chalet at the time of  
Queen D. Maria Pia*

**BIBLIÓFILAS, SIM! BREVES  
APONTAMENTOS SOBRE DUAS  
BIBLIOTECAS DE MULHERES  
BRASILEIRAS** 087

*Women Collectors, yes! Brief notes on two  
Brazilian Women's Libraries*

**O PATRIMÔNIO DOCUMENTAL  
BAIANO: DESCRIÇÃO MATERIAL DE  
DOCUMENTOS DO SÉCULO 19** 124

*Bahia's documental heritage: Material description  
of documents from the 19th century*

# EDITORIAL

Editora-chefe Investigadora Doutora Isabel Lousada

Email: [iclousada@gmail.com](mailto:iclousada@gmail.com)

«[...] É assim: para cada verdade, o contrário é igualmente verdade! Mais concretamente: uma verdade apenas se deixa exprimir e envolver em palavras quando é parcial. Tudo o que pode ser pensado com o pensamento ou dito com palavras é parcial, tudo é parcial, tudo é metade, a tudo falta totalidade, integralidade, unidade.»

HESSE, Hermann, Siddhartha –Um Conto Indiano, 2002, p. 120

Nada faria supor aquando da publicação do anterior volume que o mundo fosse assolado por tão dramática pandemia – a COVID 19 - que num ápice atingiu o mundo inteiro. A nota mais expressiva de pesar pelas mortes registadas que possamos querer deixar patente ficará sempre muito aquém da tragédia humana sentida; sem precedentes, se atendermos ao facto da velocidade inédita a que se propagou, numa escala global e, mediaticamente, monitorada ao minuto.

Nunca tantos estiveram tão conscientes da precariedade da vida humana. Flagrante é a enorme disparidade entre os mais vulneráveis e... “os outros”. Talvez nunca como hoje fosse possível ignorar as constantes e sistemáticas ameaças de que somos alvo, a um só tempo espelhadas na parafernália de ecrãs, que invadem a esfera pública e a privada. Do mesmo modo, talvez nunca tão poucos tenham tido nas suas mãos o poder, quereseria poder dizer - a responsabilidade, para mudar os desígnios da história da humanidade.

Nunca esteve tão iminente o deflagrar de uma nova guerra mundial. As posições dos líderes das grandes potências extremaram-se, chegando ao ponto de se acusarem mutuamente de estarem a ser dominados por um vírus criado com propósitos belicistas. A cidade de Hiroshima em Agosto de 1945 pôde ser revisitada vezes sem conta, num qualquer ecrã, em qualquer continente, e o flagelo, que subliminarmente pairava como um pesadelo no nosso espírito, torna-se avassaladoramente real, em Agosto de 2020 na cidade de Beirute. O incêndio no campo de refugiados de Moira, na ilha de Lesbos, confirma o devastador Agosto desta década que começa em mau presságio.

75 anos passados sobre a primeira bomba atómica, os esforços internacionais para a não proliferação de armamento nuclear que vinham a ser desenvolvidos acabam por, ironicamente, avançar quando os Estados se veem ameaçados pelo Sars-CoV-2. A ONU assinala os seus 75 anos de existência longe de ter alcançado o seu desiderato de paz mundial. O rumo da humanidade é incerto e na

linha do tempo há uma pressão maior a cada dia que passa.

A História foi inúmeras vezes antecipada pela ficção. Volvidos 200 anos sobre a publicação de Frankenstein: ou o moderno Prometeu (1918), a 5 anos de lembrarmos o duplo centenário da publicação da obra de cariz apocalítico, a distopia que Mary Shelley designou *The Last Man*, o pior inimigo do homem parece continuar a ser ele próprio, predador dos seus semelhantes, a criatura que desprezando a função primordial de preservar o seu habitat, ao invés disso o destrói.

O filósofo brasileiro Benedito Nunes (1929-2011) sintetiza, de modo exemplar, a desconstrução a que o mundo tem vindo a assistir, ao afirmar “O homem, que deixou de ser escravo da Natureza tampouco é o senhor que nela impera, deveria ser o seu vigilante guardião” frase gravada, em sua homenagem, num mural do Parque Mangal das Garças, Belém do Pará.

E, contudo, nunca os/as cientistas estiveram tão bem preparados/as, nunca as STEM (as ciências, as tecnologias e as matemáticas) alcançaram um patamar tão elevado de desenvolvimento, nunca, homens e mulheres, lado a lado, se envolveram tão empenhadamente em pesquisas procurando soluções usando recursos até aqui inimagináveis. Ainda assim, o enigma para enfrentar a maior ameaça do nosso tempo permanece insolúvel.

Vive-se, pois, um tempo de aceleração exponencial que contrasta com a flagrante e súbita suspensão, quase como se vivêssemos o primeiro semestre de 2020 envoltos numa atmosfera husserliana, e nos mantivéssemos suspensos numa eterna *epoché*. Curiosamente, são as forças da natureza e a impotência dos indivíduos os únicos a revelarem-se de modo nítido. Seremos capazes da superação hegeliana nesta intermitência paradoxal em que os cientistas acreditam já ter nascido o humano que viverá século e meio e em que, simultaneamente, assistimos à destruição de um planeta cujo pulmão – Amazônia – é barbaramente atacado, os microplásticos invadem os oceanos e, já não são somente os animais a perecerem, mas também os humanos sucumbem em consequência disso por resistências de ordem diversa, que não a do bem comum. A expressão “Não há planeta B”, nunca fez tanto sentido ainda que, entretanto, se divulgue entusiasticamente a descoberta de um gás que aponta para a existência de vida em Vénus. Assim, parece-nos que é escolha de uns olhar para o espaço planetário e ver nele a possibilidade de uma próxima morada quando, sob os nossos pés e às nossas mãos, continua sequiosa a Terra Mãe pelo respeito que lhe é diariamente negado.

No frenesim ainda muito em voga dos workaholics, a geração Z encontra razões para fixar a linha do horizonte ambicionando um futuro simultaneamente mais tranquilo, ao encontro da que já vai sendo chamada geração zero, que recupera um ideal de vida mais ligado à natureza e à sua essência, compreendendo que a utopia se possa tornar tecnopia, isto é, distópica e que, por isso mesmo, a recusa. Parecendo simultaneamente aprender do legado de Mary Shelley, não esquecendo a máxima de Melvin Kranzberg (“a tecnologia não é boa, nem má, mas também não é neutra”), esta geração empenha-se em tornar viva a “liberdade de existir” que nos leva a interrogar se será possível encontrar o momento de suspensão deste inexorável movimento que nos querem impor.

Possa a leitura do volume que trazemos à luz ser fonte e partilha de conhecimento que agradecemos às/aos autore(a)s e revisores, regozijando-nos com o reconhecimento cada vez mais amplo da

nossa revista Herança, expresso pelas recentes indexações e parcerias firmadas.

Seja a poesia o lugar do nosso reencontro connosco mesmos e com (os) outros... mundos.

in memoriam Lina Tâmega Peixoto (1931-2020)

### O Signo

O signo tem duas margens  
Uma da despedida, outra, no desencontro.  
Como um álibi, ele ordena um indecifrado  
Enigma para os gêmeos passos da minha vida.  
Cobre meu corpo futuro  
Com o velado símbolo que me protege  
Como um deus ambidestro e implacável.

Existo na metade de tudo,  
na metade de nada,  
e procuro no outro lado do percurso  
o jogo ambíguo das palavras.  
Talvez se rompa  
O casulo do corpo.  
Eclipse do sol morto.

*outubro de 2020*

*Isabel Cruz Lousada*



# INVENTÁRIO DOS 53 FORNOS DE PÃO COMUNITÁRIOS DE CASTROLABOIREIRO E LAMASDE MOURO (2014 – 2017). OS FORNOS DOS “LUGARES FIXOS” – PARTE 3

*Inventory of the 53 bread ovens of Castro Laboreiro and Lamas de Mouro (2014-2017). The bread ovens at the “lugares fixos” – part 3*

Diana Alexandra Simões Carvalho

E-mail: [dianacarvalho.pt@gmail.com](mailto:dianacarvalho.pt@gmail.com)

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

O mérito e importância deste trabalho foram oficialmente reconhecidos pela Câmara Municipal de Melgaço e pela Associação para o Desenvolvimento das Regiões do Parque Nacional da Peneda-Gerês.



*“Selo de qualidade”  
do Município de  
Melgaço.*



*“Trabalho de mérito  
reconhecido pela  
ADERE PENEDA-  
GERÊS”.*

### **Resumo**

Este último segmento do inventário dos 53 fornos de pão comunitários de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro está dedicado aos 7 fornos situados nos "lugares fixos" (600-1000mts) de Castro Laboreiro. Também contempla os 2 fornos de Lamas de Mouro, freguesia em União com Castro Laboreiro, desde a reforma administrativa de 2013.

**Palavras-chave:** Inventário, Fornos de Pão, Castro Laboreiro, Lamas de Mouro, Melgaço, Parque Nacional da Peneda-Gerês.

### **Abstract**

The last segment of the inventory article of the 53 communal bread ovens of Castro Laboreiro and Lamas de Mouro is dedicated to the 7 ovens located in the "lugares fixos" (600-1000mts) of Castro Laboreiro. It also contemplates the 2 ovens of Lamas de Mouro, a parish in union with Castro Laboreiro, since the administrative reform of 2013.

**Keywords:** Inventory, Bread Ovens, Castro Laboreiro, Lamas de Mouro, Melgaço, Parque Nacional da Peneda-Gerês.

# Breves apontamentos sobre as fichas técnicas de inventário dos fornos dos "lugares fixos" de Castro Laboreiro, e dos fornos de Lamas de Mouro



Neste último segmento do inventário, os fornos estudados foram aqueles localizados nos "lugares fixos" de Castro Laboreiro. Também contempla os 2 fornos de Lamas de Mouro, freguesia em União com Castro Laboreiro, desde a reforma administrativa de 2013.

O aglomerado de fornos comunitários correspondente aos "lugares fixos" de Castro Laboreiro está dispostos em duas sequências de acesso. Embora servidas por estradas diferentes, estão localizadas na margem direita do rio. A primeira sequência, servida pela estrada EN202-3 e estradas secundárias de acesso aos lugares, é composta pelos fornos de: Portelinha - Vido - Várzea Travessa - Coriscadas – Vila; contudo, o forno de Coriscadas requer um desvio da EN202-3 para a estrada M1158, que deve ser percorrida até à aldeia, onde se encontra o forno. O lugar de Coriscadas é particularmente sensível à designação de "lugar fixo", pois, tradicionalmente, era uma inverneira. Aquando da realização deste inventário, a população referiu que, nas últimas décadas do século XX, o lugar de Coriscadas tinha sido ocupado permanentemente, tendo-se adotado o seu parecer no presente trabalho. Para compreender o contexto do lugar enquanto inverneira, é recomendável a leitura da obra de Alexandra

Cerveira Lima, “Castro Laboreiro, povoamento e organização de um território serrano”.

A segunda sequência a ser visitada é composta pelos fornos de Ribeiro de Cima e Ribeiro de Baixo, servida pela estrada M1160.

Quanto aos fornos de Lamas de Mouro, utilizou-se a EN202-3 e as estradas secundárias de acesso aos lugares. Os fornos de Lamas de Mouro estão ambos a cerca de 900mts de altitude. Igualmente ao que se fez nos artigos anteriores, dispuseram-se as fichas de inventário por ordem alfabética. Relativamente aos campos das fichas que se repetiram de forma sistemática foram também retirados e expostos abaixo. O primeiro campo, reservado ao número da ficha, coincide com os subtítulos iniciados em 2.1. O segundo campo, relativo ao nome do responsável pelo preenchimento é o mesmo da autora deste trabalho. Na secção de "Enquadramento administrativo e localização" verifica-se que todos os fornos se localizam no mesmo contexto:

*Concelho:* Melgaço  

---

*Freguesia:* Castro Laboreiro  

---

*CGN:* 160302

Os fornos referentes a Lamas de Mouro enquadram-se de outra forma:

*Concelho:* Melgaço  

---

*Freguesia:* Lamas de Mouro  

---

*CGN:* 160309

Na secção "Características gerais", confirma-se que o período de maior atividade de todos estes fornos, incluindo os de Lamas de Mouro, se enquadram dentro dos seguintes parâmetros:

*Época do ano de maior atividade:* Todo o ano.

Os conteúdos das notas de campo repetem-se, conforme também ficou explicado na "Parte 1" e "Parte 2", estando relacionadas com o ciclo de cozedura e com alguns aspetos culturais de utilização dos fornos. Esta advertência é válida quer para os fornos de Castro Laboreiro quer para os fornos de Lamas de Mouro.

# Fichas técnicas de inventário - 7 fornos

## 2.1

## 2.

Ficha nº 45 - Coriscadas



### Enquadramento administrativo e localização

<i>C.M.P. 1/25000:</i>	Nº004
<i>Coordenadas GPS:</i>	42° 2' 52" N 8° 9' 15.1" W
<i>Coordenadas decimais:</i>	42.047778, -8.154194
<i>Acessos:</i>	Estrada nacional e estrada municipal.
<i>Implantação:</i>	Terreno nivelado.
<i>Confrontações:</i>	Caminho público a O. Terreno particular a E. Imóvel particular a N. Fontanário público a S.
<i>Elevação:</i>	1042mts
<i>Orientação da entrada:</i>	O.
<i>Proteção existente:</i>	Não tem.

<i>Histórico</i>	<i>Referências documentais e bibliográficas:</i>	Livro de Atas de 2003-2011 - ata de 5/10/2003.
	<i>Registo predial ou urbano:</i>	Não tem.
	<i>Data de construção:</i>	Não há memória.
	<i>Período de atividade:</i>	Memória da última cozedura data de 2013.
	<i>Restausos:</i>	Último restauro em 2003.
	<i>Proprietários:</i>	Não tem.
	<i>Gestores:</i>	A comunidade daquele lugar.
	<i>Construtores:</i>	Não há memória.
	<i>Situação atual:</i>	Ativo.

### Características Gerais

<i>Técnica construtiva:</i>	Pedra aparelhada com revestimentos e preenchimentos em cimento.
<i>Materiais presentes:</i>	Granito, cimento, telha e madeira.
<i>Capacidade da fornalha:</i>	12 pães.
<i>Produtos confeccionados:</i>	Pão. Carne.

### Dimensões

<i>Secções do forno</i>	<i>Altura</i>	<i>Largura</i>	<i>Prof.</i>
<i>Parede lateral (S)</i>	<i>Exterior</i>	Aresta à direita – 110cm Aresta à esquerda – 180cm	740cm -
	<i>Interior</i>	Arestas niveladas a 218cm	440cm -
<i>Parede frontal (O)</i>	<i>Exterior</i>	Arestas niveladas a 188cm Cumieira – 362cm	419cm -
	<i>Interior</i>	Arestas niveladas a 197cm Cumieira – 310cm	260cm -
<i>Entrada (O)</i>	Arestas niveladas a 185cm	93cm	-
<i>Boca da fornalha (E)</i>	Arestas niveladas a 72cm	56cm	180cm

### Análise da estrutura

*Planta:* Retangular com abside.

#### *Estruturas Exteriores*

*Cobertura:* Em telha, composta por duas partes de duas águas cada uma. Uma sobre a antecâmara da fornalha e outra, ligeiramente rebaixada, sobre a câmara do forno de cozer.

*Chaminé:* Em cimento.

*Paredes:* Sem elementos relevantes de análise. Parede S termina num desnível entre a estrutura do forno e a câmara da fornalha.

*Entrada:* Orientada a O, de recorte retangular.

*Porta:* Em metal.

#### *Estruturas Interiores*

*Cobertura:* Em lajes de granito, suportado por dois arcos de volta perfeita e uma estrutura triangular em esteios colocada diretamente acima da câmara do forno de cozer.

*Apoios:* Em redor do forno.

<i>Paredes:</i>		Os arcos assentam nas bancadas das paredes S e N. Na parede N, por baixo de uma das bancadas existe uma reentrância, semelhante à de uma “borralheira”.
<i>Saídas</i>	<i>de</i>	Uma na parede E, localizada na traseira da câmara da fornalha. Outra diretamente acima da fornalha.
<i>Fumo:</i>		
<i>Janelas:</i>		Não tem.
<i>Chaminé:</i>		Não tem.
<i>Fornalha:</i>		Orientada a E, de entrada quadrangular. Interior em cúpula, revestida a tijolo refratário.
<i>Porta</i>	<i>da</i>	Em metal.
<i>fornalha:</i>		

**Notas de campo e informações adicionais:**

Informações prestadas no dia 12/11/2014, pela Professora Amabélia (mais de 70 anos), residente no Lugar das Coriscadas:

No dia da romaria local ou em dias de casamento, assava-se carne.

# 2.2

## Ficha nº 46 - Portelinhas



### Enquadramento administrativo e localização

<i>C.M.P. 1/25000:</i>	Nº004
<i>Coordenadas GPS:</i>	42° 3' 16.9" N 8° 10' 13.2" W
<i>Coordenadas decimais:</i>	42.054694, -8.170333
<i>Acessos:</i>	Estrada nacional. Estrada secundária.
<i>Implantação:</i>	Terreno desnivelado.
<i>Confrontações:</i>	Caminho público a SO e SE. Imóvel particular a NO e NE. Fontanário público a O.
<i>Elevação:</i>	1049mts
<i>Orientação da entrada:</i>	da SO.
<i>Proteção existente:</i>	Não tem.

<b>Histórico</b>	<i>Referências documentais e bibliográficas:</i>	Livro de Atas de 1987-1995 - ata de 6/6/1993. Livro de Atas de 2011-2013 - ata de 8/9/2012.
	<i>Registo predial ou urbano:</i>	Não tem.
	<i>Data de construção:</i>	Não há memória.
	<i>Período de atividade:</i>	Última cozedura data de 2012.
	<i>Restausos:</i>	Restauro em julho de 1993. Restauro em julho de 2012.
	<i>Proprietários:</i>	Não tem.
	<i>Gestores:</i>	A comunidade daquele lugar.
	<i>Construtores:</i>	Não há memória.
	<i>Situação atual:</i>	Ativo.

### Características Gerais

<i>Técnica construtiva:</i>	Pedra aparelhada com revestimentos e preenchimentos em cimento.
<i>Materiais presentes:</i>	Granito, cimento, telha e madeira.
<i>Capacidade da fornalha:</i>	14 pães.
<i>Produtos confeccionados:</i>	Pão. Carne.

### Dimensões

Secções do forno		Altura	Largura	Profundidade
Parede lateral (SE)	Exterior	Aresta à direita – 313cm Aresta à esquerda – 375cm	393cm	-
	Interior	Aresta à direita - 246cm Aresta à esquerda – 261cm	400cm	-
Parede frontal (SO)	Exterior	Aresta à direita – 313cm Aresta à esquerda – 178cm Cumieira – 420cm	731cm	-
	Interior	Aresta à direita – 184cm Aresta à esquerda – 261cm Cumieira – 410cm	561cm	-
Entrada (SO)		Arestas niveladas a 190cm	102cm	-
Boca da fornalha (S)		Arestas niveladas a 51cm	51cm	130cm

### Análise da estrutura

*Planta:* Retangular.

#### **Estruturas Exteriores**

*Cobertura:* Duas águas, em lajes de granito.

*Chaminé:* Não tem.

*Paredes:* Sem elementos relevantes de análise à exceção das gravuras e inscrições nas pedras da ombreira e da padieira da entrada.

*Entrada:* Orientada a SO, de recorte retangular.

*Porta:* Em madeira.

#### **Estruturas Interiores**

*Cobertura:* Em lajes de granito, suportado por dois arcos de volta perfeita, apoiados em colunas baixas e robustas, compostas por blocos de granito sobrepostos. Os arcos assentam num capitel rudimentar.

*Apoios:* Um na parede NE, unido a um na parede SE. Um banco na parede SE, colocado antes da primeira coluna.

*Paredes:* Parede SO apresenta blocos de granito salientes em sequência que aparentam ter servido de suporte a alguma estrutura. Na parede NE existem também algumas pedras salientes.

*Saídas de Fumo:* Uma na parede do forno de cozer.

*Janelas:* Uma na parede SO e outra na parede SE.

*Chaminé:* Não tem.

*Fornalha:* Orientada a S, entrada de recorte quadrangular. Interior em cúpula, revestida a tijolo refratário.

*Porta da fornalha:* Em metal e vidro. Abre em duas partes.

**Notas de campo e informações adicionais:**

---

Informações prestadas no dia 21/08/2014, por Adélia (ou Adília) esposa de Arlindo (mais de 70 anos), residentes em Portelinha:

Cozia diariamente. Era costume em dias de casamento ou festa de o Lugar fazer-se um assado que consistia num “cabrito ou num anho e arroz”. A D. Adélia afirma que estas tradições existiram até surgirem as primeiras cozinhas a gás. O casamento desta senhora ainda foi segundo esta tradição, no ano de 1967. Em dias santos e domingos não se cozia o pão. Também serviu de casa-abrigo a "mendigos e latoeiros". Adélia recorda-se que os latoeiros também restauravam peças em cerâmica, utilizando agrafos e uma massa específica. Não tinha chave.

---

# 2.3

## Ficha nº 47 – Ribeiro de Baixo



### Enquadramento administrativo e localização

<i>C.M.P. 1/25000:</i>	Nº009
<i>Coordenadas GPS:</i>	41° 57' 6.1" N 8° 11' 0.5" W
<i>Coordenadas decimais:</i>	41.951694, -8.183472
<i>Acessos:</i>	Estrada municipal e estradas secundárias.
<i>Implantação:</i>	Desnivelado.
<i>Confrontações:</i>	Acesso particular a O. Terreno particular a N, S e E.
<i>Elevação:</i>	580mts
<i>Orientação da entrada:</i>	O.
<i>Proteção existente:</i>	Não tem.

<i>Histórico</i>	<i>Referências documentais e bibliográficas:</i>	Livro de Atas de 2011-2013 - ata de 8/9/2012.
	<i>Registo predial ou urbano:</i>	Não tem.
	<i>Data de construção:</i>	Não há memória.
	<i>Período de atividade:</i>	Memória da última cozedura data de 1982.
	<i>Restauros:</i>	Não há memória.
	<i>Proprietários:</i>	Não tem.
	<i>Gestores:</i>	A comunidade daquele lugar.
	<i>Construtores:</i>	Não há memória.
	<i>Situação atual:</i>	Inativo.

### Características Gerais

<i>Técnica construtiva:</i>	Pedra aparelhada com revestimentos e preenchimentos em cimento.
<i>Materiais presentes:</i>	Granito, cimento.
<i>Capacidade da fornalha:</i>	9 pães.
<i>Produtos confeccionados:</i>	Pão.

### Dimensões

<i>Secções do forno</i>	<i>Altura</i>	<i>Largura</i>	<i>Prof.</i>
<i>Parede lateral (S)</i>	<i>Exterior</i> Aresta à direita – 340cm (aprox.)	410cm	-
	Aresta à esquerda – 130cm		
<i>Interior</i>	Aresta à direita - 190cm	285cm	-
	Aresta à esquerda – 1,30m		

<i>Parede frontal (O)</i>	<i>Exterior</i>	Aresta à direita – 2,20m	450cm	-
		Aresta à esquerda – 2,60m	(aprox.)	
	<i>Interior</i>	Aresta à direita – 2,00m	270cm	-
		Aresta à esquerda – 1,90m		
<i>Entrada (O)</i>		Arestas niveladas a 160cm (aprox.)	70cm	-
<i>Boca da fornalha (N)</i>		Arestas niveladas a 50cm	40cm	125cm

### **Análise da estrutura**

*Planta:* Retangular com cabeceira.

#### ***Estruturas Exteriores***

*Cobertura:* Arruinada.

*Chaminé:* Não tem.

*Paredes:* Arruinadas. Parede O, S e E encontram-se num terreno particular. Parede N encostada a uma elevação de terreno (atualmente), e as lajes de granito da cobertura, restantes, são visíveis da estrada que passa a N.

*Entrada:* Orientada a O, de recorte retangular.

*Porta:* Não tem.

#### ***Estruturas Interiores***

*Cobertura:* Arruinado

*Apoios:* Em frente à fornalha.

*Paredes:* Visibilidade obstruída pela vegetação.

*Saídas de* Não há.

*Fumo:*

*Janelas:* Não tem.

*Chaminé:* Não tem ou não está visível.

*Fornalha:* Orientada a N, quadrangular, interior em granito.

*Porta da fornalha:* Não tem.

### **Notas de campo e informações adicionais:**

Este forno esteve para ser reparado pela Junta de Freguesia em 2012, tendo ficado em ata essa referência, porém preferiram utilizar a verba noutras obras da freguesia. Informações prestadas no dia 10/09/2014, por Ilda Xavier (75 anos), Avelino Xavier (93 anos), Emílio Domingues e Maria do Carmo Fernandes (mais de 80 anos), residentes no Ribeiro de Baixo: Cobertura original era em granito estando arruinada desde a década de 1950. Segundo

os testemunhos nunca teve porta. Efetivamente, as pedras que compõem a entrada não apresentam nenhum sistema de fecho (nem vestígios talhados na pedra ou de metal). Avelino Xavier refere que a razão deste forno ter caído em desuso foi a preferência pelos fornos particulares, que a maioria dos núcleos familiares do Ribeiro de Baixo já tinha, na sua lembrança, desde a sua infância (década de 1920).

---

# 2.4

## Ficha nº 48 – Ribeiro de Cima

### Enquadramento administrativo e localização

<i>C.M.P. 1/25000:</i>	Nº009
<i>Coordenadas GPS:</i>	41° 58' 12.1" N 8° 10' 55.1" W
<i>Coordenadas decimais:</i>	41.970028, -8.181972
<i>Acessos:</i>	Estrada municipal e estradas secundárias.
<i>Implantação:</i>	Terreno desnivelado.
<i>Confrontações:</i>	Caminho público a O e N. Fontanário público a SO. Corga de água a S. Terreno particular a E.
<i>Elevação:</i>	729mts
<i>Orientação da entrada:</i>	O.
<i>Proteção existente:</i>	Não tem.



<i>Histórico</i>	<i>Referências documentais e bibliográficas:</i>	Não tem.
	<i>Registo predial ou urbano:</i>	Não tem.
	<i>Data de construção:</i>	Não há memória.
	<i>Período de atividade:</i>	Memória da última cozedura data de 08/2013.
	<i>Restauros:</i>	Restauro em 1984.
	<i>Proprietários:</i>	Não tem.
	<i>Gestores:</i>	A comunidade daquele lugar.
	<i>Construtores:</i>	Não há memória.
	<i>Situação atual:</i>	Ativo para inceneração de outros materiais.

### Características Gerais

Técnica construtiva:	Pedra aparelhada com revestimentos e preenchimentos em cimento.
Materiais presentes:	Granito, cimento, tijolo de barro.
Capacidade da fornalha:	7 pães.
Produtos confeccionados:	Pão. Carne.

### Dimensões

<i>Secções do forno</i>	<i>Altura</i>	<i>Largura</i>	<i>Prof.</i>
<i>Parede lateral (N)</i>	<i>Exterior</i> Aresta à direita – 161cm	300cm	-
	Aresta à esquerda – 227cm		
<i>Parede frontal (O)</i>	<i>Interior</i> Aresta à direita – 231cm	257cm	-
	Aresta à esquerda – 200cm		
<i>Entrada (O)</i>	<i>Exterior</i> Aresta à direita – 300cm	665cm	-
	Aresta à esquerda - 161cm		
<i>Boca da fornalha (S)</i>	<i>Interior</i> Aresta à direita - 200cm	391cm	-
	Aresta à esquerda – 205cm		
<i>Entrada (O)</i>	Arestas niveladas a 179cm	83cm	-
<i>Boca da fornalha (S)</i>	Arestas niveladas a 53cm	37cm	114cm

### Análise da estrutura

#### *Exterior*

<i>Planta:</i>	Retangular com cabeceira
<i>Cobertura:</i>	Laje de cimento colocada na horizontal sobre a estrutura do forno.
<i>Chaminé:</i>	Chaminé em tijolo, encimada por uma laje de cimento.
<i>Paredes:</i>	Apresentam graves sinais de degradação.
<i>Entrada:</i>	Orientada a O, entrada de recorte retangular.
<i>Porta:</i>	Sem Porta.

#### *Interior*

<i>Cobertura:</i>	Em tijolo e cimento.
<i>Apoios:</i>	Um na parede E e outro na parede S. Um na parede O.
<i>Paredes:</i>	Sem elementos relevantes de análise.
<i>Saídas de Fumo:</i>	Não existem. A cantaria das paredes permite que o fumo seja escoado por elas.
<i>Janelas:</i>	Existem estruturas na parede E que aparentam terem sido janelas.

*Chaminé:* Laje de pedra horizontal, comprida, assente em dois cachorros, com o reforço de apoio de uma laje de granito na vertical do lado direito.

---

*Fornalha:* Orientada a S, de entrada retangular. Interior em cúpula de granito.

---

*Porta da fornalha:* Em metal.

**Notas de campo e informações adicionais:**

Assava-se carne no dia da festa do lugar e na "colagem das lajes das casas".

# 2.5

## Ficha nº 49 – Várzea Travessa



### Enquadramento administrativo e localização

<i>C.M.P. 1/25000:</i>	Nº004
<i>Coordenadas GPS:</i>	42° 2' 48" N 8° 9' 44.1" W
<i>Coordenadas decimais:</i>	42.046667, -8.162250
<i>Acessos:</i>	Estrada nacional e estrada secundária.
<i>Implantação:</i>	Terreno nivelado.
<i>Confrontações:</i>	Caminho público a S, E e N. Imóvel particular a O.
<i>Elevação:</i>	1002mts
<i>Orientação da entrada:</i>	S.
<i>Proteção existente:</i>	Não tem.

<i>Histórico Referências documentais e bibliográficas:</i>	Livro de Atas de 2011-2013 - ata de 1/6/2013.
<i>Registo predial ou urbano:</i>	Não tem.
<i>Data de construção:</i>	Não há memória.
<i>Período de atividade:</i>	Memória da última cozedura data de 2011.
<i>Restauros:</i>	Restauro em 1964 (interior da fornalha). Restauro em 2013.
<i>Proprietários:</i>	Não tem.
<i>Gestores:</i>	A comunidade daquele lugar.

<i>Construtores:</i>	Não há memória
<i>Situação atual:</i>	Ativo.

### Características Gerais

<i>Técnica construtiva:</i>	Pedra aparelhada com revestimentos e preenchimentos em cimento.
<i>Materiais presentes:</i>	Granito e cimento.
<i>Capacidade da fornalha:</i>	15 pães.
<i>Produtos confeccionados:</i>	Pão.

### Dimensões

<i>Secções do forno</i>	<i>Altura</i>	<i>Largura</i>	<i>Prof</i>
<i>Parede lateral (E)</i>	<i>Exterior</i> Aresta à direita – 240cm Aresta à esquerda -284cm	711cm	-
	<i>Interior</i> Aresta à direita – 284cm Aresta à esquerda – 296cm	378cm	-
<i>Parede frontal (S)</i>	<i>Exterior</i> Aresta à direita – 284cm Aresta à esquerda – 292cm Cumieira - 430cm	497cm	-
	<i>Interior</i> Aresta à direita – 346cm Aresta à esquerda – 284cm Cumieira - 420cm	361cm	-
<i>Entrada (S)</i>	Arestas niveladas a 190cm	83cm	-
<i>Boca da fornalha (N)</i>	Arestas niveladas a 51cm	42cm	180 cm

### Análise da estrutura

*Planta:*

***Estruturas***

***Exteriores***

*Cobertura:* Duas águas, em Lages de granito.

*Chaminé:* Em cimento, encimada por uma placa também em cimento.

*Paredes:* Parede O parcialmente dentro de um terreno particular. Parede E apresenta 3 blocos de granito proeminentes, ao nível dos arcos no interior.

*Entrada:* Orientada a S, de recorte retangular.

*Porta:* Em madeira.

### ***Estruturas Interiores***

---

<i>Cobertura:</i>	Em lajes de granito, sustentado por três arcos de volta perfeita, dois a meio da sala e um colocado ligeiramente atrás da boca da fornalha. Os arcos estão apoiados em colunas compostas por blocos de granito do lado direito da sala que assentam nos apoios, e do lado esquerdo os arcos estão apoiados em dois blocos de granito embutidos na parede, sem continuação para colunas.
<i>Apoios:</i>	Em redor do forno.
<i>Paredes:</i>	Sem elementos relevantes de análise.
<i>Saídas de Fumo:</i>	Uma na parede O, outra na parede E e outra na parede S.
<i>Janelas:</i>	Existem estruturas na parede E que aparentam terem sido janelas.
<i>Chaminé:</i>	Laje de pedra horizontal, comprida, assente em dois cachorros, com o reforço de apoio de uma laje de granito na vertical do lado direito.
<i>Fornalha:</i>	Orientada a S, de entrada retangular. Interior em cúpula de granito.
<i>Porta da fornalha:</i>	Em metal.

---

### **Notas de campo e informações adicionais:**

---

Informações prestadas no dia 10/09/2014, por Francelina, Palmira e Maria Gonçalves (mais de 70 anos), residentes em Várzea Travessa:

Há memória de um outro forno chamado “forno da moucha”, cuja localização era circundante aos fontanários públicos, a meio deste lugar. Recordam-se que dele restava apenas uma parede ao alto.

Informações prestadas no dia 10/09/2014, por Alberto Enes (cerca de 50 anos), residente em Várzea Travessa: Informou que o "forno da moucha" era de grande dimensão, mas considerado privado.

# 2.6

Ficha nº 50 – Vido

## Enquadramento administrativo e localização

<i>C.M.P. 1/25000:</i>	Nº004
<i>Coordenadas GPS:</i>	42° 2'56.4" N 8° 9'58.4" W
<i>Coordenadas decimais:</i>	42.049000, - 8.166222
<i>Acessos:</i>	Estrada nacional e estrada secundária.
<i>Implantação:</i>	Terreno desnivelado.
<i>Confrontações:</i>	Caminho público a NE e NO. Fontanário público a NE. Terrenos particulares a SE e SO.
<i>Elevação:</i>	996mts
<i>Orientação da entrada:</i>	NE
<i>Proteção existente:</i>	Não tem.



*Histórico Referências documentais e bibliográficas:* Não tem.

*Registo predial ou urbano:* Não tem.

*Data de construção:* Não há memória.

*Período de atividade:* Regular.

*Restausos:* Restauro em 1964. Restauro em 1985.

*Proprietários:* Não tem.

*Gestores:* A comunidade daquele lugar.

<i>Construtores:</i>	Não há memória.
<i>Situação atual:</i>	Ativo.

### Características Gerais

<i>Técnica construtiva:</i>	Pedra aparelhada com revestimentos e preenchimentos em cimento.
<i>Materiais presentes:</i>	Granito, cimento e tijolo.
<i>Capacidade da fornalha:</i>	13 pães.
<i>Produtos confeccionados:</i>	Pão.

### Dimensões

<i>Secções do forno</i>			<i>Altura</i>	<i>Largura</i>	<i>Prof.</i>
<i>Parede lateral (SO)</i>	<i>Exterior</i>	Aresta à direita – 290cm	299cm	-	
		Aresta à esquerda – 300cm			
	<i>Interior</i>	Aresta à direita – 259cm	290cm	-	
		Aresta à esquerda – 275cm			
<i>Parede frontal (SE)</i>	<i>Exterior</i>	Aresta à direita – 300cm	307cm	-	
		Aresta à esquerda – 236cm			
	<i>Interior</i>	Aresta à direita – 275cm	261cm	-	
		Aresta à esquerda – 265cm (desnível de 10cm)			
<i>Entrada (SE)</i>			Arestas niveladas a 203cm	96cm	-
<i>Boca da fornalha (NE)</i>			Arestas niveladas a 46cm	48cm	170cm

### Análise da estrutura

<i>Planta:</i>	Retangular.
<b><i>Estruturas Exteriores</i></b>	
<i>Cobertura:</i>	Uma água. Placa de cimento.
<i>Chaminé:</i>	De tijolo e cimento, encimada por uma placa de cimento.
<i>Paredes:</i>	Parede SO apresenta elementos arquitetónicos embutidos na parede que aparentam ter sido elementos de composição de outras estruturas.
<i>Entrada:</i>	Orientada a NE, de recorte retangular.
<i>Porta:</i>	Em madeira, com sistema de fecho tradicional.
<b><i>Estruturas Interiores</i></b>	
<i>Cobertura:</i>	Uma água. Placa de cimento sustentada por vigas de metal.

<i>Apoios:</i>	Um na parede SE e outro na parede SO.
<i>Paredes:</i>	Parede SO tem elementos arquitetônicos que aparentam ter pertencido a uma coluna e a uma janela.
<i>Saídas de Fumo:</i>	Abertura quadrangular diretamente acima da boca do Forno, a abertura da chaminé exterior.
<i>Janelas:</i>	Uma na parede SO, tapada.
<i>Chaminé:</i>	Não tem.
<i>Fornalha:</i>	Orientado a NE. Entrada de recorte quadrangular. Interior em cúpula, revestido a tijolo refratário.
<i>Porta da fornalha:</i>	Em metal.

### **Notas de campo e informações adicionais:**

Informações prestadas no dia 10/9/2014, por Rosa (75 anos) e Belarmina (67 anos), residentes no lugar do Vido:

A cobertura chegou a ser toda em granito e de duas águas.  
Nos dias santos e domingos não se cozia pão.

# 2.7

## Ficha nº 51 – Vila



### Enquadramento administrativo e localização

<i>C.M.P. 1/25000:</i>	Nº004
<i>Coordenadas GPS:</i>	42° 1' 44.4" N 8° 9' 31" W
<i>Coordenadas decimais:</i>	42.029000, -8.158611
<i>Acessos:</i>	Estrada nacional e estrada municipal
<i>Implantação:</i>	Terreno desnivelado.
<i>Confrontações:</i>	Caminho público a E, S, O e N. Fontanário público a N.
<i>Elevação:</i>	954mts
<i>Orientação da entrada:</i>	E
<i>Proteção existente:</i>	Não tem.

*Histórico Referências documentais e bibliográficas:*

Livro de Atas de 1987-1995 - ata de 5/9/1993  
 Livro de Atas de 1995-2003 - ata de 13/9/1998  
 Livro de Atas de 1995-2003 - ata de 7/11/1998  
 Livro de Atas de 1995-2003 - ata de 20/12/1998  
 Livro de Atas de 1995-2003 - ata de 17/1/1999

<i>Registo predial ou urbano:</i>	Não tem.
<i>Data de construção:</i>	Não há memória.
<i>Período de atividade:</i>	Regular.
<i>Restauros:</i>	Restauro em 1976. Restauro em 1993.
<i>Proprietários:</i>	Não tem.
<i>Gestores:</i>	A comunidade da Vila.
<i>Construtores:</i>	Não há memória
<i>Situação atual:</i>	Ativo.

### Características Gerais

<i>Técnica construtiva:</i>	Pedra aparelhada com revestimentos e preenchimentos em cimento.
<i>Materiais presentes:</i>	Granito, cimento, telha, madeira e metal.
<i>Capacidade da fornalha:</i>	11 pães.
<i>Produtos confeccionados:</i>	Pão.

### Dimensões

<i>Secções do forno</i>	<i>Altura</i>	<i>Largura</i>	<i>Prof.</i>
<i>Parede lateral (N)</i>	<i>Exterior</i> Aresta à direita – 259cm	495cm	-
	Aresta à esquerda – 183cm		
	<i>Interior</i> Aresta à direita – 315cm	343cm	-
	Aresta à esquerda – 353cm		
<i>Parede frontal (E)</i>	<i>Exterior</i> Aresta à direita – 1,83m	629cm	-
	Aresta à esquerda – 173cm		
	<i>Interior</i> Aresta à direita – 317cm	500cm	-
	Aresta à esquerda – 315cm		
<i>Entrada (E)</i>	Arestas niveladas a 170cm	83cm	-
<i>Boca da fornalha(S)</i>	Arestas niveladas a 53cm	54cm	144cm

### Análise da estrutura

<i>Planta:</i>	Retangular com cabeceira.
<b><i>Estruturas Exteriores</i></b>	
<i>Cobertura:</i>	Duas águas, em telha.
<i>Chaminé:</i>	Não tem.
<i>Paredes:</i>	Paredes S, O e N assentam num afloramento rochoso. Parede S tem um bloco de granito saliente no canto inferior esquerdo. Parede N apresenta várias formas de aparelhar a pedra. Parede O assenta num penedo.
<i>Entrada:</i>	Orientada a E, de recorte retangular.
<i>Porta:</i>	Em metal.
<b><i>Estruturas Interiores</i></b>	
<i>Cobertura:</i>	Em telha, suportada por vigas e traves de madeira, remendado com chapas de metal.
<i>Apoios:</i>	Em todas as paredes.
<i>Paredes:</i>	Canal de escoamento de água na parede O, no canto inferior direito.

*Saídas de* Não tem.

*Fumo:*

---

*Janelas:* Uma na parede O.

---

*Chaminé:* Em granito. Composta por uma laje de granito ligeiramente arqueada, assente sobre dois cachorros.

---

*Fornalha:* Orientada a S. Entrada de recorte quadrangular. Interior em cúpula, revestido a tijolo refratário.

---

*Porta da* Em metal.

*fornalha:*

### **Notas de campo e informações adicionais:**

---

Nada a acrescentar.

# Os fornos de pão de

## Lamas do Mouro

# 3.1

# 3.

### Ficha nº 52 – Lamas de Mouro – forno 1

#### Enquadramento administrativo e localização

<i>C.M.P. 1/25000:</i>	Nº004
<i>Coordenadas GPS:</i>	42° 3' 3.6" N 8° 11' 49.6" W
<i>Coordenadas decimais:</i>	42.051000, -8.197111
<i>Acessos:</i>	Estrada nacional e estrada secundária.
<i>Implantação:</i>	Terreno nivelado.
<i>Confrontações:</i>	Caminho público a S e O. Fontanário público a E. Terreno particular a N.
<i>Elevação:</i>	903mts
<i>Orientação da entrada:</i>	S
<i>Proteção existente:</i>	Não tem.



*Histórico Referências documentais e bibliográficas:*

Livro de Atas de 1994 a 2013 - ata de 25/2/1994  
Livro de Receitas e Despesas de 1979-2001 - páginas 20, 24, 45 e 50. Desde 1990 a 2000.

*Registo predial ou urbano:* Não tem.

*Data de construção:* Não há memória.

*Período de atividade:* Memória da última cozedura data de 1984.

<i>Restauros:</i>	Restauro em 1994.
<i>Proprietários:</i>	Não tem.
<i>Gestores:</i>	A comunidade daquele lugar.
<i>Construtores:</i>	Não há memória.
<i>Situação atual:</i>	Ativo.

### Características Gerais

<i>Técnica construtiva:</i>	Pedra aparelhada com revestimentos e preenchimentos em cimento.
<i>Materiais presentes:</i>	Granito, cimento e madeira.
<i>Capacidade da fornalha:</i>	7 pães.
<i>Produtos confeccionados:</i>	Pão.

### Dimensões

<i>Secções do forno</i>	<i>Altura</i>	<i>Largura</i>	<i>Prof.</i>
<i>Parede lateral (O)</i>	<i>Exterior</i>	Aresta à direita – 185cm Aresta à esquerda – 193cm Cumieira – 243cm	428cm -
	<i>Interior</i>	Aresta à direita – 196cm Aresta à esquerda – 173cm Cumieira – 224cm	327cm -
	<i>Exterior</i>	Aresta à direita – 183cm Aresta à esquerda - 185cm	546cm -
<i>Parede frontal (S)</i>	<i>Interior</i>	Aresta à direita – 173cm Aresta à esquerda - 190cm	266cm -
<i>Entrada (S)</i>		Arestas niveladas a 168cm	74cm -
<i>Boca da fornalha (E)</i>		Arestas niveladas a 49cm	41cm 120cm

### Análise da estrutura

<i>Planta:</i>	Retangular.
<i>Exterior</i>	
<i>Cobertura:</i>	Duas águas, em lajes de granito.
<i>Chaminé:</i>	Em granito, cilíndrica. A original era composta por duas lajes que formavam uma estrutura triangular.
<i>Paredes:</i>	Notam-se várias formas diferentes de aparelhar a pedra em todas as paredes.
<i>Entrada:</i>	Orientada a S, de recorte retangular.
<i>Porta:</i>	De madeira com sistema de fecho antigo.
<i>Interior</i>	
<i>Cobertura:</i>	Placa de cimento suportada por vigas de metal.

<i>Apoios:</i>	Um na parede S. Um na parede N. Um em frente à fornalha.
<i>Paredes:</i>	A forma de aparelhar as pedras nas paredes nem sempre é a mesma.
<i>Saídas de Fumo:</i>	Não tem.
<i>Janelas:</i>	Uma na parede O (tapada com um bloco de granito).
<i>Chaminé:</i>	Dois cachorros sustentam uma laje de granito colocada na vertical. Esta laje está colocada ao contrário.
<i>Fornalha:</i>	Orientada a E. Entrada de recorte quadrangular. Interior em cúpula, de granito.
<i>Porta da fornalha:</i>	Porta original ao lado em pedra, com um crucifixo gravado.

### **Notas de campo e informações adicionais:**

---

Informações prestadas no dia 03/10/2014, Piedade e Fernandino, residentes em Lamas de Mouro:

Serviu de casa-abrigo para "latoeiros e mendigos", que por vezes disputavam a palha que lhes era cedida pela população, das medas que se encontravam no eirado ao lado.

Levava ½ carro de lenha para o aquecer, quando este estivesse frio, e depois de várias utilizações levava 1 a 2 feixes de lenha.

# 3.2

## Ficha nº 53 – Lamas de Mouro – forno 2

### Enquadramento administrativo e localização



C.M.P. 1/25000:	Nº004
Coordenadas GPS:	42° 3' 4.7" N 8° 11' 58.5" W
Coordenadas decimais:	42.051306, -8.199583
Acessos:	Estrada nacional e estradas secundárias.
Implantação:	Terreno desnivelado.
Confrontações:	Caminho público a SO, SE e NE. Imóvel particular a NO.
Elevação:	925mts
Orientação da entrada:	SO
Proteção existente:	Não tem.

### Histórico

<i>Histórico</i>	<i>Referências documentais e bibliográficas:</i>	Não tem.
	<i>Registo predial ou urbano:</i>	Não tem.
	<i>Data de construção:</i>	Não há memória.
	<i>Período de atividade:</i>	Memória da última cozedura data de 1989.
	<i>Restauros:</i>	Restauro em 1984.
	<i>Proprietários:</i>	Não tem.
	<i>Gestores:</i>	A comunidade do lugar de cima.
	<i>Construtores:</i>	Não há memória.
	<i>Situação atual:</i>	Ativo.

### Características Gerais

<i>Técnica construtiva:</i>	Pedra aparelhadas com revestimentos e preenchimentos em cimento.
<i>Materiais presentes:</i>	Granito e cimento.
<i>Capacidade da fornalha:</i>	12 pães.
<i>Produtos confeccionados:</i>	Pão. Carne.

### Dimensões

<i>Secções do forno</i>	<i>Altura</i>	<i>Largura</i>	<i>Prof.</i>
<i>Parede lateral (SE)</i>	<i>Exterior</i>	Aresta à direita – 190cm Aresta à esquerda – 281cm	420cm -
	<i>Interior</i>	Aresta à direita – 275cm Aresta à esquerda – 2,41m	308cm -
<i>Parede frontal (SO)</i>	<i>Exterior</i>	Aresta à direita – 2,81m Aresta à esquerda – 308cm Cumieira – 218cm	578cm -
	<i>Interior</i>	Aresta à direita – 269cm Aresta à esquerda – 275cm	437cm -
<i>Entrada (SO)</i>	Arestas niveladas a	182cm	83cm -
<i>Boca da fornalha (NO)</i>	Arestas niveladas a	63cm	53cm 160cm

### Análise da estrutura

*Planta:* Retangular.

#### *Estruturas Exteriores*

*Cobertura:* Uma água em placa de cimento. Cobertura original em pedra.

*Chaminé:* Em cimento e tijolo.

*Paredes:* Parede NE e SO apresentam diferentes formas de aparelhar a pedra.

*Entrada:* Orientada a SO, de recorte retangular.

*Porta:* Em madeira.

#### *Estruturas Interiores*

*Cobertura:* Em cimento, suportada por vigas de metal.

*Apoios:* Em frente à fornalha. Um na parede NE, SE e NO.

*Paredes:* Parede NE e SO apresentam diferentes formas de aparelhar a pedra.

*Saídas de Fumo:* Uma na parede NE.

*Janelas:* Uma na parede SE.



<i>Chaminé:</i>	Em granito. Dois cachorros sustentam uma laje de granito.
<i>Fornalha:</i>	Orientada a NO. Entrada de recorte quadrangular. Interior em granito.
<i>Porta da fornalha:</i>	Em metal.

**Notas de campo e informações adicionais:**

---

Nada a acrescentar.

## Bibliografia

### *Fontes manuscritas e impressas*

SJFCLLM - JUNTA DE FREGUESIA DE CASTRO LABOREIRO (1959-2013) – Livros de Actas da Junta de Freguesia de Castro Laboreiro (06.02.1977 a 26.09.2013). S/cota.

SJFCLLM - JUNTA DE FREGUESIA DE LAMAS DE MOURO (1975-2001) – Livros das Sessões da Junta da Freguesia de Lamas de Mouro (15.01.1975 a 14.05.2001). S/cota.

LIMA, Alexandra Cerveira Pinto Sousa - Castro Laboreiro: povoamento e organização de um território serrano. Melgaço: Instituto da Conservação da Natureza, 1996.

# A ILUMINAÇÃO NO *CHALET* DO ESTORIL AO TEMPO DA RAINHA **D. MARIA PIA**

*The lighting in the Estoril Chalet at the time of Queen D. Maria Pia*

António Cota Fevereiro

## **Resumo**

No ano de 2018 publicamos a primeira obra dedicada à iluminação da Casa Real, onde disponibilizamos documentação referente às obras, à encomenda de projetos de arquitetura e à aquisição de luminária pela rainha D. Maria Pia para o seu *Chalet* do Estoril. Nesse mesmo ano tivemos acesso ao interior do edifício onde verificamos a possível colocação das peças para iluminação. Suposição corroborada pelo cotejamento com o Inventário do Real *Chalet* Estoril, que nos permitiu entender como estas peças foram criteriosamente escolhidas para uma determinada decoração. São estas novas reflexões e a realização de duas plantas dos pisos principais, ao tempo da monarquia, que aqui damos a conhecer.

**Palavras-chave:** Família Real Portuguesa, Arquitetura de veraneio, Artes Decorativas, Atelier, Luz

## **Abstract**

In 2018, we published the first work concerning the Portuguese Royal Court lighting. Where we gathered information regarding Queen Maria Pia order of ironstone works, architectural projects and the purchase of lighting fixtures for her *Chalet* of Estoril. During that same year, we had access to the interior of the building and realized how those lighting fixtures might have been placed. This assumption was confirmed when we collated the Inventário do Real *Chalet* Estoril (Royal *Chalet* Estoril Inventory). Which, allowed us to understand how those pieces were carefully chosen for a specific decoration. What we present here is these new considerations and the creation of the two main floor plans at the time of the monarchy.

**Key words:** Portuguese Royal Family, Seaside Architecture, Decorative Arts, Studio, Light

# INTRODUÇÃO

# 1.

No ano de 1893 a rainha D. Maria Pia (1847-1911) adquiriu o *Chalet* Longa Vista no Monte Estoril, construção sobranceira com uma vista privilegiada sobre o mar e o horizonte que decerto a terá influenciado, ficando então conhecido como *Chalet* ou Paço do Estoril. Para o adaptar ao protocolo, embora fosse uma residência de veraneio, a monarca ordenou obras no seu interior de forma a criar determinados espaços com uma função específica, além de criar diferentes níveis de privacidade. Nesta campanha de obras construiu-se um volume adossado para comportar a nova sala de jantar.

No seu interior mandou colocar mobiliário de acordo com a sua qualidade nas salas, nos aposentos da família real, nos aposentos da corte, nos dos empregados e nas áreas de serviço. Este reflete, em parte, o gosto dominante na década de 90 do século XIX em que se privilegiou a assimetria na criação de espaços propícios à sociabilidade, ao conforto, à privacidade e à funcionalidade. O mesmo critério selectivo estendeu-se à luminária e que de acordo com a sua escala, desenho e função foi colocada no mobiliário, na superfície parietal e no tecto. Esta reflete as novas tipologias, os novos meios de iluminação e os novos quebra-luzes em voga adquiridos pela rainha nas lojas mais selectas, cujo conteúdo é aqui revelado e enquadrado na sua época.

Ao longo do texto usaram-se as seguintes siglas: PNA é referente ao Palácio Nacional da Ajuda; PNP é Palácio Nacional da Pena; PNM Palácio Nacional de Mafra; PNS refere-se ao Palácio Nacional de Sintra e MNAA ao Museu Nacional de Arte Antiga, as quais aparecem conjuntamente com números de inventário de peças que fazem parte do acervo destas instituições.

# AS TENDÊNCIAS ESTILÍSTICAS NA DÉCADA DE 80 DO SÉCULO XIX



O desenvolvimento de novos meios de iluminação para óleo vegetal, no final do século XVIII em França, despoletou o seu consumo pela burguesia emergente na primeira metade do século XIX. A cidade de Paris tornou-se assim no maior centro produtor mundial e exportador de candeeiros, sobretudo dos do tipo *Carcel* e *modérateur*<sup>1</sup>. As principais fábricas foram: *Carcel*; *Gagneau*; *Gotten*; *Hadrot*; *Joseph Schlossmacher* (uma das maiores e com loja em Londres); *Levavas seur Frères* e *Noël Bosselut*, entre outras. O candeeiro foi assim vantajosamente empregue em mesas, apliques, candelabros, fogões de sala e em lustres, intensificando assim a luminosidade de determinado espaço interior ou exterior, integrado com a arquitetura e a decoração.

O gosto pela cultura grega e romana dominou a produção parisiense de meados do século, deliberadamente incentivada pelo imperador Napoléon III de França (1808-1873), prestando assim homenagem a seu tio o imperador Napoléon I (1769-1821). A par destas tendências também houve um interesse pela época egípcia, pela da Renascença e pela cultura chinesa e árabe. Foi neste período que os prussianos Heinrich Otto Emil Wild (1826-1896) e

---

<sup>1</sup> O candeeiro *Carcel* foi inventado em 1800 pelo relojoeiro francês Bernard Guillaume Carcel (1750-1818), também é designado como de relojoeiro, de maquinismo ou mecânico. O *modérateur* foi patenteado em 1836 pelo engenheiro francês Charles-Louis-Felix Franchot (1809-1881) e designado, em Portugal, como de bomba na documentação de época.

Friedrich Wilhelm Wessel (c.1830-1898)<sup>2</sup> foram operários, em 1853, na *Noël Bosselut* e onde aprenderam o processo de fabricar *modérateurs*. Com o conhecimento adquirido foram para Berlim onde fundaram em 1855 a fábrica *Wild & Wessel*. No início a produção foi claramente dominada pela estética francesa no fabrico dos *modérateurs*, mas gradualmente evoluíram para formas angulosas e inovadoras. Ao mesmo tempo, investiram no fabrico de queimadores e candeeiros para petróleo, tornando-os assim mais acessíveis em comparação com os anteriores. Começaram a produzir candeeiros em quantidade onde se mesclaram estilizações românicas, góticas, renascentistas, maneiristas e barrocas inspiradas em peças de ourivesaria germânica e italiana. Efetivamente a *Wild & Wessel* definiu um carácter germânico a este tipo de peças. Todavia no final da década de 80 do século XIX a fábrica embarcou no gosto pela época da Renascença Germânica, com características tardo-góticas, então em voga na Alemanha. As peças produzidas são geralmente em ferro forjado com volutas, espirais, linhas curvilíneas e motivos padronizados pintadas de preto fosco. Para contrastar cromaticamente aplicaram ornatos em latão e cobre polidos. A *Wild & Wessel* foi a mais prestigiante fábrica de luminária alemã e influenciou a concorrente austríaca *Rudolph Ditmar*.

As cidades de Berlim e de Viena tornaram-se nos principais centros produtores europeus de luminária, assim como a de Birmingham no Reino Unido. Tal facto deve-se ao aperfeiçoamento dos queimadores para petróleo com maior intensidade de luz, além de serem de fácil manutenção e o combustível ser mais acessível.

Após a guerra franco-prussiana a cidade de Paris perdeu parte da sua relevância. Com o aumento da procura de queimadores para petróleo os fabricantes e os retalhistas franceses importaram estes em quantidades consideráveis, como por exemplo a *Gagneau* que empregou exemplares da *Wild & Wessel* e da *Evered & C.º*.

---

<sup>2</sup> Ambos nasceram em Schweidnitz na Silésia Prussiana. A localidade chama-se nos dias de hoje Świdnica, após ter passado de novo para a Polónia após a Segunda Grande Guerra (1939-1945). Queremos agradecer ao historiador arménio Ara Kebapcioglu os dados biográficos dos fundadores da *Wild & Wessel*.

A produção parisiense gradualmente caminhou para o gosto pela época da Renascença e dos monarcas Louis XV (1710-1774) e Louis XVI (1754-1793), vincando assim o seu passado prestigiante e cultural após a derrota contra a Prússia. Com efeito a *Gagneau* neste período impôs-se como uma das mais selectas do seu género, alicerçada na metalística de grande qualidade empregues nos seus produtos.

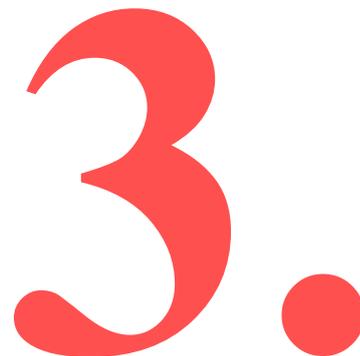
Na mesma época houve um interesse pela louça de Delft e as fábricas empregaram cópias em variadas soluções. Por um lado, temos uma produção cuidada e pintada à mão, mas a grande maioria foi produzida em faiança decorada por decalques. A fraca qualidade da aplicação destes motivos é obliterada pelo elevado efeito decorativo, realçado pela eterna combinação perfeita do azul sobre fundo branco<sup>3</sup>.

São estas as tendências estilísticas em voga no início da década de noventa na criação de luminária, patente nas peças adquiridas pela rainha D. Maria Pia em 1893 na cidade de Paris, na de Roma e na de Turim.

---

<sup>3</sup> A informação desenvolvida neste texto foi publicada em 2019 nas *Actas do V Colóquio Internacional, A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores* (Fevereiro, 2019: 363-388).

# AS NOVAS TIPOLOGIAS DE LUMINÁRIA E OS QUEBRA-LUZES EM TECIDO



Na década de 80 do século XIX apareceram no mercado novas tipologias de luminária. A primeira foram os candeeiros de pé alto inventados nos Estados Unidos da América para serem colocados ao lado de pianos. São estruturas metálicas com uma haste concêntrica elevatória até a uma determinada altura, presa por um mecanismo ou mola, com um candeeiro amovível no topo. A estas foram adicionados tampos e também passaram a ladear mobiliário de assento nas salas de estar, nas de fumo e nos gabinetes, marcando assim uma presença vertical. A segunda tipologia é a *Lampe Bijou* ou *Babylampe*, como se designa em alemão, e é um candeeiro de pequenas dimensões lançado em França. O público feminino adorou e utilizavam-se nas salas de estar, nos gabinetes, nos *boudoirs* e nos quartos de cama. A terceira são os candeeiros de coluna inventados no Reino Unido e inspirados na cultura clássica e nos motivos arquitetónicos. Foram exportados para França e para a Alemanha, entre outros países, onde depois foram produzidos.

Nestes candeeiros foi geralmente utilizado um novo tipo de quebra-luz feito a partir de uma armação metálica revestida a seda ou a papel, embelezado com flores artificiais, fitas, rendas e outros enfeites. Estes pousam em suportes específicos assentes nas galerias dos queimadores e noutros que passam através das chaminés. A luz maviosa e vaporosa destes quebra-luzes, os contrastes dos motivos das rendas e dos elementos decorativos tiveram um

sucesso extraordinário, tendo sido também colocados em lâmpadas elétricas e em velas com os respectivos suportes.

**Fig. 1** – Pintura intitulada *Choix de bijoux sous la lampe* da autoria de Marcel Rieder (1862-1942), 1895 a 1910, em que duas senhoras estão em frente a um espelho com um candeeiro para petróleo de coluna aceso e quebra-luz em tecido ou papel. Coleção particular. Imagem sob domínio público.



O uso das velas nas salas de jantar com quebra-luzes de tecido ou de papel tiveram um grande sucesso na composição de mesas em salas de jantar, nomeadamente em várias soluções propostas pela obra *Mrs Beeton's Book of Household Management*<sup>4</sup>. A família real portuguesa aderiu a este gosto, como podemos observar na *Sala de Jantar* do Paço das Necessidades os

---

<sup>4</sup> Obra publicada em 1861 da autoria da escritora inglesa Isabella Mary Beeton (1836-1865). As edições posteriores, por exemplo a de 1907, foram aumentadas com várias ilustrações coloridas e novos capítulos.

candelabros da Baixela Germain com suportes metálicos e *abat-jours* de papel sobre as velas<sup>5</sup>.

As melhorias entretanto implementadas nas lâmpadas elétricas, a partir de 1879, pelo célebre inventor americano Thomas Alva Edison (1847-1931) permitiu que ficassem acesas ininterruptamente por várias horas. A incidência de luz sobre uma determinada superfície podia ser assim regulada livremente, sem a condicionante de ter um reservatório. As enormes vantagens desta iluminação, sem manutenção diária e limpeza dos mecanismos, despoletou o seu consumo e foi empregue em candeeiros de mesa, de teto e de parede. Neste período e até à Primeira Grande Guerra (1914-1918) era comum coexistirem diversas fontes de iluminação no mesmo espaço, conforme podemos observar nos interiores do palácio dos marqueses de Linares em Madrid, onde três salas eram alumadas por candeeiros para petróleo, *modérateurs*, velas e lâmpadas elétricas (Monte-Cristo e Franzen y Nisser, 1898: 43-45).

No final da década de 80 os castiçais, as serpentinas, as palmatórias e as *bouillottes*<sup>6</sup>, entre outras tipologias, setecentistas e da primeira metade do século XIX para velas foram copiadas para a electricidade<sup>7</sup>. Nestas utilizaram-se velas falsas em vidro ou em cerâmica, para camuflarem a passagem dos fios elétricos, ou casquilhos em sua substituição. Os quebra-luzes eram em tecido, em folha pintada ou em vidro consoante a finalidade.

---

<sup>5</sup> O Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa conserva dois negativos, de autor desconhecido, da Sala de Jantar com a referida baixela. As cotas são LSM000016 e LSM000039.

<sup>6</sup> Veja-se por exemplo uma *bouillotte* para velas no estúdio/escritório do imperador Napoléon I de França (1769-1821) nas Tuileries do Palácio do Louvre, representada em 1812 pelo pintor francês Jacques-Louis David (1748-1825). A tela pertence ao acervo da *National Gallery of Art* em Washington, com o número de inventário: 1961.9.15.

<sup>7</sup> Temos vindo a verificar que nas instituições museológicas e antiquariato nacional e internacional classificam este tipo de peças como sendo do século XVIII, quando são cópias da segunda metade do século XIX e início do XX de origem adaptadas para a eletricidade.



**Fig. 2** – Diversos *flambeaux* elétricos com quebra-luzes de seda/renda e de vidro (Beziel & Ribot, 1900-1910: 18). "<https://www.CMoG.org>".

Parte destas tipologias foram adquiridas pela rainha D. Maria Pia nas compras efetuadas nas duas capitais europeias referidas.

# A AQUISIÇÃO DE

# LUMINÁRIA EM

1893



A luminária adquirida em 1893 é a mais extensa e estilisticamente coerente efetuada, até à data e segundo a investigação encetada por nós, pela rainha D. Maria Pia.

Na cidade de Paris a monarca adquiriu as seguintes peças:

- no dia 30 de junho e 25 de julho na *F. Barbedienne* 1 relógio e 2 serpentinas cada uma para 7 velas *Louis XV*, 4 castiças com *console* e 4 com *coquelle* tudo em bronze dourado (PNA, inv. 2386 a 2389 e 4093 a 4096) (ANTT, cx. 7008) (APNA, 1911: 1326v)<sup>8</sup>;

- no dia 7 de julho na *Leuchars & Son* comprou 1 *flambeau* elétrico com *abat-jour* de seda verde e 1 écran para candeeiro (ANTT, cx. 7008) (APNA, 1912: 3100v-3101);

- no dia 8 de setembro na *Maison Gagneau* comprou peças ao gosto *Louis XV* e que constam de 1 lustre de suspensão elétrico de 17 lumes para sala de jantar, 4 apliques de paredes elétricos para 3 lumes cada, 1 lustre elétrico para 3 lumes com flores de cristal e 1 ovo, 1 lustre elétrico para 7 lumes com flores

---

<sup>8</sup> Também adquiriu a escultura *Gloria Victis* redução 3/10, da autoria do escultor francês Marius Jean Antonin Mercié (1845-1916) que esteve na *Segunda Sala* e não foi localizada; uma ânfora com mulher alada em bronze dourado pelo escultor francês Louis-Ernest Barrias (1841-1905) (PNA, inv. 43186) (APNA, 1911: 2197); uma taça em mármore com montagens em bronze dourado (PNA, inv. 42291) e uma pia para água benta, com três crianças no alçado, redução n.º 2 pelo escultor francês Louis Kley (1833-1911) (PNA, inv. 42116).

de cristal, 1 lustre elétrico para 19 lumes, 1 ovo em cristal lapidado elétrico para 1 lume, 1 dita para 4 lumes, 1 *flambeau* elétrico com escultura de criança e *abat-jour* de seda rosa velho, 1 *bouillotte* elétrica para 2 lumes, 1 tocheiro elétrico com globo para 1 lume, 2 candeeiros para petróleo com peças em faiança fundo creme e flores polícromas, queimadores *Duplex* ingleses da *Evered* e globos *Baccarat*. No gosto Louis XIV escolheu 1 lanterna elétrica com coroa para 7 lumes. Ao gosto *Louis XVI* adquiriu um lustre elétrico com uma figura de criança suspensa para 4 lumes. As restantes peças foram 1 braço elétrico com cristais de Veneza para 1 lume e 2 *modérateurs* em latão e faiança decorada à maneira de Delft com 2 globos e 2 *abat-jours* de papel (Fevereiro, 2018: 160 e 183-185);

- no dia 9 de novembro na *Maison Boudet* adquiriu 1 candeeiro para petróleo *Louis XV* em prata com relógio incorporado e 3 quebra-luzes, provavelmente em papel e de formato cónico, da autoria do ourives francês Lucien Gaillard (1861-1942) conjuntamente com material para escritório (Fevereiro, 2018: 62).

Em Turim adquiriu, no dia 26 de maio, na *Janetti Padre & Figli* 1 relógio e 2 candelabros em bronze ao gosto gótico (ANTT, cx. 7008).

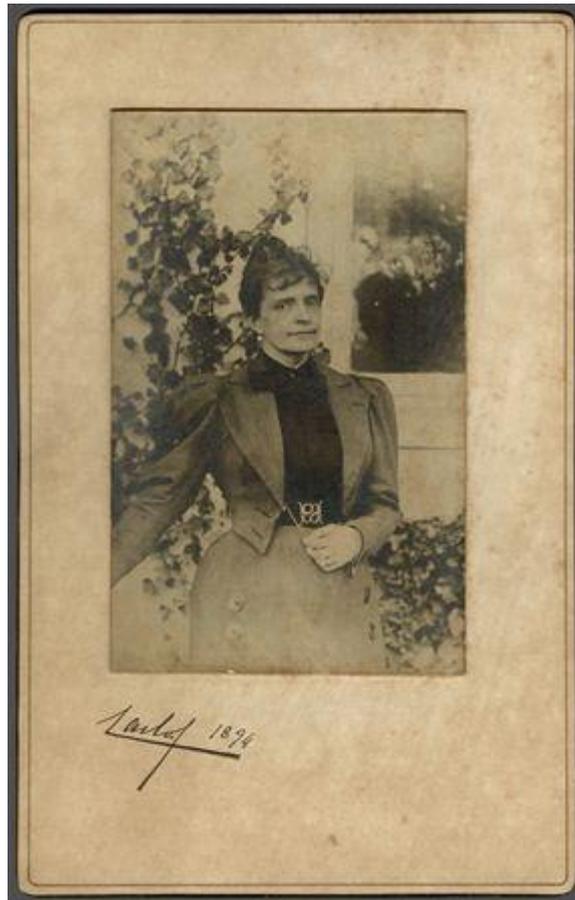
Na cidade de Roma a rainha comprou na *R. Ditmar*, no dia 30 de junho, 1 candeeiro polido à antiga com *abat-jour* amarelo e preto (poderá ser o descrito na *Primeira sala* e depois nos aposentos do rei); 1 candeeiro para estúdio para 2 lumes; 1 lustre para 5 lumes em preto; 1 dito também para cinco lumes em bronze; 1 candeeiro de pé alto para 3 lumes; 5 tulipas; 4 braços para 2 lumes cada; 1 *lamparina da signora* para petróleo (*lampe bijou*), com 6 chaminés e 1 metro de torcida; 1 candeeiro para imagem sacra<sup>9</sup> e 20 lâmpadas elétricas Edison, entre outros acessórios (Fevereiro, 2018: 182-183)<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Peça que levantou certas dúvidas e que poderá ser uma descrita no arrolamento, mas esta tem um queimador para azeite da *Gebüder Brunner* (Fevereiro, 2018: 58).

<sup>10</sup> Queremos agradecer à Professora Doutora Teresa Leonor Vale por nos ter ajudado e esclarecido na leitura deste documento.

Estas compras vêm no seguimento de uma propensão já manifestada pela monarca no Palácio da Ajuda, quando mandou redecorar o seu Toucador, à *Louis XV*, e o seu *Atelier*, ao gosto gótico, entre 1887 a 1889 (Fevereiro, 2018: 55-57). Indubitavelmente segue a moda vigente e as lojas mais selectas, mas com um intuito muito claro: dispôr de acordo com a escala, desenho e função o seu *Chalet* do Estoril com a maior parte das peças atrás descritas.



**Fig. 3** – Rainha D. Maria Pia, em 1894, no Chalet do Estoril e fotografada pelo filho, o rei D. Carlos (PNA, inv. 62074). Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF)



**Fig. 4** – *Album Açoriano*, a rainha D. Maria Pia, o seu filho o infante D. Afonso, o seu neto o príncipe real D. Luís Filipe (1887-1908) e o neto infante D. Manuel, depois rei D. Manuel II. O grafismo Arte Nova é da autoria de Joaquim Guilherme Santos Silva (1871-1948), conhecido pelo pseudónimo Alonso (*Album Açoriano*, 1903:14).

## O CHALET DO

## ESTORIL

# 5.

No dia 19 de outubro de 1889 falecia na Cidadela de Cascais o rei D. Luís (1838-1889), sucedendo ao trono o seu filho, o então príncipe real D. Carlos (1863-1908). A rainha viúva D. Maria Pia por causa das más recordações (Andrade, 2009: 219) e, provavelmente, para não importunar o filho e a nora, a rainha D. Amélia (1865-1951), decidiu deixar a Cidadela. A monarca mudou-se para a, então, emergente localidade anexa: o Monte Estoril. Nesta alugou o *Chalet* Montrose e onde veraneou<sup>11</sup> até adquirir, em 1893, o *Chalet* Longa Vista, então pertencente ao negociante João Henrique Ulrick (1850-1895). Este edifício terá sido mandado construir por ingleses e no arquivo da Câmara Municipal de Cascais não constam quaisquer documentos ou desenhos técnicos sobre o projeto inicial<sup>12</sup>. O desenho arquitetónico é depurado e sóbrio. O traçado classicista da varanda coberta e a sua proporção dignificam o conjunto, salientado assim a sua função e aproveitando as vistas circundantes. A cobertura segue a moda dos lambrequins à maneira suíça, mas desenhados com requinte. As telhas eram de marseille e o uso de outras com cores diferentes criava um motivo padronizado.

---

<sup>11</sup> No Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa há um negativo, de autor desconhecido, deste edifício com a bandeira de Portugal hasteada por ocasião da estadia da rainha naquela estância de veraneio. A cota é LSM000909.

<sup>12</sup> "Casa da Rainha Dona Maria Pia / Vila Maria Pia," Teresa Leonor Magalhães Vale, Maria Ferreira e Sandra Costa, SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, Acedido maio, 19, 2020, [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9403](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9403).

O projeto é de autor desconhecido e é baseado nas experiências em torno da habitação, europeias e americanas<sup>13</sup>, desenvolvidas no século XIX. A disposição de espaços com uma determinada função e a sua eficaz complementaridade reflete a estratificação social burguesa, baseada na separação dos espaços de estar dos de serviço. Inevitavelmente esta disposição interna reflete-se, em parte, na assimetria dos alçados. De uma maneira geral as cozinhas estão viradas a norte (por causa do acondicionamento dos alimentos em locais frescos e arejados), os espaços de estar a nascente/sul/poente (aproveitando a luz solar) e os de dormir vêm no seguimento da estrutura construtiva do piso inferior. De acordo com estas premissas o projetista aproveitou o declive do terreno e escolheu a extremidade sul para erigir o edifício. Desta forma o piso térreo ficou semi-enterrado, o principal com vistas sobre o mar e a envolvente, seguido dos restantes com os quartos e o sótão. Esta delimitação aproveitou todo o potencial que o terreno teve para oferecer e da qual partiu a distribuição interna inicial:

- Rés-do-chão com vários compartimentos e a cozinha na extremidade norte/poente;

- A caixa de escadas, único acesso vertical no interior<sup>14</sup>, na fachada nascente;

- O primeiro andar tem a entrada principal na fachada nascente, seguida de um vestíbulo, um corredor longitudinal e perpendicular ao anterior, eixo distribuidor principal. Em torno deste eixo em T estão os restantes espaços de estar/receber. As salas principais estão viradas para

---

<sup>13</sup> A relação espaços, zonas e a procura do conforto no lar aperfeiçoou-se durante o século XIX, sobretudo nos países anglo-saxónicos. Nos Estados Unidos da América foi publicado em 1842 a obra *A Treatise on Domestic Economy for the Use of Young Ladies at Home and at School*, pela pedagoga Catharine Esther Beecher (1800-1878). No Reino Unido o arquiteto Robert Kerr (1823-1904) publica, em 1864, na cidade de Londres a obra *The gentleman's house; or, How to plan English residences from the parsonage to the palace*. Outro factor decisivo na propagação de soluções arquitetónicas e espaciais inovadoras, foi a publicação periódica americana *Godey's Lady's Book*, publicada de 1830 a 1878 (Ramos, 2010: 2-72 e 194-195).

<sup>14</sup> Nos projetos deste tipo de habitação de veraneio era comum prescindir-se da escadaria de serviço, aproveitando assim mais área para os restantes espaços, como temos vindo verificar nos processos de obra existentes no arquivo da Câmara Municipal de Cascais.

nascente, sul e poente, com uma varanda coberta exterior com vista sobre o mar. A antiga sala de jantar estava virada a norte;

- O segundo e o terceiro andar têm os corredores com largura superior, facilitando assim a circulação e a colocação de mobiliário para arrecadar roupa. Os quartos desta forma tornaram-se mais pequenos e confortáveis;

- Na fachada poente há um volume octogonal e uma escadaria externa do primeiro andar para o jardim.

Este interior manteve-se quase todo inalterado, exceto nos seguintes pontos:

- No fundo do vestíbulo, do lado esquerdo para quem entra, foi colocado um ascensor e a escadaria passou a serviço. O ascensor deveria ser utilizado pela família real e restante corte, evitando assim o cruzamento nas escadas com o pessoal doméstico;

- A sala de jantar, e a do lado, deram lugar a três novos espaços. Desta forma ficaram, da fachada nascente para a poente, o *Quarto do Ajudante de Sua Majestade*, a *Sala d'entrada* e a *Sala de espera*.



**Fig. 5** – *Chalet* do Estoril. Postal sem data e editado pela M. & R. Lisboa N.º 287. Coleção do autor.

A *Sala d'entrada* passou assim a ser um espaço entre o público e o privado, para onde se passava para a *Sala de espera* onde se era recebido. No seguimento desta última foi construída a nova *Casa de Jantar*, com a cozinha no rés-do-chão, num volume adossado e construído propositadamente para esse fim. O projeto esteve a cargo do arquiteto Luís Caetano Pedro de Ávila (1832-1904)<sup>15</sup> e segundo “... *as indicações e desejos da rainha sr.ª D. Maria Pia, ficou de um rigor estranho, nos seus mais minuciosos pormenores, o que bem manifesta a alta competencia e os vastos conhecimentos que da sua grande arte tem Rozendo Carvalheira.*” (Marques, 1896: 75)

No Palácio da Ajuda foi arrolado, em 1912, um conjunto de desenhos técnicos (APNA, 1912: 2512) e que podem ser os que se encontram hoje no Arquivo Nacional da Torre do Tombo<sup>16</sup>, oferecidos à monarca por Luís Caetano Pedro de Ávila. Da sua leitura depreende-se que o arquiteto deverá ter sido o autor das alterações internas do edifício e da construção do novo volume. O projeto da *Casa de Jantar* poderá ser da autoria do arquiteto Rosendo Garcia de Araújo Carvalheira (1861-1918), conforme nos relata a imprensa da época.

Por causa desta nova disposição interna a fachada tardoz foi alterada e colocado um toldo em ferro, para resguardar da intempérie quem chegasse. O reboco exterior simula um aparelho de pedra e que se prolonga para o volume adossado. O desenho arquitetónico remete-nos para as construções análogas francesas, acentuada pelas persianas nas portas janelas e um certo ar mediterrânico.

---

<sup>15</sup> Teve como honorários o valor de 1:700.000 réis. Ao arquiteto Cesare Ianz (c.1862-1896) foram encomendados outros trabalhos e despesas decorrentes, conforme o recibo datado de 16 de fevereiro de 1895, que constam de: dois projectos de ampliação realizados em 1894 no valor de 870\$000; 1 orçamento de 435\$000 em 1894; transportes, jornadas e despesas várias no valor de 95\$000 nos anos de 1894 e 1895, o que perpez um total de 1:400\$000 réis (Fevereiro, 2018: 63).

<sup>16</sup> Ver "Plantas da vila no Estoril de Sua Majestade a rainha a senhora D. Maria Pia," Arquivo Nacional da Torre do Tombo, última modificação fevereiro, 4, 2015, Acedido maio, 19, 2020, <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4644229>.

A *Casa de Jantar* foi decorada à *Louis XV*, com obra de talha em nogueira sobre olho-de-perdiz com ornatos em dourado da autoria de Guilherme Coutinho (1844-?) (Marques, 1896: 75)<sup>17</sup>.

As pinturas ficaram a cargo do artista António Ramalho (1859-1916) e que enveredou pela representação de espécimes botânicos, tendo como fundo o céu azul, nuvens e andorinhas nas paredes e sobre os vãos. Estas pinturas quebram a simetria das boiserias, imbuídas ainda num gosto naturalista e japonizante em voga uns poucos anos antes<sup>18</sup>. No tecto realizou, nos quatro cantos, pinturas com grinaldas de flores, cestos de flores e pombas. Ao centro há um medalhão com ramos floridos, aves e três meninos com fitas cor-de-rosa unidas a esvoaçarem do centro de onde pendia o lustre, pormenor invulgar e original, assinada pelo artista em 1896. Esta pintura é ladeada pelos escudos da Casa de Bragança e pela de Sabóia, solução afirmativa que a rainha também seguiu no seu *Atelier* no Paço da Ajuda.

A proporção harmónica deste espaço apoia-se na sua simetria e na delicadeza perene e assimétrica das pinturas, contribuindo assim para um certo *dolce far niente* que se espera numa estância de veraneio.

Os trabalhos de marcenaria e *parquets* estiveram a cargo de Frederico Augusto Ribeiro (1853-?), que na mesma altura fez outros trabalhos para o Paço das Necessidades e para a Cidadela em Cascais (Marques, 1896: 75)<sup>19</sup>, entre outros fornecedores<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> Temos vindo a fazer um levantamento, desde 2010, de projectos de arquitectura e artistas associados na região de Lisboa entre a segunda metade do século XIX e início do XX e só encontramos o nome de Guilherme Coutinho como autor de parte da marcenaria e da talha para o Sanatório de Sant' Anna na Parede. A restante é da autoria de Frederico Augusto Ribeiro. O projecto arquitetónico é da autoria de Rosendo Carvalheira, onde também colaboraram os arquitetos Álvaro Augusto Machado (1874-1944), Manuel Joaquim Norte Júnior (1878-1962), António do Couto de Abreu (1874-1946) e Adolfo António Marques da Silva (1876-1939). (Costa Campos, 1908: 35). No entanto apresentamos aqui, pela primeira vez, dados sobre o entalhador Guilherme Coutinho: nasceu no dia 1 de janeiro de 1844 na freguesia da Sé de Lisboa e filho legítimo de António Joaquim Coutinho e de Antónia Maria dos Mártires Martins; casou no dia 2 de junho de 1867 na freguesia de São José, da mesma cidade onde era morador no Largo da Oliveira n.º 7, com Jesuína Adelaide de Carvalho.

<sup>18</sup> O mesmo género de pinturas, mas com fundo rosa, foram realizadas na Sala de Jantar do infante D. Afonso no andar nobre do Palácio da Ajuda.

<sup>19</sup> Foram de sua autoria o Gabinete ou Quarto do rei D. Carlos no Palácio das Necessidades e a Sala de Jantar na Cidadela de Cascais (remodelada após a morte de D. Luís por vontade do filho) (Fevereiro, 2012: 256-258).

<sup>20</sup> Os fornecedores foram os seguintes: *Herrmann* (instalações eléctricas); *Barbosa & Costa* (mobiliário); Manuel Henrique (cal de Alcabideche); Domingos António Geraldo (cimento, cal, tijolo e saibro); António

A nível de estuques não sabemos quem foi o encarregado, mas os de melhor qualidade encontram-se na *Sala d'entrada*, na *Sala de espera*, nos *Corredores do 1.º Pavimento*, na *Primeira Sala*, na *Segunda Sala* e na *Salinha Oitavada*. Estes são na maioria *Louis XVI*, exceto a *Salinha Oitavada* que é ao gosto mourisco. Os dos dois primeiros espaços são inegavelmente da campanha de remodelação, mas os restantes não há ainda a certeza se são os de origem. Efetivamente estes estuques levantaram várias questões concernentes às inclinações da rainha D. Maria Pia. Ao longo da sua vida seguiu as últimas tendências estilísticas, embora assimiladas de acordo com o seu próprio gosto e para uma determinada decoração. Cronologicamente estas foram: nos anos 60 e 70 as culturas clássicas e da renascença; na década de 80 o japonismo, a renascença, o gótico e o reinado de Louis XV; nos anos 80 para 90 a renascença germânica e Louis XV; nos anos 90 e início do século XX embarca na Arte Nova e na aquisição de peças depuradas esteticamente<sup>21</sup>. Após a viuvez, e ao fim ao cabo com mais tempo livre dos assuntos de estado, entrega-se com mais afinco à consecução de mobiliário, tecidos, porcelanas<sup>22</sup>, peças decorativas, ourivesaria e demais objectos, na sua grande maioria *Louis XV*. Estes foram elencados aquando do arrolamento judicial, entre 1911 e 1913, no Paço da Ajuda, nomeadamente o mobiliário e já objeto de estudo por Maria do Carmo Rebello de Andrade. Uma parte é da autoria dos *ébénistes* preferidos da monarca, o italiano Paul Sormani (1817-1877), residente em Paris, e seu filho Paul-Charles Sormani (1848-1926), adquiridos

---

Francisco da Matoza (lavagens e pintura); *Julio Gomes Ferreira & C.ª Ld.ª* (canalizações para água, gás e electricidade); *Filtre Chamberland systeme Pasteur* (filtros de água); *Joaquim Domingos de Oliveira* (vidros para vãos); *José Moreira Rato & Filhos* (cantaria); Thiago Antonio da Silva & Cª (ferragens); *José Joaquim Ferreira* (perfumaria e drogaria); Frederico Collares (vigamente em ferro para a *Casa de Jantar*); *Izidro Soares da Silva Pereira & C.ª* (madeira); *Antonio Jose Fernandes Jasmim* (papelaria); *Maison Fontaine Paris*; António Moreira Rato & Filhos (cantaria) e João Felix da Silva (Fevereiro, 2018: 63).

<sup>21</sup> A Família Real Portuguesa e a Arte Nova têm vindo a ser objecto de estudo no decurso da nossa investigação sobre a corrente estética.

<sup>22</sup> No remanescente espólio de porcelana são significativos os serviços de mesa e bebidas quentes *Meissen*, copiados e característicos da sua produção setecentista, adquiridos pela rainha no início do século XX. (Reis e Louro, 1987: 25-45).

para o Paço do Estoril e da Ajuda. Contudo, para este último, adquiriu uma vitrine *Louis XVI* (PNA, inv. 1662) (Andrade, 2009: 212-213), único exemplar entre quinze de mobiliário atualmente existente destes autores. A mesma diminuta compra por peças *Louis XVI* é evidente no recibo de 1893 da *Gagneau*, anteriormente aludido, o que parece indicar que só muito pontualmente a rainha integrou este estilo em determinados espaços. No entanto, o *Louis XV* é dominante no *Chalet* do Estoril, conforme iremos abordar em seguida.

# A ILUMINÁRIA NO CHALET DO ESTORIL

# 6.

No *Inventario do Chalet Real Estoril*<sup>23</sup>, realizado entre 1896<sup>24</sup> a 1910, o (s) arrolante (s) começou (aram) no *1.º Pavimento* pela *Primeira Sala*. A maioria do mobiliário *Louis XV* era composto por de assento, biombo, cadeiras e mesas, conjuntamente com cortinados no mesmo gosto<sup>25</sup>. Havia também mobiliário de assento estofado, um relógio em forma de farol (PNA, inv. 1990)<sup>26</sup>, um aquário em porcelana oriental (PNS, inv. PNS111)<sup>27</sup>, mesas, biombos, um armário e o busto do rei Vittorio Emanuele II (1820-1878) pai da monarca, entre outras peças. Esta disposição assimétrica e eclética é característica de finais do século XIX, complementada por plantas em vasos, biombos e outras peças verticais para diferentes enquadramentos e recantos no espaço para estar e conversar, aproveitando assim todo o potencial da

---

<sup>23</sup> Queremos agradecer à conservadora de ourivesaria Teresa Maranhas do Palácio Nacional da Ajuda nos ter disponibilizado o inventário para consulta.

<sup>24</sup> O serviço de mesa e sobremesa, respetivamente da *Haviland* e *Laviolette*, foi adquirido no dia 21 de dezembro de 1896 aos armazéns *Grand Dépôt E. Bourgeois* em Paris. (Reis e Louro, 1987: 118).

<sup>25</sup> Este tipo de cortinados eram vendidos nos armazéns da *Maple & Co.* inspirados na época Louis XIII, XIV, XV e XVI, entre outros de gosto mais moderno (Maple & Co., 1889: 172-176). Nestes armazéns fornecia-se a família real portuguesa.

<sup>26</sup> Está hoje na *Sala de Marmore* do Palácio da Ajuda.

<sup>27</sup> Identificado por nós no decurso desta investigação.

varanda coberta exterior e vistas. Sobre o fogão de mármore, com vão exterior ao centro à francesa, estava um relógio e respectivas serpentinas *Louis XV* em bronze dourado, provavelmente adquiridos em 1893 na *F. Barbedienne*. A restante iluminação era assegurada por: um tocheiro com um globo (APNA, 1911: 668 e 2214); um lustre para 7 lumes e por um candeeiro elétrico de uma figura sobre uma peanha da *Gagneau*. Havia também dois quebra-luzes de seda: um amarelo com rendas pretas e outro branco e rosa (APNA, sem data: 2-11).

## 1.º Pavimento

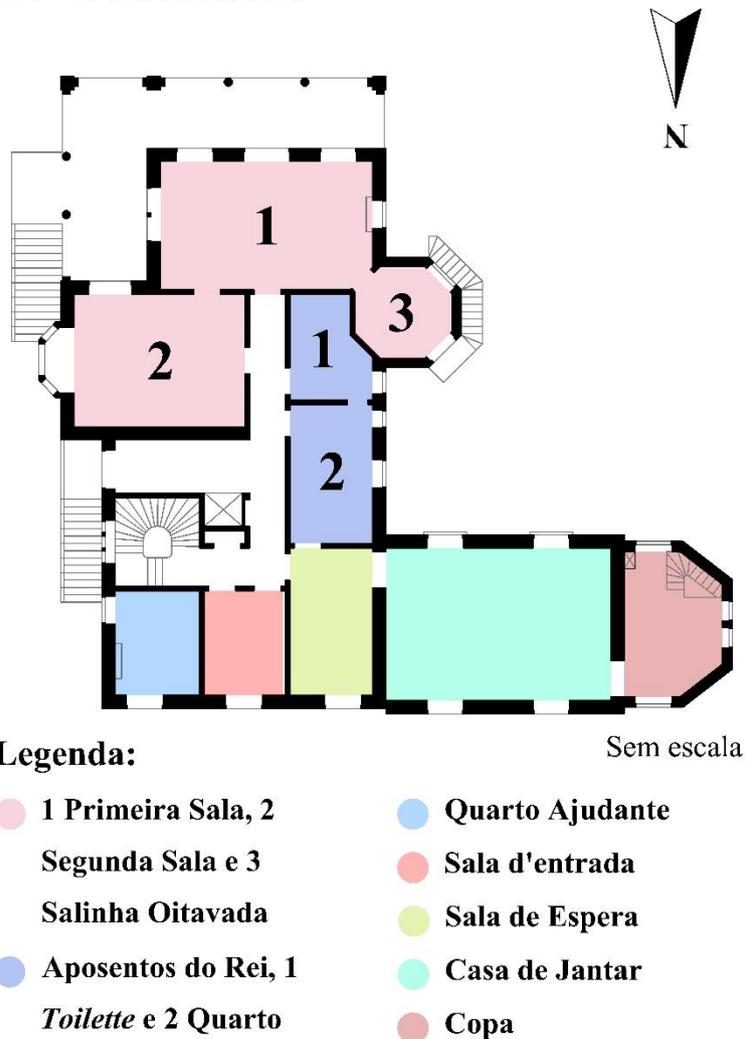
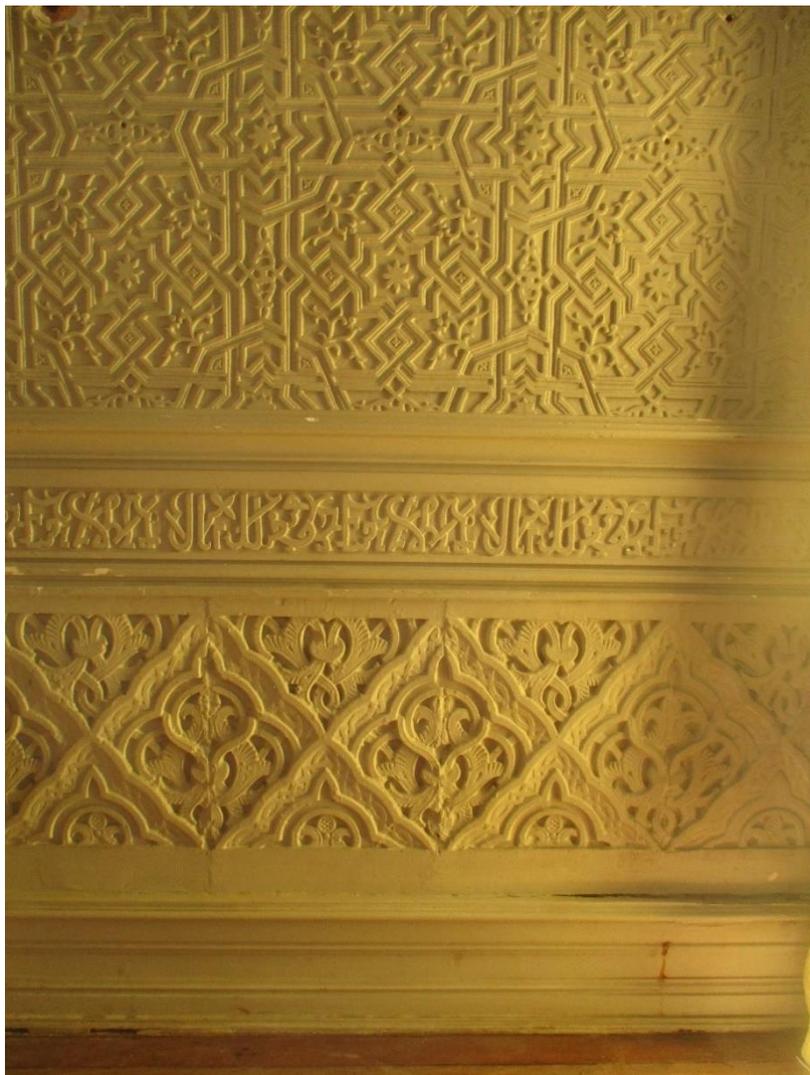


Fig. 6 – Planta do 1.º Pavimento realizada pelo autor em formato digital.



**Fig. 7** – *Primeira Sala*, provavelmente em 1896, fotografada para o artigo de Henrique Marques. Podemos observar o aquário que está hoje no Palácio Nacional de Sintra. Esta fotografia e a da *Casa de Jantar* foram identificadas por nós no Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa. Fotografia de autor desconhecido, sem data. Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, núcleo fotográfico, cota: NEG000291.

A *Salinha Oitavada* foi decorada com: mobiliário de assento estofado; duas cadeiras *Louis XV*; mesas e uma secretária. Nesta sala havia material para fotografia e um cavalete, o que parece indicar ser um espaço de trabalho. Como iluminação foi descrito um candeeiro elétrico em bronze dourado *Louis XV* com *abat-jour* côr de rosa, um lustre no mesmo metal para quatro lumes (APNA, sem data: 12-17).



**Fig. 8** – *Salinha Oitavada*, rodapé em madeira, lambril e superfície parietal em estuque, pormenor. Fotografia do autor, 8 de novembro de 2018.

A *Segunda Sala* continha mobiliário de assento estofado, uma mesa de centro, cadeiras, uma chaise-longue, mesas, um armário envidraçado e um biombo. Ao gosto *Louis XV* havia três cadeiras, uma mesa, um espelho e uma credência antiga. A nível de luminária era guarnecida com um lustre central para 19 lâmpadas elétricas; dois apliques para 3 lâmpadas cada um nas paredes; um candeeiro de pé alto com *abat-jour* de seda cor-de-rosa e um anjinho suspenso com duas lâmpadas elétricas. O lustre e os dois apliques parecem ser os adquiridos na *Gagneau O* de coluna com quebra-luz de seda, aparentemente, poderá ser o da *R. Ditmar* ou os que foram arrolados na Ajuda

e em Sintra<sup>28</sup>. Este espaço pode ser considerado mais de trabalho, de escrita e de estar de acordo com a leitura do inventário (APNA, sem data: 18-29).

O vestíbulo e o corredor, descritos como *Corredores do 1.º Pavimento* eram iluminados por uma lanterna para 4 lâmpadas elétricas, provavelmente da *Gagneau*, e por dois candeeiros para petróleo de parede (APNA, sem data: 30-31) (APNA, 1912: 3395v. a 3396).

Os aposentos do rei D. Carlos, ou de D. Manuel (1889-1932), eram compostos pelo *Toilette* e pelo *Quarto de Sua Magestade El-Rei*. No quarto o mobiliário era à época do rei francês Henry II (1519-1559) e tinham luz elétrica (APNA, sem data: 32-39).

O *Quarto do Ajudante de S. M.* tinha uma tulipa e lâmpada elétrica, mobiliário em *pitch-pine* e um telefone *Herrmann* (APNA, sem data: 44-47).

A *Sala d'entrada* estava mobilada com mobiliário de assento em couro, com ornatos em metal amarelo e uma mesa de centro. Do teto pendia a lanterna *Louis XIV* da *Gagneau* (APNA, 1912: 3394v. a 3395). Na *Sala de espera* optou-se por mobiliário de assento dourado *Louis XV*, uma mesa e um lustre para cinco lâmpadas elétricas com tulipas, provavelmente o adquirido na *R. Ditmar* (APNA, sem data: 48-55).

---

<sup>28</sup> A rainha D. Maria Pia adquiriu em Paris, em 1905, dois candeeiros de pé alto e que chegaram a Lisboa em 1906. O primeiro é francês, *Louis XV*, bronze dourado, com um queimador *Elite* para petróleo da *Carl Holy* de Berlim e tinha um *abat-jour* de seda rosa (PNA, inv. 2082). O segundo é britânico, para luz elétrica, metal dourado e também tinha um *abat-jour* cor-de-rosa (PNA, inv. 51101). Ambos foram arrolados no Paço da Ajuda na Sala Azul. Se o descrito no Estoril for o segundo exemplar: o inventário do *Chalet* poderá ser datado de 1906 a 1910. Na Ajuda tinha um para petróleo da *Hinks* (PNA, inv. 44262) e outro neste modelo, adaptado em Paris, para um *modérateur* (PNP, inv. PNP2140). No Paço de Sintra tinha outro descrito para electricidade, mas nas fotografias existentes da *Salla dos Cysnes* podemos observar que era para petróleo e não foi localizado (Fevereiro, 2018: 72-77).



**Fig. 9** – Infante D. Afonso fotografado, em 1909, pelo fotógrafo britânico David Knights-Whittome (1876-1943) em frente à porta exterior da *Sala d'entrada*. The Past on Glass at Sutton Archives, DKW\_30452A\_Alfonso\_L.

Na *Casa de Jantar* o mobiliário era composto por uma mesa extensível, um trinchante, um guarda-prata, um aparador e 24 cadeiras em couro com o monograma real ao gosto da renascença. Efetivamente as cadeiras assemelham-se às que a rainha encomendou para o Paço da Ajuda, posteriores a 1879, e às do Paço de Sintra encomendadas à parisiense *Maison Krieger A. Damon & Cie.* em 1889 (Montesinos, 2019: 87) para as respetivas salas de jantar da época renascentista e maneirista. Temos assim a continuação de um gosto já manifestado nos paços onde residiu, mas, todavia, encomendou um projeto para sala de jantar *Louis XV* à *Maison Krieger* em data

desconhecida<sup>29</sup>. Ao centro pendia o lustre em bronze dourado *Louis XV*, com *abat-jour* verde ao centro e braços laterais para lâmpadas elétricas da *Gagneau*<sup>30</sup>. Nos armários foram elencadas quatro serpentinas *Christofle* cada uma para 4 lumes (PNA, inv. 6429 a 6434 e 451 a 454), quatro em metal prateado cada uma para 3 lumes (PNA, inv. 396 a 397 e 44594 a 44595)<sup>31</sup> e vinte e oito bobeches. Os serviços em porcelana eram: uma molheira com friso azul da *Vista Alegre*; um de mesa da mesma proveniência com filetes vermelhos<sup>32</sup>; um dito da mesma manufatura com friso verde<sup>33</sup>; chávenas para chá, café e pequeno-almoço do mesmo fabricante com heras cor-de-rosa<sup>34</sup>;

---

<sup>29</sup> O Palácio Nacional da Ajuda conserva o projecto da *Maison Krieger* e que se compõe por: um desenho de duas cadeiras com assentos estofados, uma com espaldar em palhinha e a segunda com o mesmo espaldar, mas estofado no cachaço (PNA, inv. 45161); uma mesa (PNA, inv. 45153); um aparador (PNA, inv. 59516) e os cortinados (PNA, inv. 45160).

<sup>30</sup> Na fotografia publicada em 1896, de fraca qualidade de impressão, constatamos que o lustre é o mesmo modelo de um no Palácio Nacional de Mafra (PNM, inv. PNM 2017). Tem um *abat-jour* verde acinzentado, o mesmo número de luzes e todas as características descritas, o que nos levou a assumir que era o exemplar do *Chalet* do Estoril. Todavia, com a descoberta recente da fotografia da *Casa de Jantar* constatamos que os quatro cabos de suspensão são diferentes dos que estão em Mafra. Um lustre com todas as características do mesmo que esteve na *Casa de Jantar* foi o lote 213 do leilão 115, que ocorreu de 13 a 14 de dezembro de 2017, da leiloeira *Renascimento* em Lisboa.

<sup>31</sup> Foram depois para o Paço da Ajuda e onde foram arroladas na Arrecadação das pratas e louças. Na mesma arrecadação mencionam outro par de serpentinas para 3 lumes cada uma e que podem ser as que atualmente têm os números de inventário 394 e 395 (APNA, 1911: 1175v. e 1344). No *Chalet* do Estoril a rainha D. Maria Pia tinha, pelo menos, 16 suportes de velas para *abat-jours* (APNA, 1911: 1315v.)

<sup>32</sup> Não constam no acervo do Palácio Nacional da Ajuda.

<sup>33</sup> Serviço referido em inventários anteriores a 1910, mas, aparentemente, não foi arrolado no Paço da Ajuda.

<sup>34</sup> Ostenta a marca de fabrico *Verde grande fogo a pincel* usada de 1881 a 1921. No inventário dizem que são parras e este serviço para bebidas quentes está marcado para o estabelecimento comercial lisboeta *Boaventura dos Reis, filho 141 a Rua da Prata 143 Lisboa*, foi depois arrolado no Paço da Ajuda (APNA, 1911: 1495v.) (PNA, inv. 19867 a 19942, em cacos 19443 a 19952, 19953 a 19996, em cacos 19997 a 20007 e 20008 a 20056)

chávenas para café e para chá azuis-escuras de *Sèvres*<sup>35</sup>; chávenas para café em azul-escuro da francesa *Pillivuyt*<sup>36</sup> e parte do serviço do Estoril das francesas *Haviland* e *Laviolette*, produzidos na região francesa de Limoges<sup>37</sup>. A policromia destes exemplares como que se enquadra com a restante decoração, pormenor sensível que a rainha demonstrou nos paços onde residiu. Na *Copa* havia dois candeeiros para petróleo de parede (APNA, sem data: 56-65).

---

<sup>35</sup> Trata-se de um conjunto de chávenas para chá e para almoço adquiridas na manufatura em 1888 pela rainha (PNA, inv. 16767 a 16819, 42513 a 42521, exceto a 42517 que é uma peça Meissen) (APNA, 1911: 1487v. a 1488) (Correia, 2008: 120).

<sup>36</sup> Estas chávenas fazem parte de um serviço de mesa, de sobremesa, de pequeno-almoço, de chá, de chocolate e de café que existe actualmente no acervo do Palácio Nacional da Ajuda (APNA, 1911: 1458 a 1461v.) (PNA, inv. 2450 a 2454, 17723 a 17982, 18071 a 18393, 18594 a 19866, 56689 a 56696, 56700 e 56712) (Reis e Louro, 1987: 119-121).

<sup>37</sup> Trata-se de um serviço encomendado através dos afamados armazéns parisienses *Grand Dépôt E. Bourgeois* composto pela seguinte forma: o serviço de mesa tem fundo branco, rebordos espiralados (forma *Torse*), cercadura com motivo padronizado e filete dourado, com monograma coroado da rainha D. Maria Pia; o serviço de sobremesa (os açucareiros eram da *Haviland*) foi pintado pelo afamado artista Muville com representações de peixes, de aves, de flores e de pintainhos, com o mesmo monograma coroado, os rebordos em dourado nos pratos e nas travessas. É exemplificativo do quanto a monarca escolhia com precisão um conjunto para ser usado num determinado ambiente e decoração mais informal, sem descurar o requinte (APNA, 1911: 1462v. a 1463) (Reis e Louro, 1987: 118). Um lote foi vendido na leiloeira São Domingos, na cidade do Porto, em abril de 2015; o segundo na leiloeira Almeida & Monteiro, em Lisboa, em maio do mesmo ano; o terceiro na Cabral Moncada em junho de 2019. Este último foi adquirido pelo estado para integrar o acervo do Palácio Nacional da Ajuda (PNA, inv. 22062 a 22293, 58030 a 58035, 55497 e 58363).



**Fig. 10** – *Casa de Jantar*, provavelmente em 1896, fotografada para o artigo de Henrique Marques. Podemos observar no guarda-prata as chávenas *Vista Alegre* e *Sèvres*. Na mesa estão chávenas da *Vista Alegre*, os dois saleiros da Baixela Veyrat e o serviço de mesa em vidro que está hoje no Palácio Nacional de Sintra (PNS, inv. PNS4659 a PNS5368). Fotografia de autor desconhecido, sem data. Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, núcleo fotográfico, cota: NEG001071.



**Fig. 11** – *Casa de Jantar*, pormenor de um dos medalhões nos cantos das cambotas, com pintura de António Ramalho. Fotografia do autor, 8 de novembro de 2018.



**Fig. 12** – Travessa, de um total de oito, do serviço de sobremesa *Laviolette*, lote 438 do leilão presencial N.º 200, datado de 4 de Junho de 2019. Cortesia da Cabral Moncada Leilões / Vasco Cunha Monteiro 2019.



**Fig. 13** – Prato do serviço de sobremesa *Laviolette*, lote 437 do leilão presencial N.º 200, datado de 4 de Junho de 2019. Cortesia da Cabral Moncada Leilões / Vasco Cunha Monteiro 2019.

A *Escada interior* era iluminada por três candeeiros para petróleo de parede e por um de parede para luz elétrica com a respetiva tulipa<sup>38</sup> (APNA, sem data: 66-67).

---

<sup>38</sup> Pode ser o mesmo que ainda se encontra na caixa de escadas do edifício. É um braço em metal dourado para gás e que foi posteriormente adaptado para eletricidade.

O inventário do então denominado *Andar Nobre*, habitado pela família real, começou pelo corredor onde estavam dois armários e um guarda-fato. A luz artificial era assegurada por dois candeeiros para petróleo de parede e por duas tulipas suspensas para eletricidade. O *Primeiro Quarto* era para dormir e tinha uma tulipa para lâmpada elétrica. O *Segundo Quarto* era também para dormir e tinha dois candeeiros em metal dourado. Não sabemos a quem estava (m) destinado (s) estes espaços (APNA, sem data: 68-75)<sup>39</sup>.

## Andar Nobre



Fig. 14 – Planta do *Andar Nobre* realizada pelo autor em formato digital.

<sup>39</sup> Poderiam ser os dos netos, do príncipe real D. Luís Filipe e do infante D. Manuel.

O *Quarto de Sua Alteza* era o quarto de dormir do infante D. Afonso, segundo filho da rainha. Do tecto estava suspenso um lustre em ferro preto e ornatos em cobre para cinco tulipas e respetivas lâmpadas elétricas, provavelmente o adquirido na *R. Ditmar*. Contíguo a este havia o *Quarto de lavar de Sua Alteza* e que era uma instalação sanitária, iluminada por uma tulipa e lâmpada elétrica. A mesma fonte de luz foi empregue na instalação sanitária do respetivo piso (APNA, sem data: 76-83).

No mesmo pavimento os aposentos da rainha D. Maria Pia tinham início no *Primeiro quarto dos aposentos de Sua Magestade* que continha uma secretária *Louis XV*, mesas, bastidor para bordar e material para pintura, aguarela e desenho. Poderá tratar-se do seu *atelier*<sup>40</sup>. O *Gabinete* continha uma *pequena secretaria Vernis Martin acharoadada de verde* (PNA, inv. 2962)<sup>41</sup>, duas mesas e uma *étagère*. A iluminação elétrica era assegurada por um lustre de metal dourado em forma de ovo (PNP, inv. PNP1125) (APNA, 1912, 3398 a 3398v.)<sup>42</sup>, adquirido na *Gagneau*, e um candeeiro de mesa com quebra-luz de folha pintada. Tinha também um castiçal de prata da *Baixella*, com arandela de vidro, suporte metálico e *abat-jour* em papel cor-de-rosa. No inventário não mencionam a qual baixela pertenceria o castiçal<sup>43</sup>, mas poderá ser um, de um total de vinte e três, que fazem parte da denominada Baixela Germain (PNA, inv. 5326 a 5342; MNAA, inv. 1928 a 1931 e 1934 a 1935) (APNA, 1910-1911: 2492v.). A presença desta peça setecentista como que enfatiza ainda mais esse período histórico, integrada com a restante decoração

---

<sup>40</sup> Na Ajuda e no Paço de Queluz a monarca também tinha os seus *ateliers*.

<sup>41</sup> Peça da autoria de *Sormani Veuve Paul et Fils* de Paris (Andrade, 2009: 218-222) (APNA, 1912: 3535v. a 3537v.). No mesmo fornecedor adquiriu, em 1888, o *bonheur LXV vernis martin* ou *bonheur-du-jour à abattant* actualmente com o número de inventário 2100 do Palácio Nacional da Ajuda. Cf. (Andrade, 2009: 210-213). Identificado por nós no arrolamento (APNA, 1912: 3534v. a 3535v.).

<sup>42</sup> Identificado por nós no decurso desta investigação.

<sup>43</sup> A baixela Veyrat, dita *do casamento* do rei D. Luís e de D. Maria Pia na documentação coeva, não tem castiçais, mas, sim, dois candelabros para 7 lumes cada um (APNA, 1911: 1265 a 1277v.) (PNA, inv. 9635 a 9828, 50702 a 50755 e 64849).

e mobiliário de fabrico moderno inspirado nessa época<sup>44</sup>. No *Quarto da cama de Sua Magestade Rainha* o mobiliário era ao gosto de *Louis XV*. A iluminação elétrica era assegurada pelo braço em forma de ramo e flor em cristal de Veneza e pelo lustre em bronze, para quatro lumes e quebra-luz em forma de ovo, adquiridos na *Gagneau*. O *Toilette de Sua Magestade* continha mobiliário *Louis XV* e iluminado por um anjinho de madeira, com fita suspenso do tecto, e por dois braços com tulipas. Estes deveriam ladear um dos móveis e podem ter sido os adquiridos na *R. Ditmar* em Roma. O mesmo uso de velas foi seguido neste espaço com a presença de um castiçal da *Baixela Germain* (MNAA, inv. 1928 a 1931 e 1934 a 1935), já referida, e por um par de castiçais em prata, com as armas do rei D. João VI (1767-1826) e que pertenceram ao *Real Thesouro* (PNM, inv. PNM7347 a PNM7348). Este espaço comunica com a antiga *Casa de Banho* e que continha: um guarda-fato *Louis XV*, retrete, lavatório, bidet e demais objectos para a higiene diária. Tinha duas tulipas e lâmpadas elétricas. A mesma fonte de luz iluminava o *Guarda-Roupa*, conjuntamente com um candeeiro para petróleo de parede. Aqui terminou o inventário do *Andar Nobre* e em seguida descreveu-se o andar superior, provavelmente reservado aos elementos da corte mais próximos à família real (APNA, sem data: 84-119).

---

<sup>44</sup> Além de fazer referência a um dos mais célebres ourives franceses: François-Thomas Germain (1726-1791) ourives do rei de França e fornecedor de várias casas reais europeias, entre elas a portuguesa e detentora de um significativo acervo artístico de sua autoria.



**Fig. 15** – Desenho datado de 1898 do Chalet da autoria da rainha D. Maria Pia (PNA, inv. 58277/3).  
Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF).



**Fig. 16** – Desenho datado de 1898 do Chalet da autoria da rainha D. Maria Pia (PNA, inv. 58277/4). Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF).



**Fig. 17** – Atelier do rei D. Carlos no Paço das Necessidades, fotografado para um artigo de Alfredo Guimarães publicado, em 1899, no número 3 da revista *Brasil-Portugal*. Identificado por nós nesta investigação. Podemos observar como a Família Real tinha um verdadeiro apreço pelo mar e pelas artes, expresso no teto. No lado esquerdo está a obra *Tentações de Santo Antão* (MNAA, inv. 1498 Pint) do pintor holandês Jheronymus Bosch (c. 1450-1516). Fotografia de autor desconhecido, sem data. Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, núcleo fotográfico, cota: NEG000330.

No *Corredor do ultimo pavimento* havia um guarda-fatos e uma cómoda. Era iluminado por dois candeeiros para petróleo de parede e por uma tulipa com lâmpada elétrica. Os restantes espaços eram o *Primeiro quarto do ultimo pavimento*, o *Segundo quarto*, o *Terceiro quarto*, o *Quarto quarto*, a *Retrete*, a *Casa de banho*, os *Aposentos do Particular de Sua Magestade*, o *Segundo quarto*, o *Quarto do Ajudante de Sua Alteza* e a *Casa de banho* eram todos iluminados por tulipas e respetivas lâmpadas elétricas (APNA, sem data: 120-151).

O *Pavimento terreo* era reservado às áreas de serviço e aos quartos dos criados internos. A iluminação elétrica estava circunscrita à *Casa de jantar da mesa da familia*, à *Rouparia*, aos *Corredores* (onde estava o telefone e o quadro elétrico das campainhas dos pisos superiores), à *Mantieiria* e à *Cosinha e dispensa* com tulipas para lâmpadas suspensas. Na *Cosinha e dispensa* também havia braços para eletricidade e candeeiros para petróleo de parede. Estes últimos também iluminavam os *Corredores* e a *Mantieiria*. Na *Ucharia* não havia iluminação artificial. O *Quarto do moço d'ordens*, o *Quarto do creado do Ajudante de S. A.*, o *Quarto do moço de sala*, o *Quarto dos cozinheiros*, o *Quarto do moço de meza* e o *Quarto de valet-pied* tinham castiçais e palmatórias para velas. Nos *Quartos de criados dos quartos* também não foram descritas as fontes para iluminação (APNA, sem data: 158-177).

A *Cosinha e dispensa* continham toda a parafernália necessária para a confeção de comida. Próxima a estes espaços estava a *Mantieiria* onde estava o restante serviço de *Haviland* e *Laviolette*, já aludidos (APNA, sem data: 184-190).

A *Casa dos candieiros* também estava próxima à cozinha, por causa da proximidade ao fogo, à água corrente para limpeza e à receção dos combustíveis. A autonomia prendia-se com o facto da nocividade dos

produtos usados: o petróleo, os líquidos para polimento dos metais e outros<sup>45</sup>. Além de que a manutenção regular era necessária que fosse feita à parte, como o encher dos reservatórios e o aparar das torcidas, evitando assim sujar as superfícies e a entrar em contacto com os alimentos.

Neste espaço foram elencados todos os exemplares que estavam então em uso no *Chalet*, sem mencionarem a quem pertenciam e onde eram regularmente usados. Deste conjunto todo os que, aparentemente, pertenceram à família real foram o (s):

- Um dos dois candeeiros para petróleo comprados em 1893 na *Gagneau*. Ambos ao gosto *Louis XV*, com queimador *Duplex* da *Evered & C.*, globos aos redemoinhos da *Baccarat* e arrolados na Ajuda (PNA, inv. 2070) (Fevereiro, 2018: 62-64);

- Provavelmente a *Lamparina da signora* comprada em 1893 na *R. Ditmar*. O candeeiro foi depois para o Paço de Sintra e entregue ao ministro de Itália em Lisboa para ser devolvido à rainha no exílio (Fevereiro, 2018: 61-62);

- O candeeiro *modérateur bronze argenté* da *Gagneau* com as armas dos reis de Portugal (PNA, inv. 853);

- 1 candeeiro para azeite em metal branco e com monograma real. Poderá ser o que pertenceu à rainha D. Maria Pia<sup>46</sup> ou o de D. Afonso (PNA, inv. 42049) ambos *modérateur bronze argenté* e da *Gagneau* (Fevereiro, 2018: 48-49);

---

<sup>45</sup> Em todos os paços reais havia tabuleiros, escovilhões, panos, tesouras próprias e outros apetrechos para a manutenção dos candeeiros para óleo vegetal, petróleo e gás.

<sup>46</sup> O candeeiro não foi arrolado no Paço da Ajuda, mas foi dado como desaparecido e seguido de um inquérito sobre o seu paradeiro aos empregados do *Chalet* do Estoril. Poderá ser o mesmo que apareceu no mercado leiloeiro, na parisiense *Coutau-Bégarie*, sendo o lote 229 do leilão *Noblesse & Royauté* do dia 15 de novembro de 2019. Queremos agradecer a Eduardo Alves Marques nos ter indicado que este exemplar ia a leilão.

- 1 candeeiro para azeite de metal branco lavrado<sup>47</sup>;

- 1 candeeiro para azeite em latão. A descrição é muito sucinta e no Paço da Ajuda foram arrolados diversos exemplares deste tipo em metal dourado<sup>48</sup>;

- 1 dos *modérateurs* em faiança denominada de Delft adquiridos em 1893 na *Gagneau*;

- 9 candeeiros para azeite de vidro branco<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> Pode ser um *modérateur* em metal prateado da *Gagneau* que se encontra desaparecido (Fevereiro, 2018: 160).

<sup>48</sup> Poderá ser um *modérateur* espiralado em metal amarelo da *Gagneau* e que não foi localizado (Fevereiro, 2018: 175).

<sup>49</sup> São, possivelmente, *modérateurs* que fizeram parte de um vasto conjunto, com o corpo principal em vidro facetado, usados em vários paços na altura dos arrolamentos (Fevereiro, 2018: 175-176).



**Fig. 18** – Candeeiro modérateur da Gagneau com as armas dos reis de Portugal. Datação: 1880 a 1900. Dimensões: 66x24Ø cm, sem quebra-luz nem chaminé (PNA, inv. 853). Fotografia de Luísa Oliveira (PNA 47894 DIG), 2012, Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF).



**Fig. 19** – Candeeiro *modérateur* da Gagneau com peça em faiança dita de Delft. Datação: 1880 a 1900. Dimensões: 44x16Ø cm, sem quebra-luz nem chaminé. Coleção e fotografia Rusvai Lazslo.

Os restantes candeeiros não sabemos se eram propriedade da família real, por isso, preferimos abordá-los separadamente.

Os exemplares para petróleo inventariados foram o (s):

- 6 reservatórios de folha com queimadores N.º 14 e chaminés para a iluminação externa;

- 1 candeeiro *Vulkan Universal Brenner* da *Wild & Wessel*<sup>50</sup>;

- 1 candeeiro da *Wild & Wessel*, modelo 1849 de zinco ao gosto maneirista (PNS, inv. PNS3467 ou PNP, inv. PNP662) (Fevereiro, 2018: 70-71);

- 5 candeeiros de ferro com queimadores no tamanho 10, globos e chaminés;

- 17 candeeiros com queimadores no tamanho 8, com chaminés e globos.

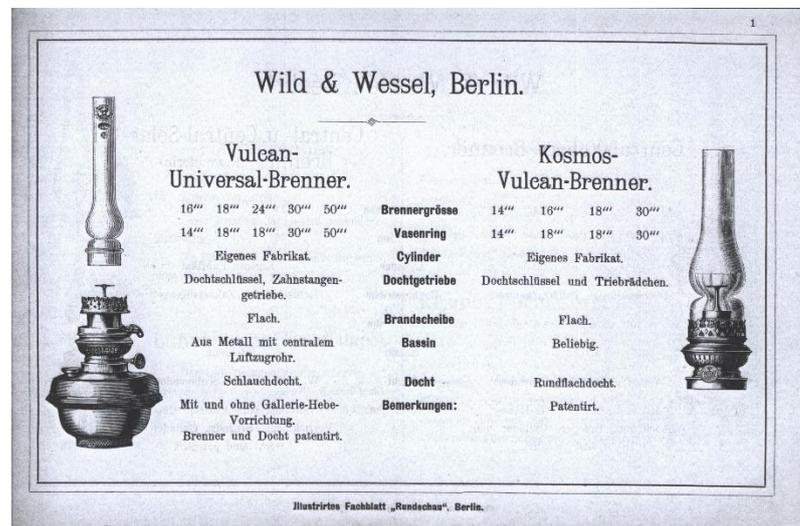


Fig. 20 – Gama *Vulkan Universal Brenner* e *Kosmos-Vulkan* da *Wild & Wessel* (Goldberg, 1893: 1).

<sup>50</sup> A fábrica era a única a designar por *Vulkan* parte dos seus queimadores, subentendendo, assim, uma maior luminosidade (Goldberg, 1893: 1). Este reservatório também foi exportado para o retalhista/fabricante londrino *S. P. Catterson & Sons, Ltd.* e designado por *Globe*.

As peças para iluminação elétrica são:

- 2 braços de latão dobráveis para parede (podem ser os da *R. Ditmar*);

- 4 placas de bronze dourado e podem ser as adquiridas em 1893 na *Gagneau*<sup>51</sup>.

Constatamos aqui que os candeeiros para azeite e para petróleo estavam concentrados nestas divisões, como acontecia nos outros paços (APNA, sem data: 178-183). Tal facto deve-se à sua não utilização e por isso eram arrecadados, limpos, as torcidas aparadas e os reservatórios esvaziados. Em contraponto, constata-se também aqui que os candeeiros elétricos geralmente ficavam *in situ*, o que favorece a nossa investigação e o cotejar com os documentos coetâneos.

---

<sup>51</sup> No arrolamento da Ajuda foram descritas quatro serpentinas de parede cada uma para 4 lumes e outras tantas para 2 lumes cada (poderão ser as compradas na *R. Ditmar*), as quais não foram ainda localizadas.

## CONCLUSÕES



No início da década de 90 do século XIX a época da renascença, da renascença germânica, do maneirismo, dos reinados de Louis XIII, XIV, XV, XVI, a par de um crescente desenvolvimento de peças com um desenho depurado, foram fonte de inspiração nas artes decorativas. Estas foram seguidas no mobiliário, nos serviços de mesa, nas peças decorativas, nos tecidos e na luminária, entre outras criações. Nesta última categoria é sintomática a persistência de modelos do passado, onde eram usadas velas, copiados para a eletricidade e usados com quebra-luzes em tecido. Noutras peças a fonte de luz proporcionou novas formas onde se empregaram peças em vidro e em cerâmica especificamente desenhadas para a indústria da iluminação. A rainha D. Maria Pia foi sempre sensível ao que estava a acontecer e assimilou-o de acordo com o seu gosto. Esta propensão constata-se aquando da aquisição do então *Chalet* Longa Vista, no Monte Estoril, e que passou a ser denominado por *Chalet* ou Paço do Estoril ao ordenar diversas obras e ao escolher criteriosamente o seu recheio.

O interior do edifício original foi parcialmente modificado e construiu-se a nova *Casa de Jantar* com capacidade suficiente para comportar a família real, a sua corte e convidados consoante a ocasião. Este espaço foi forrado parietalmente e no tecto a boiseries ao gosto de *Louis XV*, complementado por pinturas polícromas, e é o mais rico do ponto de vista decorativo. Nos restantes realizaram-se estuques e mantiveram-se os existentes com um desenho simples e sofisticado.

O seu recheio móvel constituiu uma oportunidade para levar a efeito um programa decorativo consistente em todas as divisões, para o qual contribuiu a sua escala e o número de compartimentos ser menor em comparação com os do Paço da Ajuda e os de Sintra, onde também habitava a rainha respetivamente de dezembro a maio (inverno e primavera) e de junho a agosto (meses de vilegiatura). Os meses de setembro a novembro eram geralmente passados no Estoril para a época balnear, embora não cumprisse de forma rigorosa esta cronologia.

No seu interior havia mobiliário antigo, outro recente e o restante adquirido propositadamente na altura das remodelações. Este foi deliberadamente escolhido para determinados quartos de acordo com a sua função e estilo. Temos assim a predominância do gosto *Louis XV* na *Primeira Sala*, na *Segunda Sala* e na *Salinha Oitavada do Primeiro Pavimento*, que eram os espaços de estar e de carácter social. Em contra-ponto, e no mesmo piso, os aposentos do rei foram decorados ao gosto da renascença francesa. Na *Sala d'entrada* optou-se por um mobiliário escuro, provavelmente D. João V de acordo com a leitura, e na *Sala de espera* por outro em dourado *Louis XV*. No andar nobre este ficou circunscrito aos aposentos da rainha, integrado com outro outro de gosto eclético e moderno, evidenciando assim uma certa feminilidade. Nos aposentos de D. Afonso optou-se por mobiliário em tons escuros.

A mesma lógica foi seguida com a luminária e que foi disposta de acordo com a sua função, a sua incidência de luz e o seu desenho num programa decorativo específico. Esta tem sido identificada no cotejamento do referido inventário com os recibos de compras, os arrolamentos judiciais republicanos, o acervo existente nas instituições museológicas e noutras afetas ao estado português. O que podemos constatar é que a rainha escolheu nas lojas mais selectas diferentes tipologias, as tendências mais recentes e os quebra-luzes em consonância. Todavia uma parte foi descrita no inventário, mas naquele período, por isso, temos de compreender que os objectos são móveis e que circulavam entre os paços conforme a necessidade.

A luminária do *Chalet* do Estoril testemunha a transição das fontes de iluminação a chama para a eletricidade, que eram simultaneamente usadas na mesma divisão.

O *Chalet* do Estoril espelha as tendências decorativas de finais do século XIX, em que referências culturais portuguesas foram conjugadas com outras internacionais, mas é sobretudo um exercício em que a apetência para a decoração e o interesse pela arquitetura<sup>52</sup> da rainha D. Maria Pia foram proficuamente desenvolvidas.

---

<sup>52</sup> Na nossa investigação temos vindo a constatar o interesse da rainha pela arquitetura, nomeadamente a presença de vários números da publicação quinzenal portuguesa *A Construção Moderna* (p. 1900 a 1919), um álbum com o projeto do *Castel Béranger* do arquiteto francês Hector Guimard (1867-1942), um dos primeiros edifícios Arte Nova em Paris (PNA, inv. 53792), várias obras dedicadas à decoração, nomeadamente a Arte Nova (PNA, inv. 53889 e 59510), projeto de um *Chalet* da autoria de António Maria Paixão (1866-?) e o projeto para a remodelação da Muralha do Carmo (houve, pelo menos, dois realizados pelos arquitetos Álvaro Augusto Machado (1874-1944) e Leonel Gaia (1868-1941) no início do século XX, tendo sido o de este último autor o seguido) (APNA, 1911: 292, 342v, 997v e 999v) (APNA, 1912: 2546v).

## Bibliografia

Album Açoriano (1903). Album Açoriano. Lisboa: Oliveira & Baptista.

Andrade, Maria do Carmo Rebello de, "Paul Sormani e o estilo Luís XV. Os móveis preferidos da rainha D. Maria Pia," *Revista de Artes Decorativas*, 3 (2009): 193-230.

Beziel & Ribot (1900-1910). Beziel & Ribot, Bronzes d'Éclairage Electricité. Manufacture de bronzes et d'appareils d'éclairage par l'électricité et le gaz. Paris: Beziel & Ribot.

Correia, Cristina Neiva, "Quelques petits souvenirs de Sèvres. Elementos para o estudo do acervo cerâmico do Palácio Nacional da Ajuda," *Revista de Artes Decorativas*, 2 (2008): 85-122.

Fevereiro, António Cota (2019). A Evolução do Candeeiro no Século XIX, tipologias e usos. In Pessoa, Ana e Coimbra, Artur (coord.), *Actas do V Colóquio Internacional, A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores*. Fafe: Câmara Municipal de Fafe, 363-388

Fevereiro, António Cota (2018). *Iluminação da Casa Real Portuguesa. Os Candeeiros do Palácio Nacional da Ajuda*. Oeiras: Mazu Press.

Fevereiro, António Cota (2012). Genealogia, dados biográficos e obra de arquitetos, artistas e construtores civis portugueses do século XIX e XX. In Machado, José Carlos Soares (dir.), *Raízes e Memórias* (29). Lisboa: Associação Portuguesa de Genealogia, 241-292.

Goldberg, Jacques (1893). *Die Deutsche Petroleum-Lampe in Wort und Bild*. Berlin: Rundschau.

Maple & Co. (1889). *Maple et Cie, Catalogue illustré d'ameublements, Fournisseurs de Sa Majesté la Reine d'Angleterre. Tottenham Court Road*. Londres: Maple & Co.

Monte-Cristo (Eugenio Rodríguez Ruiz de la Escalera) e Franzen y Nisser, Christian (1898). *Los Salones de Madrid*. Madrid: El Álbum Nacional.

Montesinos, Fernando (2019). *A Royal Lunch, Entre a evocação e a reconstituição*. In Ferro, Inês e Pereira, António Nunes (coord.), *A Royal Lunch. A visita a Sintra da Rainha Alexandra do Reino Unido. 24 de março de 1905*. Sintra: Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A, 76-91.

Ramos, Rui Jorge Garcia (2010). *A Casa – Arquitectura e Projecto Doméstico Na Primeira Metade Do Século XX Português*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Reis, Ana Maria Batalha e Louro, Francisco de Carvalho (1987). *Porcelana europeia reservas do Palácio Nacional da Ajuda*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

#### **Arquivo Nacional da Torre do Tombo**

ANTT, Casa Real, Caixa 7008.

#### **Arquivo Palácio Nacional da Ajuda**

APNA, (sem data), Inventário do Real *Chalet* Estoril.

APNA, (1911-1914), Inventário Judicial do Palácio da Ajuda.

APNA, (1910-1911), Inventário Judicial do Palácio das Necessidades.

#### **Periódicos**

Costa Campos, Alfredo Maria da, “Sanatorio Sant’Anna (Parede), Architecto, sr. Rozendo Carvalheira,” *A Architectura Portuguesa*, Ano I (9), setembro 1908, 33-35.

Marques, Henrique, “O *Chalet* da Rainha D. Maria Pia, no Estoril,” *Branco e Negro: Semanario Illustrado*, Ano I (31), 1 novembro 1896, 74-75.

## **Referências de Internet**

"Plantas da vila no Estoril de Sua Majestade a rainha a senhora D. Maria Pia," Arquivo Nacional da Torre do Tombo, última modificação fevereiro, 4, 2015, Acedido maio, 19, 2020, <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4644229>.

"Casa da Rainha Dona Maria Pia / Vila Maria Pia," Teresa Leonor Magalhães Vale, Maria Ferreira e Sandra Costa, SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, Acedido maio, 19, 2020, [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=9403](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9403).

# **BIBLIÓFILAS, SIM! BREVES APONTAMENTOS SOBRE DUAS BIBLIOTECAS DE MULHERES BRASILEIRAS WOMEN COLLECTORS, YES! BRIEF NOTES ON TWO BRAZILIAN WOMEN'S LIBRARIES**

*Women Collectors, yes! Brief notes on two Brazilian Women's Libraries*

Fabiano Cataldo Azevedo<sup>53</sup>

Elisangela Silva da Costa<sup>54</sup>

Kátia Leal Silva<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> Doutor em História (UERJ), Mestre em Memória Social (UNIRIO) e Bacharel em (UNIRIO). Professor Adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Email: fabiano.azevedo@unirio.br

<sup>54</sup> Doutoranda em História Social da Amazônia (UFPA), Mestre em Educação (UFPA). Bibliotecária da Seção de Obras Raras da Biblioteca Central da UFPA. Email: lisa@ufpa.br

<sup>55</sup> Bacharela em Biblioteconomia (UNIRIO), Bibliotecária do Colégio Marista São José - Unidade Barra Da Tijuca RJ. Email: kl.silva50@gmail.com



## **Resumo**

O colecionismo de livros por mulheres é a tônica deste artigo. Para tanto, foram feitas reflexões à luz de autores, como: Quentin-Bauchart (1886), Roberts (1895), Cim (1901), Darnton (1992), Courceles e Júlian (1999), Azevedo (2010), Palma Peña (2013), Bessone (2014), Hastings (2014) e Melo (2018). Do ponto de vista metodológico, foi realizado o estudo de dois casos: a bibliófila paraense Annunciada Chaves e a bibliófila gaúcha Salete Maccalóz, cujas trajetórias serão analisadas segundo os seguintes aspectos: do nascimento e morte; formação; inserção social e interesse pelos livros até o destino de suas bibliotecas; características de suas bibliotecas, ilustrando peculiaridades bibliofílicas. Para conclusão, nosso objetivo é modesto, qual seja, contribuir para expandir de algum modo a temática no sentido de a não causar tanto estranhamento, a termos como: “Bibliófila”; “Biblioteca de Mulher”; “Mulheres e Colecionismo” etc.

**Palavras-chave:** Bibliofilia feminina. Colecionismo. Patrimônio bibliográfico.

## **Abstract**

The collection of books by women is the keynote of this article. For this, reflections were made in the light of authors, such as: Quentin-Bauchart (1886), Roberts (1895), Cim (1901), Darnton (1992), Courceles and Júlian (1999), Azevedo (2010), Palma Peña (2013), Bessone (2014), Hastings (2014) and Melo (2018). From a methodological point of view, the study of two cases was carried out: the Paraense bibliophile Annunciada Chaves and the Gaúcha bibliographer Salete Maccalóz, whose trajectories will be analyzed according to the following aspects: from birth and death, training, social insertion and interest in books until the destination of their libraries, characteristics of their libraries, illustrating the bibliographic characteristics. In conclusion, our objective is modest, that is, to contribute to expand the theme in some way so as not to cause such strangeness as words: “Bibliophile”; “Women's Library”; “Women and Collecting” etc.

**Keywords:** Women Collectors. Bibliophile. Documentary heritage.

# INTRODUÇÃO

# 1.

*“My library is an archive of longings.” (Sontag, 2012: 45)*

Este artigo pretende tecer algumas considerações sobre as bibliotecas de duas mulheres nascidas no Brasil na primeira metade do século XX, em regiões diametralmente opostas, ou seja: uma no Norte (em Belém-PA), e a outra no Sul (em Soledade-RS). Maria Annunciada Ramos Chaves (1915-2006) e Salete Maria Polita Maccalóz (1946-2017) possuíam muitas similaridades, a começar pela formação, pois eram advogadas e intelectuais. Ambas formaram suas bibliotecas como verdadeiras bibliófilas, uma vez que além dos livros de ofício, colecionaram outros com vieses de fruição e prazer, como veremos adiante. Não deixaram herdeiros, por isso seus livros foram doados e institucionalizados.

As reflexões teóricas que faremos orbitam unicamente em torno do nosso objeto de estudo, pois o interesse pelo tema foi provocado pelo conhecimento da história dessas duas bibliófilas. Elas nos motivaram e continuam a motivar o mergulho nesse tema.

Nesta pesquisa, partiu-se do princípio de que a bibliofilia é como um tipo de colecionismo, tal como argumenta e assevera, de forma muito clara, a

pesquisadora Kelly Melo (2011; 2018). Sim, colecionar livros, não necessariamente livros raros e luxuosos, simplesmente livros para o deleite, como muitos professores acadêmicos fazem ao longo de suas carreiras.

Essa observação endossa uma das premissas deste artigo, de que ainda hoje há quem diga que bibliofilia não está relacionada a conhecer livros, mas simplesmente ao ato de colecionar determinados tipos de livros. Seja lá qual for o tipo de livros, de aqueles que custam centavos ou milhões, tudo isto são características do ato de colecionar livros.

É preciso ainda esclarecer que não pretendemos tratar da história da leitura, mulheres leitoras, pois fugiria do nosso intento aqui. Se, na área de estudos de Gênero, a análise sobre bibliotecas de mulheres, ou melhor, o reconhecimento de sua importância, já é algo introjetado, perguntamos como o assunto vem sendo tratado dentro da História do Livro? Uma simples busca em bases de dados brasileiras revelou um índice de revocação zero<sup>56</sup> para os termos “Bibliófila”; “Biblioteca de Mulher”; “Bibliofilia feminina”. Por que isto?

Há exceções, felizmente, em dois trabalhos: o de Reifschneider (2011), intitulado *A Bibliofilia no Brasil*, pois nele cita as professoras Ana Maria Camargo (São Paulo) e Regina Fiúza (Fortaleza) como Bibliófilas. Além dele, na dissertação "Rubens Borba de Moraes e José Mindlin: bibliofilia como patrimônio informacional", Adelma Araújo (2017), ao falar do casal Mindlin, diz que: não há registros da bibliofilia da senhora Guita, e faz duas perguntas

---

<sup>56</sup> Em 28 de julho de 2018 as pesquisadoras Luciana Maria Napoleone e Ivani Di Grazia Costa apresentaram, na cidade de São Paulo, a palestra “Olhares que constroem coleções: reflexões sobre algumas bibliotecas particulares paulistas”. Nesse contexto, analisaram à luz da história social, a prática bibliofílica de Emma Gordon Klabin (<https://emaklabin.org.br/>). Sobre o citado evento, confere: <http://www.crb8.org.br/palestra-olhares-que-constroem-colecoes-reflexoes-sobre-algumas-bibliotecas-particulares-paulistas/>

intrigantes: primeiro, se “Existirão mulheres no futuro da história da bibliofilia?” e se “Serão pesquisadas bibliófilas?” (Araújo, 2017).

Afirmarmos que não há só futuro, mas uma longa história de bibliófilas que ora são apagadas, ora são inferiorizadas, ou subvalorizadas. E sim, são e deverão continuar a ser pesquisadas, como é o caso deste artigo.

Ao se estudar a apropriação do livro pela mulher, verifica-se que os poucos trabalhos que existem abordam o período até o século XIX, e com enfoque em bibliotecas em casas religiosas, nas quais a biblioteca é comunitária e não de uma pessoa em específico (Courcelles e Julian, 1999). Outro tipo de biblioteca também muito explorado corresponde àquelas que pertenceram às mulheres de casas reais, da corte e da aristocracia (Anastácio, 2014; Souza, 2017).

E as mulheres dos séculos XIX, XX e até do XXI? Onde estão os estudos sobre elas? Existem e seguem sendo produzidos, mas, afirmamos, sem ganhar o mesmo destaque - seja na ciência, seja na imprensa - tanto como as bibliotecas de homens. Em vários casos, seria necessária uma análise de discurso pois, o que percebemos, empiricamente, é ela estar associada à “singela”, em oposição à qualidade científica, por exemplo. E o que pode ser ainda pior, quando são livros didáticos, acumulados por anos de ofício de uma professora, por exemplo, podem, inclusive, não serem percebidos como patrimônio bibliográfico. Infelizmente, paira a ideia do patrimônio bibliográfico associado ao que é raro, e este ao que é antigo, e, com frequência, os livros didáticos ficam de fora desse grupo. Todavia, estamos a falar aqui, também de conhecimento científico, de cultura escrita.

No caso de biblioteca particular pessoal de mulheres, parece-nos que faltam trabalhos que enfatizem que naqueles livros estão a trajetória de uma pesquisadora por exemplo. Ali estão o DNA de toda uma rede de trabalho que

desenvolveram durante o período de atividade profissional, como a pesquisadora Francisca Maciel (2001) fez na tese na qual deslinda a biblioteca pessoal atrás do método da professora Lúcia Casasanta, mas sem, contudo, caracterizá-la como bibliófila.

Em linhas gerais, pretende-se estabelecer algumas reflexões sobre o processo de institucionalização de coleções que configura a transmissão de um bem privado para o público. Para fins de delimitações conceituais, consideramos que estamos no terreno das Bibliotecas Particulares Pessoais.

Ao ser institucionalizada, deveria ser irrelevante, num primeiro momento, saber se no conjunto de livros há obras raras ou não. Diante de todas essas características, as perguntas mais importantes poderiam ser: qual a relação identitária dessa coleção com a história da instituição? com a história de uma área do conhecimento? com a história de uma cidade? etc.

Nesta conjuntura, considera-se que essas bibliotecas<sup>57</sup> são Patrimônio Bibliográfico e Documental – conceito que neste artigo será baseado em Palma Peña (2011; 2013) e Jaramillo (2014).

Essas coleções quando institucionalizadas, ou seja, quando passam do privado para o público, por sua natureza, são identificadas como “Coleções Especiais”, ou seja, um conjunto de livros reunidos artificialmente pela relação identitária em comum, por características individuais, mas sobretudo

---

<sup>57</sup>Sobre esse tipo de coleção, Portugal possui uma legislação muito precisa. Ver: *Portugal. Procuradoria Geral Distrital de Lisboa* (2001). *Lei n. 107/2001, de 08 de setembro. Lei de Bases do Patrimônio Cultural*. Disponível em:

[http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_estrutura.php?tabela=leis&artigo\\_id=&nid=844&i](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_estrutura.php?tabela=leis&artigo_id=&nid=844&i)

[nversao=&tabela=leis&so\\_miolo](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_estrutura.php?tabela=leis&so_miolo). Acesso em: 02.04.2020.

por possuir correspondência patrimonial com o local que as recebem. Elas são mantidas separadas também por preservação e segurança. A atribuição de raridade dos itens deve considerar critérios institucionais e identitários.

Tais coleções, como a maioria das bibliotecas, são formadas por escolhas pautadas em gostos pessoais, influências políticas que podem se configurar em um reflexo, ou até mesmo um simulacro, dos anos em que a coleção foi desenvolvida. Por essa razão, também compreendemos a Biblioteca Particular Pessoal como um lugar de memória, como assim a considera Namer (1937), ou seja, não pelo espaço, mas pelo conteúdo. E esta possui uma relação absolutamente sinérgica com o espaço que ocupa, ou seja, a casa do proprietário e com o próprio, uma triangulação como define Assmann (2011).

Assim como acontece em um arquivo privado onde se faz memória de si, e se forja o que se pretende preservar, acreditamos que o mesmo ocorre na Biblioteca Particular Pessoal, por isso não podemos aceitar placidamente a ideia de que essas bibliotecas representem o “genoma intelectual” como afirma Zaid (2004). Claro que para compreender uma Biblioteca Particular Pessoal é preciso conhecer um pouco da biografia do antigo dono (Cândido, 1989), mas isso não resulta em um deslindar transparente do perfil de suas bibliotecas, mas traços de uma trajetória.

Além desta introdução, há outras três partes que estão implicitamente divididas em movimentos que buscam endossar nossa abordagem. Primeiro, para fazer alguns breves apontamentos sobre a figura da mulher bibliófila, selecionamos a partir de *Le Femmes et les livres*, publicado por Albert Cim (1919) alguns livros dos séculos XVII ao XIX que, diretamente ou indiretamente, citaram ou escreveram especificamente sobre o assunto, sem, contudo, almejar revisão historiográfica.

Na segunda seção, adentraremos nos traços biográficos das duas mulheres que motivaram este trabalho, privilegiaremos o contexto do nascimento e morte, formação, inserção social e interesse pelos livros, até o destino de suas bibliotecas. Por fim, pretende-se indicar algumas características de suas bibliotecas, ilustrando as peculiaridades bibliofílicas. Notar-se-á que existem mais detalhes acerca da biblioteca de Annunciada, isto se dá porque sua doação aconteceu há mais tempo, além de ter sido objeto de conferências anteriores e de uma investigação para doutoramento. Para conclusão, nosso objetivo é modesto, qual seja, contribuir para expandir de algum modo a temática, no sentido de não causar tanto estranhamento a palavras, como: “Bibliófila”; “Biblioteca de Mulher”; “Mulheres e Coleccionismo” etc.

## **BIBLIÓFILAS... E POR QUE NÃO?**

Essa seção é apenas um interregno entre a introdução e ponto central deste artigo, ou seja, não há intenção de uma ampla revisão historiográfica sobre o tema.

Diaconoff (2005) comenta que a relação da mulher com o livro, não obstante no período ter sido intensa e comprovadamente imbricada, foi silenciada e pouco explorada. O espírito da mulher não era próprio para o conhecimento, ou como dizia um ditado muito comum no Brasil do século XIX, “à mulher, basta saber ler para compreender o catecismo”.

Em muitos casos, a ideia do “espírito fraco” era associada a algo ainda pior, ou seja, ela teria uma mente fraca, facilmente influenciável. Em ler demais, jazia o “perigo” dela se tornar uma intelectual, ou “pior”, se tornar uma Bovary. Mas já se falou muito sobre isto, logo nada teríamos a contribuir ou acrescentar. Por isso, nosso foco aqui é a mulher colecionadora de livros, bibliófila, no século XX.

Por mais incrível que possa parecer, pelo menos até o século passado, as várias apropriações das mulheres com o livro era quase um anátema. Mulheres escritoras, leitoras e donas de bibliotecas? Inúmeras são as pesquisas que já estudaram autoras que tiveram que assinar sob pseudônimos, por exemplo.

Em *Les femmes bibliophiles de France (XVIe, XVIIe & XVIIIe siècles)* escrito por Ernest Quentin-Bauchart e publicado em 1886, a introdução deixa a ideia de que é uma discussão que já vinha sendo feita por um tempo no país.

“Il nous a donc paru qu'une étude bibliographique sur les femmes qui, à des titres divers, ont mérité de prendre place à côté des grands amateurs d'autrefois, aurait quelque chance d'être favorablement accueillie, et nous n'avons rien négligé pour qu'elle fut aussi complète que possible, malgré les difficultés que devait nécessairement rencontrer un travail de cette nature” (Quentin-Bauchart, 1886: 2).

Ele afirma que, apesar de poder parecer impreciso, considera que o título escolhido para o livro é o que melhor representa suas intenções. Sem fazer distinção entre os gêneros, pondera que existem dois tipos de colecionadores um que “considèrent le livre comme un objet de mode et de luxe, ou comme une sorte de valeur de bourse [...]”. Todavia, há outros que “le recherchent pour ce qu'il contient, pour sa rareté et sa belle condition matérielle de texte et de reliure” (Quentin-Bauchart, 1886: 2). Também sem estabelecer diferença entre homens e mulheres diz que houve casos nos quais, mesmo com valores altíssimos, “il y avait quelques grands seigneurs qui possédaient

des livres, parce qu'il était de bon ton d'en avoir, mais qui ne les regardaient et ne les ouvraient jamais" (Quentin-Bauchart, 1886: 3).

Com essa linha de raciocínio, escreve um livro que traz traços biográficos relacionados à bibliofilia e influência social de vinte e quatro mulheres da nobreza francesa. Em alguns momentos, exorta a contribuição que algumas coleções dão aos estudiosos da história da encadernação na França e menciona casos onde a biblioteca teria sido fundamental para as ações políticas de algumas dessas mulheres.

O tema mulheres bibliófilas foi objeto de interesse da pintora inglesa Norma Labouchere, que em 1895 publicou em Londres *Ladies's book-plates: an illustrated handbook for collectors and book-lovers*. Chama-se a atenção de que não se trata de um livro sobre *ex libris* com figuras femininas, mas um livro sobre *ex libris* que algumas mulheres usaram em suas bibliotecas. É notório o fato de ser escrito e assinado por uma mulher, diferentemente de outros que vieram antes e depois, escritos por homens.

Ao descrever suas motivações e fazer uma espécie de revisão de literatura observa que a Inglaterra vinha se dedicando muito aos estudos sobre *ex libris*, mas nota que "women's book-plates may not have been considered to offer a fertile field; yet surely the subject is sufficiently rich in material for a monograph" (Labouchere, 1895: viii).

Os capítulos do livro são ainda mais instigantes, pois, dentre outros, há um sobre mulheres bibliófilas (*women bibliophiles*), no qual ela comenta as bibliotecas de Cleópatra e de Santa Brígida. Neste capítulo especificamente, Labouchere citará alguns exemplos na França; e, em ambos os casos é curioso notar que em algumas passagens, além de rainhas, princesas e abadessas haviam outras senhoras da aristocracia que conseguiram ter sua própria

biblioteca. Por fim, há um outro capítulo todo dedicado à heráldica e às frases usadas nos *ex-libris* de bibliotecas de mulheres.

Hastings (2014) sugere que colecionar livros requeria que a mulher tivesse recebido uma educação refinada, por isso, muitas bibliófilas até o final do século XIX eram ligadas à nobreza e à alta aristocracia. No entanto, ainda assim, “these ladies were often dismissed as serious book collectors; they were accused of collecting because it was fashionable, not from a true love of books”. Ou seja, era um *hobby* de mulheres ricas<sup>58</sup>.

No livro *The book-hunter in London*, publicado em 1895 por W. Robert, há um capítulo chamado *Women as a book-collectors*. Vemos que a presença deste capítulo, mesmo que, à luz da época, repleto de comentários misóginos, é um importante indicativo do espaço que a mulher ocupava neste cenário, sendo respeitada e aceita ou não.

Curiosamente, começa o texto afirmando que considerava uma contradição o fato das mulheres inglesas serem formalmente reconhecidas como maiores e melhores leitoras do que os homens; mas suas práticas como colecionadoras e compradoras de livros eram quase desconhecidas. Por outro lado, na França o assunto da *femmes bibliophilie* ganhava notoriedade com vários livros publicados. No entanto, para ele, a “analysis of their book-possession, however, leads one to the conclusion that with them their sumptuously-bound volumes partake more of the nature of bijouterie than anything else” (Roberts, 1895: 259).

---

<sup>58</sup> Não deixam de ser curiosos os comentários de Rubens Borba de Moraes sobre a imagem que, no século XX, muitos têm dos Bibliófilos. Entre os homens, ele também tenta diferenciar o Bibliófilo que para ele é quem conhece livro integralmente, sabe o que está fazendo; do Colecionador, que ele diz ser quase que um mero acumulador de livros (Moraes, 1976).

Nessa linha, ou seja, na construção de uma narrativa menos negativa e naturalizada acerca da formação de bibliotecas por mulheres, em 1901, Albert Cim publica em Paris, o *Le femmes et les livres*, cuja motivação para escrevê-lo é declarada no início:

Après quelques pages consacrées aux femmes ennemies des livres, “bibliophobes”, selon le terme employé par George Sand, je passe en revue, autant que possible dans l’ordre chronologique, les nombreuses amies des livres ou bibliophiles, non seulement celles qui ont rassemblé d’importantes ou luxueuses collections, mais celles aussi qui ont laissé témoignage de leur goût pour la lecture et l’étude (Cim, 1901: 2).

Ou seja, sua ponderação soa crítica àqueles que consideram as mulheres como inimigas dos livros ou meras acumuladoras. A seguir, Cim (1901) faz uma revisão de literatura que arrola pontos de vistas negativos sobre a relação mulher e livro, sempre em tom muito crítico.

Historicamente, presume-se que a relação que a sociedade tem feito entre a mulher e livro por séculos tem carregado uma pecha muito nefasta. Hastings (2014) acredita que remonta a Bury, que em *Philobiblon*, publicado em 1344, falou da mulher através de um livro como personagem da seguinte maneira:

“(...) by that biped beast whose cohabitation with the clergy was forbidden of old, from which we have always taught our nurslings to flee more than from the asp and the cockatrice; wherefore she, always jealous of the love of us, and never to be appeased, at length seeing us in some corner protected only by the web of some dead spider, with a frown abuses and reviles us with bitter words, declaring us alone of all the furniture in the house to be unnecessary, and

complaining that we are useless for any household purpose, and advises that we should speedily be converted into rich caps, sendal and silk and twice-dyed purple, robes and furs, wool and linen: [...].

Na literatura consultada notamos que no século XIX o “termo técnico” mais usado passou a ser *femme bibliophiles*, que, em raros casos, só era considerada como tal dependendo do seu histórico no contexto da cultura política do momento. Caso contrário, o seu hábito era considerado algo frívolo, dizia-se que colecionavam livros pela beleza das encadernações, como um objeto qualquer, e não tinham nenhum apreço pela leitura em si (Roberts, 1895).

Ainda que pareça estar elogiando a bibliofilia das mulheres inglesas, para ele “for all practical purposes, Queen Elizabeth may be regarded as the first distinguished *femme bibliophile*” (Roberts, 1895: 262), isto porque considera que com ela os livros eram colecionados muito mais pelo conteúdo. Sem detalhar a razão, afirma que a sua geração “has produced two of the most distinguished *femmes bibliophiles* which has ever known. The earlier collector, Miss Richardson Currer (1785-1861) [...] was the owner of an exceedingly rich library books” (Roberts, 1895, p. 270).

Entre a primeira e segunda mulher a merecer dele o título de *femme bibliophile*, ele elenca outras tantas, mas, novamente, os critérios não ficam claros. Mrs. John Rylands parece ter recebido destaque porque em 1889 “formed the plan of erecting in Manchester a memorial to her late husband, which should embody on main purpose of his life [...]” (Roberts, 1895, p. 272). Dentre seus objetivos, estava “to make the highest literature accessible to the people was with him a cherished aim, and it was accordingly resolved by his widow that the memorial should be in the form of a library” (Roberts,

1895, p. 272). Para levar a cabo o empreendimento, contratou quatro intelectuais [homens] renomados para seleção e compra dos livros.

Um ponto em comum entre todos os casos: não eram as mulheres a lidar com livreiros, a escolher, selecionar, a negociar. Gelber (1999: 103) dizia que: “the only women collectors taken seriously by men were those who collected on men’s terms”. Seria esse o jeito feminino de bibliofilia?

Roberts considerava as *femme bibliophile* como muito desconhecidas e acreditava que: “the New Woman may develop into a genuine book-lover; it is certain that the old one will not” (Roberts, 1895: 273), pois ele acredita que “mulher de antigamente” se enquadrava num ditado chinês que dizia que as mulheres não tinham alma, e que por isso, não poderiam fazer parte de um universo.

Outro exemplo funesto é citado por Gelber (1999: 103):

“Book collectors in particular have perceived women as the enemy, none more so than the poet Eugene Field who in 1896 described heaven as a place full of books but devoid of women. Women, he said, want food and love, but male collectors spend both their money and their emotions on books. Bibliophile Vicent Starrett conceded that book collecting was not a rational expenditure of funds and that ‘the wives are eminently practical and they instinctively recognize the futility of the collecting habit, save as it has to do with such practical items as silk patches and bits of ribbon.’”

Em 1937, Anne Lyon Haight publicou o livro *As mulheres são os inimigos naturais dos livros?* justamente para refutar essa ideia, apresentou a trajetória de várias bibliófilas notáveis. Para ela, no entanto, infelizmente, os trabalhos

sobre mulheres colecionadoras de livros são superados em número por muitos escritores que chamam as mulheres de inimigas dos livros.

No Brasil, a imagem da mulher, no universo do livro, ou mais especificamente em temas que orbitam as Bibliotecas Particulares, como Bibliofilia e Colecionismo, é quase sempre anedótica. Clássicas frases, como: "Viúvas, alegria do sebo" ou ainda "O féretro sai por uma porta e a biblioteca pela outra" (Cavedon, 2007: 345). São proferidas sempre atribuindo a figura feminina como bibliopata, ou seja, inimiga das bibliotecas. Assim, ela assume contornos tão negativos que entra no rol das principais causas de dispersão de bibliotecas particulares, junto com o fogo e o roubo.

Em textos que beiram a contos, a biblioteca particular de um bibliófilo é a personificação de uma amante com a qual a mulher teve que rivalizar praticamente ao longo de toda a vida. Afinal, nem todos foram tão sábios quanto Rui Barbosa e José Mindlin, que tornaram suas esposas sócias na formação e gestão, e sobretudo na conservação de suas bibliotecas. A mulher como "cuidadora" de livros recaí na figura caricata da bibliotecária, mas não como dona e formadora de uma coleção pessoal.

Assim, por essas breves achegas podemos inferir que nos últimos séculos a imagem de uma mulher com biblioteca nem sempre foi positiva e parece que o terreno da Bibliofilia não é algo para o gênero. A seguir, apresentaremos duas personagens do Brasil que podem se somar a outros exemplos de mulheres que colecionaram livros como instrumento aos seus ofícios, mas também para o lazer e prazer pessoal.

## **DO NORTE AO SUL: DUAS BIBLIÓFILAS BRASILEIRAS DO SÉCULO XX**

Em 16 de dezembro de 1915 nascia na cidade de Belém do Pará, região Norte do Brasil, Maria Annunciada Ramos Chaves. Filha primogênita, do contador Joaquim Chaves e da dona de casa Maria D'Ascensão Ramos Chaves, também paraenses, que além de Annunciada tiveram mais três filhas: Paula, Lourdes e Júlia (Sarges, 2016).

A qualidade de sua formação não fugiu à regra das demais moças nascidas em famílias abastadas naquele início de século. Recebeu, em casa, os primeiros elementos de educação de Amância Pantoja Borralho, professora do Grupo Escolar Rui Barbosa. A seguir, ingressou no renomado Instituto Gentil Bittencourt (atual Colégio Gentil Bittencourt), instituição que inicialmente era um orfanato, o chamado Colégio Nossa Senhora do Amparo; mas gradativamente se tornaria uma referência na qualidade do ensino. Posteriormente, vai para o Colégio Moderno para dar continuidade aos seus estudos; mesma instituição na qual, anos mais tarde, ela viria a lecionar, ser coordenadora pedagógica e sócio proprietária (Rego, 2002).

Além de decidir prosseguir os estudos, escolhe um curso que tradicionalmente ainda não era considerado “um espaço para mulheres”. Destarte, no ano de 1932, ingressa na Faculdade Livre de Direito do Pará, na qual durante todo o curso, teve um desempenho acadêmico irrepreensível. Ainda assim, em função de uma norma aplicada apenas às estudantes para que a matrícula fosse renovada, todo semestre devia apresentar uma carta de anuência paterna.

Em 1934, com 19 anos, no terceiro período da graduação, recebe o convite do Professor Osvaldo Serra para lecionar a disciplina de História do Brasil no Colégio Moderno, passando a cumprir dupla jornada. Este fato gerou uma situação que evidencia um pouco o próprio caráter de Annunciada, seu pai chegou ao extremo de tentar impedi-la. Todavia, de posse de sua herança, já partilhada por ele, comprou parte do colégio (Damaso, 1997). Começava

assim uma carreira, como professora de História, paralela à de advogada, o que lhe traria grande projeção e a qual se dedicaria até a década de 1952.

Em 17 de janeiro de 1947, Annunciada foi uma das fundadoras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (atual Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal do Pará), razão pela qual credita-se a ela contribuição para a diversificação do ensino superior no estado (Beckmann, 2006).

Dentre outras instituições, também esteve entre os fundadores da Sociedade Paraense de Educação e do Conselho Estadual de Cultura onde, posteriormente, foi presidente por quatorze anos (1972-1986). O que corroborou muito para consolidar seu forte relacionamento com a educação e cultura.

Em concomitância com o exercício da advocacia e da carreira acadêmica, Annunciada também se destacaria na seara administrativa, tendo sido a primeira Secretária da Caixa de Assistência dos Advogados do Pará, bem como ocupou o cargo de Sub-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Pará, exercendo este cargo por oito anos, atravessando os mandatos dos Reitores Aloysio Chaves (gestão 1969-1973) e Clóvis Malcher (gestão 1973-1977).

Alcançou respeito e reconhecimento intelectual em várias esferas no contexto paraense. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará, onde ocupou a cadeira de n. 65. De 1975 a 2006, fez parte da Academia Paraense de Letras, em que ocupou a cadeira de n. 22 (Beckmann, 2006).

Incansável, no início dos anos 2000, já com 85 anos, Annunciada passou a se dedicar mais à editoração de periódicos científicos, tais como: a *Revista de Cultura do Pará* e a *Revista da Academia Paraense de Letras*.

Por essa época, gradativamente, foi se retirando do cenário intelectual paraense e após quase setenta anos de atividade profissional dedicados a todas as esferas da educação e cultura, faleceu em 16 de agosto de 2006, no Hospital Oncológico Ophir Loyola em Belém do Pará, aos 90 anos.

Na década em que Annunciada Chaves ajudava a fundar a Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais; em 31 de outubro de 1946, na cidade de Soledade, Estado do Rio Grande do Sul, nascia Salete Maria Polita Maccalóz, filha de Alfredo Maccalóz e Zita Polita Maccalóz.

Salete Maccalóz, em 1962, completou o primeiro grau no Ginásio São José. Quatro anos depois, se forma em professora pela Escola Normal Santíssima Trindade, na cidade de Cruz Alta, RS. Em 1972, terminou o curso de Direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Cinco anos depois, em 1978, inicia sua profícua carreira de advogada.

Posteriormente, cursou o Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), logrando seu título de Mestre em maio de 1981. Cursou o Doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e defendeu sua tese em 24 de maio de 2000.

Maccalóz atuou profissionalmente com Advocacia Liberal a partir do ano de 1973, na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Na Ordem dos Advogados do Brasil, seção Rio de Janeiro, foi nomeada

Advogada Instrutora da Comissão de Ética e Disciplina para o biênio 1981-1982, e, posteriormente, Advogada Delegada da Comissão de Direitos Humanos e Assistência, atuando também como Advogada Liberal na Cidade do Rio de Janeiro até o ano de 1988, ainda acumulando as funções de Advogada Concursada da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) de 1978 até 1988, e membro efetivo do Instituto dos Advogados do Brasil desde o ano de 1998.

Em 26 de fevereiro de 1988, tomou posse como Juíza Federal do Tribunal Federal de Recursos da 1ª Região em Brasília – Distrito Federal. Atendeu a várias convocações de auxílio às 1ª, 2ª e 5ª turmas entre 1998 e 2002, e foi nomeada por Decreto, em 16 de dezembro de 2008, como Juíza do Tribunal Federal da 2ª Região. Foi Presidente da 7ª Turma deste mesmo Tribunal em 2009, Presidente da 3ª Turma do Tribunal Regional Federal (TRF2) no período de 2010/2011, bem como Corregedora Regional da Justiça Federal da 2ª Região entre 2013 e 2015, além de compor o Conselho de Administração do TRF2 no mesmo período.

Em 7 de dezembro de 2017, na inauguração da Estante Salete Maccalóz composta pelo acervo doado à biblioteca do Centro Cultural Justiça Federal, Saulo Maccalóz, seu sobrinho, relata verbalmente características sobre a "pessoa e mulher " Salete Maccalóz, que sempre demonstrou amar seus familiares, especialmente seus sobrinhos, revela que quando Salete visitava sua cidade natal em férias, capinava junto com eles o terreno baldio de frente para casa, para que pudesse depois jogar com eles partidas de futebol, confidenciou que por admiração resolveu cursar Direito assim como a tia e , ao se formar advogado, ganhou como presente de formatura a coleção do “Tratado de Direito Privado”, obra considerada como a mais importante do jurista Pontes de Miranda, imortal da Academia Brasileira de Letras, fato interessante de comentar pois “quem ama livros, gosta de presentear com livros (Brasil, 2017).

Como a colega paraense, também exerceu carreira de docente. Em sua trajetória, foi Professora Adjunta/Doutora concursada da Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), concursada em 1994 e nomeada em 2007 para as cadeiras de Direito de Trabalho I, Direito do Trabalho II, Processo do Trabalho e Previdência Social; Professora Adjunta/Doutora concursada da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) com posse em agosto de 1997 até março de 2007; Professora e Orientadora de Direito do Trabalho, Direito Previdenciário e Direito Sindical pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e, ainda nesta instituição, Professora de Direito do Trabalho do Instituto de Aperfeiçoamento Gerencial-Recursos Humanos, de 1982 até 2000. Teve 37 de trabalhos publicados entre livros, artigos, pareceres e ensaios.

Além disso, ministrou cursos em escolas de pós-graduação de *strictu sensu* entre 2000 e 2002, no Mestrado de Medicina do Trabalho na UERJ, bem como, em vinte cursos *lato sensu*, de 1978 até 2004, em diferentes áreas do Direito. Exerceu significativa participação em entidades de classe desde os seus primeiros anos de atuação profissional, incluindo nove eventos internacionais, e obteve aprovação em 11 concursos públicos. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 2 de fevereiro de 2017, com 71 anos.

Na ocasião do passamento, Amália E. Fisher, coordenadora geral do Fundo ELAS, fez uma declaração publicada em meio eletrônico na página da instituição, que constitui uma significativa declaração acerca do perfil de Maccalóz:

“[ela] era uma feminista muito reconhecida por seus importantes posicionamentos dentro da área jurídica no que se refere aos direitos humanos. Ela foi uma das maiores entusiastas quando falei da ideia de criar um fundo para apoiar o movimento de mulheres, acreditava muito no

potencial transformador das doações e do trabalho social por ter participado quando jovem do Movimento Bandeirante” (Fischer, 2017).

Neste panorama, percebemos alguns traços dessa mulher, forte, combativa, desejosa de um mundo mais justo, daí onde se compreende seu direcionamento dentro da profissão e, por consequência, seu gosto por leituras que tratavam do tema das relações humanas em sociedade.

Apesar dos estudos sobre as trajetórias de Annuciada Chaves e Salette Maccalóz ainda estarem em curso, o relato feito evidencia que ambas tiveram em vida notoriedade como intelectuais, com um histórico de formação exemplar. Como mostra Bessone (1999) ao estudar a bibliotecas de advogados<sup>59</sup>, estes por natureza do ofício cultivavam uma formação complementar que transcende a do Direito. A figura de um advogado, ainda nos dias atuais, é associada à alta cultura. Não poderia ser diferente com nossas duas personagens.

Como veremos a seguir, suas bibliotecas foram seus instrumentos auxiliares de trabalho e espaço de fruição e formação.

## **DUAS BIBLIOTECAS DE MULHERES BRASILEIRAS**

Uma das maiores tragédias que pode acontecer a uma biblioteca particular pessoal é o seu esquitejamento consequente de uma dispersão (Freire, 1921, Azevedo & Freire, 2018). Infelizmente, os casos são vários – e não vamos

---

<sup>59</sup>Ver também: Holborn, Guy. Lawyers and their libraries. In: Black, A. and Hoare, P. (eds.), *The Cambridge history of libraries in Britain and Ireland*. Cambridge, 2006, v. 3 (1850-2000), p. 453–469.

ousar entrar nesse nicho. As bibliotecas de Anunciada Chaves e Maccalóz ganharam um bom destino, passando pelo movimento do privado para o público.

Com mais de 70 anos de carreira e com uma reputação de grande intelectual, era de se esperar que a biblioteca pessoal de Anunciada Chaves fosse muito alardeada na cidade de Belém – como em alguns casos acontece, ou seja, a fama da biblioteca é *pari passu* da notoriedade do dono.

Como acontece com outros bibliófilos, sua coleção teve origem ainda na infância e Anunciada costumava deixar os primeiros livros que ganhou em uma estante separada em destaque na sua biblioteca – outra característica de colecionadores, como comentou Bessone (2006) em citação posterior.

Seu rigor científico e acadêmico espelhava nas escolhas que fizera para sua própria biblioteca que fora formada também com livros que havia herdado das três irmãs e de seus pais. Além de compras, livros escritos e prefaciados por ela, e devido sua rede de sociabilidade e influência que exercia na cidade, recebia muitos livros oferecidos. Por isso, acredita-se que o acervo tenha chegado a 20.000 livros, os quais, a professora costumava emprestar ou permitir o acesso de alguns estudiosos.

Ela não se casou e nem teve filhos, e suas irmãs faleceram antes dela. Em 2012, seis anos depois de sua morte, dos 20.000 livros que compunham sua coleção, 3.535 títulos (em sua maioria do século XX) foram entregues em doação ao Memorial do Livro Moronguetá, e desses, no momento, 2.805 estão disponíveis pois já passaram por higienização e catalogação.

Anunciada Chaves se formou conforme um perfil de advogados estudado por Bessone (1999), ou seja, eram detentores de formação que ultrapassa o

próprio Direito e faziam questão de alimentar sua cultura e saber. A *Tabela 1* elucida essa característica, pois é possível verificar assuntos auxiliares ao seu exercício profissional na área jurídica e como Historiadora, dentre outros.

Tabela 1 – Assuntos mais lidos por Annunciada Chaves

Literatura	791
História	539
Biografia	289
Geografia	186
Arte	122
Educação	110
Economia	102
Religião	90
Cultura	70
Política	69
Filosofia	69
Sociologia	64
Direito	52
Linguagem	51
Administração	39
Antropologia	33
Ciências Exatas	27
Psicologia	23
Ciências da Terra	22
Ciências da saúde	19
Ciências da Vida	17
Ciências Naturais	8
Arquitetura	6
Serviço Social	4
Ciência Militar	3
TOTAL	2.805

*fonte:* os autores.

Quanto ao idioma, a proprietária revelou ter uma vasta cultura linguística, posto que ela possuía livros nos seguintes idiomas: *português* (81% das obras), seguido por livros em *francês* (11%); além de *inglês* e *espanhol* (4%) cada. Embora em menor frequência, livros em *alemão* e *italiano* também são verificados.

As marcas de proveniência (Pearson, 1998, 2019; Campos, 2015) associadas ao método do paradigma indiciário desvelaram outras características importantes da biblioteca, como por exemplo, de que forma que alguns livros foram incorporados à coleção, fundamentalmente por compra e doações (esses com autógrafos e dedicatórias<sup>60</sup>). Cerca de 64% das obras foram compradas por ela, cerca de 3% das obras foram herdadas de parentes e 33% foram a ela dedicados ou autografados como agradecimento pela viabilização da edição da obra; ou foram presentes de familiares, amigos ou alunos.

Foi identificado que Annunciada usava duas formas de registrar a posse de seus livros, por carimbo úmido (4%), esses em mais de um tipo, e *ex-libris* manuscrito (94%). Possuía o hábito de anotar a data em que adquiriu a obra ou, em alguns casos, o local e até a hora.

Em relação às marcas de leitura, não era adepta às marginálias no miolo do livro, optava por fazer anotações em papéis avulsos (uma espécie que consideramos como “marginália avulsa”) e guardá-las nos livros cujas leituras tivesse feito. Annunciada também tinha o hábito de fazer notas no sumário e no final do livro, com isso, criava uma espécie de índice remissivo para autores ou assuntos que julgava ser importante.

---

<sup>60</sup>Pela proposta metodológica, sobre essa forma de marca de proveniência indica-se a dissertação intitulada *As dedicatórias manuscritas: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira*, escrita pela Professora Stefanie Freire, em 2013 no Mestrado em História da UNIRIO.

Além das “marginálias avulsas” no interior dos livros, foi possível encontrar fotografias, cartões de visita, cartões postais, cartões de natal e marcadores de página e, principalmente, cartões com imagens de santos, reforçando a sua conduta religiosa e católica.

Por fim, vale citar outro tipo muito recorrente de marca de leitura, mas cada dia mais em desuso. Anunciada Chaves deixava apenso ou fixado nos livros artigos de jornais com textos que podiam fazer referência ao autor (biografia, crítica ou o necrológio) e/ou ao assunto do livro.

Quanto à Salete Maccalóz não se sabe ao certo quando começou a formação de sua biblioteca, contudo pelo perfil das obras que a compõe, estima-se que possa ter sido iniciada desde sua juventude, pois ela manteve parte de seu acervo em sua cidade natal, onde iniciou seus estudos. Alguns itens ficaram com seus familiares que ainda residem na cidade de Soledade, porém certamente, a maior parte de sua biblioteca particular foi formada na Cidade do Rio de Janeiro, onde passou a maior parte de sua vida pessoal e profissional.

A Desembargadora colecionava muitos livros da área do Direito, e ainda dentro de sua veia profissional, mas voltada também aos traços de sua personalidade forte, obras ligadas às Ciências Sociais, Antropologia, e outros títulos que abordam as relações humanas em sociedade, que amparam sua atuação como Desembargadora e Juíza. Seu perfil biográfico nos indica a sua preocupação por justiça social e pelas as pessoas menos favorecidas, bem como na defesa das causas importantes para uma sociedade mais equilibrada nas esferas culturais, sociais, econômicas e ambientais. Essa percepção ficou evidenciada nas pesquisas realizadas na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, onde encontramos notícias publicadas em periódicos sobre decisões, opiniões e ações da Juíza e Desembargadora que deixam explícitos seus ideais de justiça.

A destinação dos livros da biblioteca de Salete Maccalóz teve dois movimentos: um em 2017, quando uma de suas irmãs distribuiu a coleção entre as bibliotecas de três instituições: a da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a do Tribunal Regional Federal 2ª Região (TRF2) e a do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), todas na cidade do Rio de Janeiro. Os livros doados versavam sobre: Direito, Letras, Artes e outros assuntos associados ao lazer, como cinema, por exemplo.

Em 2019, acontece um segundo movimento, o conjunto de livros que estava na Biblioteca do TRF2 foi incorporado à Coleção Especial Salete Maccalóz, que já havia sido criada na Biblioteca do CCJF. Na mesma ocasião, a biblioteca recebeu da família da colecionadora 7.000 exemplares de histórias em quadrinhos, que eram mantidos em Soledade-RS.

A Coleção Especial Salete Maccalóz – que ainda está em tratamento técnico dado suas especificidades – foi o primeiro acervo bibliográfico formado por uma mulher a fazer parte da Biblioteca do CCJF, onde já haviam duas outras doadas por famosos juristas na cidade.

Maccalóz gostava muito de viajar e conhecer lugares mundo afora, aventureira nata que não por descuido, esqueceu dentro de um guia de turismo sobre a Europa um bilhete do metrô de Paris. Nossa ilustre bibliófila colecionou mais que livros, adquiriu mais de 7.000 exemplares de histórias em quadrinho (como *Flash Gordon*, por exemplo), juntou mais de 1.000 cartões postais de suas viagens. Sua curiosidade sobre as pessoas revelou as razões de possuir em seu acervo algumas enciclopédias sobre a história da humanidade. Alguns livros que ressaltam a sensualidade feminina sugerem certo interesse sobre o assunto, livros sobre as mais diversas expressões da arte demonstraram seu gosto e admiração, fosse pela música, por artes plásticas, e outras manifestações artísticas, com destaque especial para o

cinema, pois colecionou também mais de 2.000 DVDs, onde os clássicos mais importantes da sétima arte estão presentes.

O *ex-libris* impresso foi a marca de propriedade escolhida por Salete Maccalóz para registrar seus livros. Elaborado por uma de suas irmãs, que é artista plástica, como um bom *ex-libris*, ele sintetiza o seu interesse bibliofílico, pois juntamente à algumas áreas do *Direito*, a palavra *Cultura* também recebe destaque.

Figura 1. Ex-Libris da Desembargadora Federal Salete Maccalóz



Fonte: Acervo da Biblioteca CCJF (2018)

Ao atribuir à Salete Maccalóz a qualidade de uma mulher bibliófila, o fazemos não só pelos traços e particularidades reveladas em teorias que tratam sobre o assunto. O contato com acervos bibliográficos particulares, permite de forma natural, a percepção sobre as características do colecionador, porém o que chama mais atenção é o fato deste atributo ser outorgado a uma “mulher”, sim, pois as mulheres antes só eram tratadas como

meras colecionadoras de futilidades, ou até mesmo, quando casadas com bibliófilos, eram consideradas muitas vezes como inimigas das bibliotecas dos maridos. Ao mudar esse olhar, consegue-se inverter tais percepções e, a despeito de opiniões preconceituosas, demonstrar os detalhes da bibliófila Salete Maccalóz, que manteve sua potência e firmeza, sem que para isso fosse preciso perder sua sensibilidade, emoção, coragem e, principalmente, a sua audácia.

Para modificarmos este panorama é necessário corrigir falhas e desfazer ideias retrógradas e diminutas em relação às mulheres que se atrevem a adentrar nos universos antes exclusivamente masculinos.

Pode-se evidenciar o protagonismo na qualidade dessas colecionadoras ao dizer que mulheres assim representam posturas importantes dentro da sociedade, pois sugerem um equilíbrio mais justo dentro do universo do colecionismo bibliográfico. Colocam em destaque, não o fato de ser homem ou mulher, mas a importância de contribuir positivamente e de forma efetiva para a construção de uma sociedade munida de valores culturais, que trate seus componentes como iguais, que constate o valor de cada indivíduo por suas ações, mas sobretudo que reconheça que é necessário evidenciar e focalizar nossos olhares naquelas que antes viviam apagadas na história das bibliotecas, as mulheres colecionadoras, as bibliófilas, mulheres como Salete Maccalóz e Maria Annunciada Chaves.

## CONCLUSÕES

# 2.

Nossa intenção com este artigo foi apresentar e dar a conhecer traços das trajetórias de duas bibliófilas brasileiras, e com isso, propor uma discussão em torno dos termos bibliófila, biblioteca de mulher e biblioteca particular pessoal de mulheres. Para isso, com uso da seleção de alguns autores dos séculos XIX e XX, ressaltar algumas marcas discursivas sobre a relação mulher e biblioteca e deixar a questão de até que ponto ainda não estão presentes em nossa memória coletiva e discursiva.

Sobre a relação leitor-livro-leitura, Darnton (1992: 203) afirmou que: “[os historiadores do livro] tendo estudado a leitura como um fenômeno social, podem responder muitas perguntas de “quem”, “o que”, “onde” e “quando”. Tania Bessone no comentário que faz sobre essa ideia considerou que no estudo das bibliotecas particulares pessoais é possível estabelecer essa dinâmica.

Por considerar que “uma biblioteca não é simplesmente o somatório de livros” (Bessone, 1999: 22) e a trajetória dos seus proprietários, acreditamos que há ainda um elemento simbólico que não pode deixar de ser considerado frente a esses objetos que representam patrimônio bibliográfico, qual seja, por aqueles livros e naqueles livros a memória do antigo dono se prolonga

(Azevedo, 2010). De alguma maneira, essa memória, ou muito mais, essa essência está ali, naqueles livros que, às vezes, ao olharmos para eles dão a falsa ideia de silentes, discretos e passivos, quando na verdade certos livros naquele conjunto podem ter sido determinantes e basilares para as carreiras de seus donos. E também, no *hobby*, na parte que o dono colecionava por fruição, podem existir conjuntos documentais únicos pois foram amealhados ao longo de uma vida, como por exemplo, cardápios de jantares, cartões postais, revistas literárias ou não, etc.

Muito frequentemente, a biografia de uma biblioteca particular pessoal é entremeada de empacotar (Benjamim, 2000) e desempacotar (Manguel, 2001), porém, haverá um último movimento desses em que, na maioria dos casos, o proprietário não estará presente.

A relação do colecionador com seus livros pode ser visceral. Esses livros, amealhados ao longo de uma vida, foram testemunhas de inúmeros momentos daquela pessoa, são parte da memória de entes queridos, como no caso da biblioteca particular e pessoal, cuja início geralmente com livros herdados, como ocorreu com Anunciada Chaves.

Os livros são objetos e, como tais, podemos olhar a história das bibliotecas particulares pessoais sob essa ótica (Azevedo e Loureiro, 2019), pois dessa forma somos capazes de fazer uma reflexão acerca da história desses objetos na vida dessas pessoas (De Waal, 2011; Stallybras, 2016).

No filme *La Dernière folie de Claire Darling* (2018) a personagem interpretada por Catherine Deneuve exemplifica de maneira muito sensível que os objetos, sobretudo aqueles que passam por gerações, além de guardiões de memórias, são como entidades personificadas que convivem com a família, para o bem ou para o mal. Por isso, pode ser que para alguns

seja tão doloroso se desfazer de alguns de seus livros, dependendo do tipo de memória que carrega.

Na literatura da história do livro e da leitura, observam-se alguns episódios em que colecionadores ficam com seus livros até os últimos momentos de suas vidas, não apenas pelo mero apego – como com ironia muitas vezes é visto. Há que lembrar ainda, no caso das duas bibliófilas, que são pessoas que fazem parte de uma geração livresca, ou seja, dependiam do livro para sua formação.

Suas bibliotecas além de formação, podem ter sido lugares de consolação (Blom, 2003), de apoio emocional, de refúgio (Schwarcz, 2017), um verdadeiro ente, uma companheira. Não são simplesmente, como pensam alguns, um depósito acumulativo de caprichos (Dunning, 2009). Ora, como dissemos anteriormente, se a biblioteca também era lugar de ofício, ela estará com o proprietário até o derradeiro momento, sobretudo se este morreu ainda no exercício profissional, como no caso de Maccalóz – e de tantos outros.

As bibliotecas de Maria Annunciada Ramos Chaves e Salete Maria Polita Maccalóz não foram meros exemplos para nossas reflexões, ao contrário, elas foram e continuarão a ser as forças motrizes que nos motivarão a seguir nessa investigação.

Por fim, desejamos que pesquisas que versam sobre o assunto possam ser mais conhecidas, que outras surjam e até mesmo que se promovam eventos específicos para discutimos o tema, afinal: Bibliófilas, sim! E-por que não?!

## Bibliografia

Assamann, Aleida (2011). *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. São Paulo. Ed. da Unicamp.

Beckmann, Clodoaldo F. R. (2006). Homenagem à Maria Annunciada Chaves. *Rev. Cult. do Pará*, Belém, vol. 17 (2) 177-182, jul./dez.

Benjamim, Walter (2000). “Rua de mão única”, in: \_\_\_\_\_ *Obras Escolhidas*. São Paulo. Brasiliense. (pp. 227-235).

Bessone, Tania Maria (1997). *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

Blom, Philip (2002). *Ter e manter: uma coleção íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro. Record.

Campos, Fernanda Maria Guedes de (2015). *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (século XVIII)*. Lisboa: Caleidoscópio.

Cândido, António (1990). “A evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu”. In: *Notícia bibliográfica e história*, Campinas, n. 135. (pp. 82-86).

Cim, Albert (1919). *Les femmes et les livres*. Paris: Ancienne Librairie Fontemoing.

Courcelles, Dominique de e Julián, Carmen val (réunis). (1999). *Des femmes et des les livres: France et Espagnes, XIVE-XVIIe siècle: actes de la journée d'étude organisée par l'École nationale des chartes et l'École normale supérieure de Fontenay/Saint-Cloud* (Paris, 30 avril 1998). Paris: École des Chartes.

Damaso, Daniele (1997). *Annunciada: a história de um compromisso*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém. Orientador: Lúcio Flávio Pinto.

Darnton, Robert (1992). “História da Leitura”. In: Burkner, Peter (Org.) *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo. Ed. UNESP, (pp. 199-236).

Diaconoff, Suellen (2005). *Through the reading glass: women, books, and sex in the French Enlightenment*. New York. State University of New York Press.

Dunning, John (2009). *O Último caso da colecionadora de livros*. São Paulo. Companhia das Letras.

Gelber, Steven M (1999). *Hobbies: leisure and the culture of work in America*. New York. Columbia University Press.

Haight, Anne Lyon (1937). Are women the natural enemies of books? In: Rogers, Bruce; Stein, Gertrude e Wakefield, Lucina Smith. *Bookmaking on the Distaff Side*. New York. The Distaff Side.

Holborn, Guy (2006). Lawyers and their libraries. In: Black, A. and Hoare, P. (eds.), *The Cambridge history of libraries in Britain and Ireland*. Cambridge, v. 3 (1850-2000), p. 453–469.

Labouchere, Norma (1895). *Ladies' Book-plates: an illustrated handbook for Collectors and Book-lovers*. London. George Bell & Sons.

Moraes, Rubens Borba de. (1976) *O Bibliófilo aprendiz*. São Paulo. Companhia Editora Nacional.

Namer, Gérard (1987). *Memoire et société*. Paris. Méridien.

Pearson, David. *Provenance research in book history: a handbook*. London. The British Library, 2019.

Quentin-Bauchart, Ernest (1886). *Les Femmes bibliophiles de France (XVIe, XVIIe, & XVIIIe siècles)*. Paris. Damascène Morgand, libraire.

Rêgo, Clóvis Moraes (2002). *Curriculum vitae* da Professora Doutora Maria Annuciada Ramos Chaves. In: \_\_\_\_\_. *Subsídios para a história do Colégio Estadual 'Paes de Carvalho'*. Belém. Ed. da UFPA, p. 145-162. (Memórias especiais, 1).

Roberts, W (1895). *The book-hunter in London: historical and other studies of collectors and collecting*. London. Elliot Stock.

Sarges, Maria de Nazaré dos Santos. *Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. Belém, 2016. 13 p.

Schwarcz, Lilia Moritz (2017). *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo. Companhia das Letras.

Sontag, S. (2012). *As Consciousness Is Harnessed to Flesh: Journals and Notebooks, 1964–1980*. New York. Farrar, Straus and Giroux.

Stallybrass, Peter (2016). *O Casaco de Marx: roupa, memória, dor*. 5.ed. rev. Belo Horizonte. Autêntica.

Wall, Edmund de (2011). *A Lebre com olhos de âmbar*. Rio de Janeiro. Intrínseca.

Zaid, Gabriel (2004). *Livros Demais!:* sobre ler, escrever e publicar. São Paulo. Summus.

## Webgrafia

Araújo, Adema Ferreira de (2017). *Rubens Borba de Moraes e José Mindlin: bibliofilia como patrimônio informacional*. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. (Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25239>. Acesso em: 27.03.2020)

Azevedo, F. C. (2010). “A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida”. *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol 15(3): 233-249, nov. ISSN 19815344, 2010 (Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1070>. Acesso em: 11.03.2020)

Azevedo, F. C. & Loureiro, M. L. N. M. (2019). Afinal, os objetos falam? reflexões sobre objetos, coleções e memória. In: XX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB. (Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/951>. Acesso em: 27.03.2020).

Azevedo, Fabiano Cataldo de e Cavalcante, Stefanie Freire (2018). Conde de Azevedo e Camilo Castelo Branco: quando a epistolografia revela afetos e a formação de uma biblioteca. In: XVIII Encontro de História: Encontro Internacional: História & Pareceria. ST. 45. Livros, bibliotecas, cartas e outros escritos: a apropriações, 23 a 27 de julho de 2018. 23 slides. (Disponível em: [https://www.academia.edu/37118232/Conde\\_de\\_Azevedo\\_e\\_Camilo\\_Castelo\\_Branco\\_quando\\_a\\_epistolografia\\_revela\\_afetos\\_e\\_a\\_forma%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_uma\\_biblioteca](https://www.academia.edu/37118232/Conde_de_Azevedo_e_Camilo_Castelo_Branco_quando_a_epistolografia_revela_afetos_e_a_forma%C3%A7%C3%A3o_de_uma_biblioteca). Acesso em: 27.03.2020).

Brasil. Justiça Federal. Tribunal Federal 2ª Região (2017). *Jus Brasil notícias*. Exposição *in memoriam* de Desembargadores do TRF2. (Disponível em: <http://www10.trf2.jus.br/institucional/magistrados/desembargadora-federal-saete-maccaloz/>. Acesso em: 10 abr. 2020).

Bury, R. (1889). *The Philobiblon of Richard de Bury*. New York: Lockwood and Coombes. (Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/626>. Acesso em: 15.03.2020)

Fisher, Amália E. (2017), coordenadora geral do Fundo ELAS. Informações verbais. In: ELAS: Fundo de Investimento Social. *Nota de pesar*. (Disponível em: <http://www.fundosocialelas.org/noticias-conteudo.asp?cod=361>. Acesso em: 29.03.2020).

Freire, Anselmo Braamcamp (1921). Introdução. In: Santos, José dos (red.). *Catálogo da importante e preciosíssima livraria, que pertenceu aos notáveis escritores e bibliófilos Condes de Azevedo e de Samodães*. Porto: Tip. da Empresa Literária e Tipográfica.

(Disponível em: <https://archive.org/details/catlogodaimpor01azevuoft>. Acesso em: 04.04.2020).

FREIRE, Stefanie Cavalcanti. *Dedicatórias manuscritas: relações de afeto e sociabilidade na biblioteca Manuel Bandeira*. 2013. 406 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. (Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12139>. Acesso em: 04.04.2020).

Jaramillo, Orlanda; Marín-Agudelo, Sebastián-Alejandro. Patrimonio bibliográfico en la biblioteca pública: memorias locales e identidades nacionales. *El Profesional de la Información*, vol. 23(4): 425-432. 2014, (Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/EPI/article/view/epi.2014.jul.11/16972>. Acessado em 20.03.2020)

*La dernière folie de Claire Darling* (2018). (Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt6961808/>. Acessado em: 01.04.2020)

Maciel, Francisca Izabel Pereira (2001). *Lúcia Casasanta e o método global de contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais*. 153 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. (Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-86PRY6>. Acesso em: 14.04.2020).

Manguel, Alberto (2011). *Embalando a minha biblioteca*. Lisboa. Tinta-da-China.

Melo, Kelly Castelo Branco da Silva (2011). *Bibliofilia: um tipo de colecionismo, um caminho de coleção e memória*. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011. (Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Dissertações/Diss356.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020).

Melo, Kelly Castelo Branco da Silva (2018). *Coleção e melancolia: universos mneumônicos-patrimoniais*. 145 f. Tese (Doutorado) - Curso de Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. (Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12831> Acesso em: 27 abr. 2020).

Memorial do Livro Moronguêta (2020). *Acervos: Maria Annunciada Ramos Chaves*. (Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/38822662.pdf> acessado em: 28.03.2020)

Palma Peña, Juan Miguel (2011). “La socialización del patrimonio bibliográfico y documental de la humanidad desde la perspectiva de los derechos culturales”. *Revista General de Información y Documentación*, Vol. 21: 291-312. (Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/38822662.pdf> acessado em: 08.04.2020)

Palma Peña, Juan Miguel (2013). El patrimonio cultural, bibliográfico y documental de la humanidad: revisiones conceptuales, legislativas e informativas para una educación sobre patrimonio. *Cuicuilco*, México, Vol. 20 (58): 31-58, sep./dic. (Disponível em [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0185-16592013000300003](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16592013000300003) acessado em: 11.04.2020)

Reifschneider, Oto Dias Becker (2011). *A Bibliofilia no Brasil*. 303 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília. (Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/10744>. Acesso em: 02.04.2020).

Roberts, W (1895). *The book-hunter in London: historical and other studies of collectors and collecting*. London. Elliot Stock.

Sousa, Moizeis Sobreira de (2017). Dos livros de devoção ao romance: a numerosa e escolhida biblioteca da Princesa do Brasil, D. Maria Francisca Benedita (1746-1829). *História*, São Paulo, n. 36, (Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742017000100405&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742017000100405&script=sci_arttext). Acesso em: 29.03.2020).

# O PATRIMÔNIO DOCUMENTAL BAIANO: DESCRIÇÃO MATERIAL DE DOCUMENTOS DO SÉCULO 19

*Bahia's documental heritage: Material description of documents from the 19th century*

**Alícia Duhá Lose/UFBA**

**[alicia.lose@ufba.br](mailto:alicia.lose@ufba.br)**

**Vanilda Salignac Mazzoni/Memória e Arte**

**[vanildasalignac@gmail.com](mailto:vanildasalignac@gmail.com)**

### **Resumo**

Este artigo trata da identificação de manuscritos antigos com status de documentos históricos a partir do olhar da prática cotidiana do Ateliê de Conservação e Restauração Memória e Arte, localizado na cidade do Salvador, Bahia, Brasil. A intenção é mostrar a importância da inventariação a partir da descrição do suporte partindo de elementos presentes nos documentos e que não nos deixam dúvidas de sua importância e da necessidade de conservá-los e protegê-los enquanto patrimônio documental. Utilizou-se como referência documentos manuscritos tratados pelo referido Ateliê e que foram produzidos no século XIX, sem nenhuma intenção de serem classificados com valorização histórica, mas que, com o passar dos séculos, se tornaram documentos relevantes, o que significa que a sua perda levará a uma lacuna na nossa história. São documentos, portanto, não passíveis de descarte, prática recorrente a determinados documentos arquivísticos.

**Palavras-chave:** Manuscrito. Bahia. Inventário. Documento histórico.

### **Abstract**

This article deals of the identification of old manuscripts with historical document status from the perspective of the daily practice of the Atelier of Conservation and Restoration Memória e Arte, located in the city of Salvador, Bahia, Brazil. The intention is to show the importance of the inventory based on the description of the support, starting from elements present in the documents and which leave us in no doubt of their importance and the need to preserve and protect them as documentary heritage. It was used as a reference manuscript documents treated by the referred Ateliê and that were produced in the 19th centuries, with no intention of being classified with historical value, but that over the centuries have become a relevant document, which means that their loss will lead us to a gap in our history, therefore, without the power to discard such as is done with certain archival documents.

**Keywords:** Manuscript. Bahia. Inventory. Historical document.



# INTRODUÇÃO

# 1.

Em 1549, a cidade de Salvador, capital da chamada, à época, Província da Bahia, foi escolhida para ser a primeira sede oficial do Governo Geral português em terras brasileiras. Quase cinco séculos depois, muita documentação que foi produzida a partir das atividades burocráticas do governo, das ordens religiosas, ou de uma série de histórias nascidas na oralidade, muitas vezes por mãos que acreditavam traduzir fatos que (supostamente) os olhos vivenciaram, ainda existe. O objetivo deste breve artigo é descrever as características da produção desses documentos escritos à mão, portanto, manuscritos, do século XIX na Bahia e mostrar como eles se tornaram - por serem, nos casos aqui apontados, originais - fontes históricas primárias para as pesquisas sobre os períodos Colonial, Imperial e Republicano no Brasil. Sua importância mostra-se maior se lembrarmos que Salvador se manteve como capital do país até 1763 e, mesmo com a transferência da sede do governo para o Rio de Janeiro, a Província da Bahia ainda conservou um respeitável status político, e os registros produzidos na época continuam sendo tomados como referências para variados estudos.

Segundo Priore (2016), dependendo da finalidade, o estatuto de um documento varia: uns são emblemáticos para momentos específicos da história; outros abrem portas de um mundo desconhecido; outros são de ordem patrimonial e se relacionam com a construção da nossa memória. Todos eles são importantes porque há sempre um viés de interesse de um

pesquisador e que irá se surpreender diante dos fatos apresentados nas linhas e entrelinhas dos textos.

Além do fato de ser extraordinário do ponto de vista histórico, também é muito sedutor estar diante de um manuscrito antigo. Como nos aponta Hamel (2017, p. 8-9), “[...] nenhuma cópia se iguala a um original. [...] Ninguém pode propriamente conhecer um manuscrito ou escrever sobre ele sem tê-lo visto e segurado nas mãos”. A emoção é outra: o cheiro, a cor, o traçado, a tinta, o envelhecimento, as marcas de desgaste, a percepção do tempo na construção da escrita histórica, as mudanças de mãos sobre o papel. Tudo isso atrai e encanta um pesquisador.

Um documento manuscrito adquire *status* de patrimônio documental histórico a partir de suas características vinculadas ao valor estético, cultural, material, social, identitário, de memória e de conteúdo. Isto significa que o documento não nasce com esse *status*, ele se torna histórico. É fonte permanente de informação, mas também é objeto, artefato, não só conteúdo, e por essas características não se aplica a esse tipo de documento o critério de elegibilidade para descarte. E se não pode ser descartado, tem que ser preservado.

E é essa sensação regozijante que temos diariamente em nosso Ateliê de conservação e restauração de documentos antigos, que queremos descrever para o leitor neste texto. Muito além de ser um ateliê de conservação e restauração de papel, o Memória e Arte é uma instituição de salvaguarda do patrimônio documental baiano, localizada em Salvador, que cuida de inúmeros documentos manuscritos de importância histórica que enriqueceram a relação luso-brasileira ao longo dos séculos. Assim, mostraremos, a partir de nossa experiência cotidiana, como identificamos e analisamos cada documento a fim de conferir sua importância histórica. Normalmente, quando o proprietário do acervo documental nos procura, ele quase nunca sabe do que trata sua coleção/fundo, pois não “consegue”

entender o que está escrito ali, apenas reconhece que é antigo pela aparência física do suporte. Cabe a nós conhecermos o documento antes de restaurá-lo. Aqui não comentaremos o processo de restauro e sim os elementos que levamos em consideração para lhe conferir o estatuto de documento histórico.

Para iniciarmos os trabalhos com qualquer documentação que chega até nós, enquanto primeiro ato, fazemos o inventário, que nada mais é do que relacionar, listar discriminadamente, registrar características físicas específicas do manuscrito e descrever seu conteúdo. Para uma eficiente gestão do espaço de guarda, o inventário é importante porque a partir do registro documental completo é possível se tornar conhecedor de um acervo. Essa primeira ação pode ser feita pelo próprio gestor ou proprietário, basta que ele tenha competências específicas que podem ser adquiridas com estudos acerca da materialidade documental.

Como dito, no inventário caracterizamos o documento, individualizando-o (no sentido de reconhecê-lo como singular em seu conteúdo e representatividade histórica). Os objetivos da identificação e análise de manuscritos são variados: (1) avaliar a condição do suporte para julgar se ele pode ainda ser manipulado, por exemplo; (2) saber se ele pode ser disponibilizado para consulta ou já deve ser retirado de acesso resguardando-o para protegê-lo; (3) auxiliar no processo de restauração / conservação – se não apresenta condições de manipulação, um conservador-restaurador deve ser consultado para indicar o melhor tratamento –; (4) conhecer o acervo – é preciso saber quais assuntos se pode disponibilizar ao leitor/pesquisador, qual o tema recorrente de documentação; (5) não se concebe que um gestor desconheça seu acervo; (6) controlar o acervo – se conhecemos, possuímos condições de controlar o acesso a partir de condição física e da necessidade de cada pesquisador; (7) fazer a descrição informativa do suporte – precisamos saber de sua materialidade –; (8) proteger o patrimônio histórico – se identificamos como patrimônio histórico, podemos assegurar apoio financeiro e executar ações de salvaguarda; (9) reconhecê-lo em caso de

extravio e posterior recuperação por parte das autoridades: manuscrito é documento único, portanto, sua originalidade é inquestionável, mas existem cópias perfeitas. E a meta principal deve ser reconhecer o acervo pela importância patrimonial/cultural que ele representa.

Como segundo ato, fazemos a leitura do documento para reconhecer e compreender o seu conteúdo e, conseqüentemente, seu valor histórico a partir do assunto. Para isso, contamos com uma equipe de paleógrafos que nos auxiliam na transcrição de cada documento que chega ao Ateliê. Esse conjunto de ações nos ajuda no reconhecimento do documento enquanto patrimônio documental histórico.

# A IMPORTÂNCIA DA MATERIALIDADE DO SUPORTE: IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DO DOCUMENTO HISTÓRICO INTRODUÇÃO



Belloto (2007) afirma que a organização de documento em fundo torna o arquivo permanente (que é o caso dos documentos históricos) organizado e lógico, porém a descrição é a única maneira de possibilitar que os dados contidos nele cheguem ao pesquisador. Ao valor primário do documento (o uso pelo produtor) se junta o valor secundário (o uso que se faz da informação no suporte), que deve ser mais amplo: nesse momento, “[...] a descrição destina-se àquela cuja tarefa é explorar o que restou, após ter-se cumprido a finalidade administrativa ou jurídica do ato” (BELLOTO, 2007, p. 178).

Embora a descrição apresentada por Belloto difira de nossa identificação em relação aos elementos contidos no documento, o que estamos levando em consideração é a importância de descrevê-lo para que o suporte seja de fato um instrumento de pesquisa, pois ao inventariá-lo estamos dissecando sua materialidade (descrição física) e identificando o assunto, o que muito facilita o trabalho do pesquisador ou do simples leitor curioso. Mas, antes de discutirmos acerca da identificação e descrição do documento, precisamos evidenciar o conceito de documento histórico.

A partir de que momento esse manuscrito passa a ser um “documento histórico”? Para nós, o documento histórico é a fonte material que relata



algum feito, ato, ação, em um determinado período e que se torna de interesse público com o passar do tempo por interferir em um conhecimento maior de uma época, influencia o presente quando nos revela um fato desconhecido até então, que desvenda ou não a formulação de um problema, contanto que ofereça a leitura e pesquisa no assunto. Quem transforma um simples manuscrito em documento histórico e fonte primária é o olhar do pesquisador. Funari (2005, p. 84-85) acrescenta e amplia o sentido:

Pressupondo que a História se escreve com documentos, a primeira providência dos historiadores, a partir das décadas iniciais do século XIX, foi a publicação de documentos antigos, transmitidos pela tradição textual dos copistas, em edições com aparatos críticos, ou seja, com notas sobre as diferenças entre os manuscritos. Iniciou-se, pois, a publicação de coleções de obras latinas e gregas, primeiro, e depois de uma infinidade de textos em línguas antigas, medievais e modernas. Ao mesmo tempo, começou a surgir a preocupação com a preservação de documentos de arquivos, com a criação de instituições arquivísticas públicas e com critérios próprios. Uma consequência natural dessa preocupação com a documentação fez surgir grandes iniciativas arqueológicas de coleta e publicação de artefatos, edifícios e outros aspectos da *cultura material*, que deve ser entendida como tudo que é feito ou utilizado pelo homem.

Após sua classificação e reconhecimento de seu valor histórico, passamos para a descrição desse documento, mas não sem antes nos perguntarmos quais elementos devemos levar em consideração para inventário no momento de sua identificação. Necessitamos, *a priori*, do aporte de três ciências: a Codicologia, a Diplomática e a Paleografia.

A **Codicologia** é uma ciência que estuda a técnica dos livros manuscritos, ou seja, os códices. Segundo Cambraia (2005, p. 26), “Para o crítico textual, a codicologia é de grande relevância, pois fornece informações que permitem

compreender algumas das razões pelas quais os textos se modificam no processo de sua transmissão”.

A **Diplomática** consiste no estudo da matéria escriptória, dos instrumentos gráficos, das tintas, dos selos, das bulas, dos timbres, da letra, da linguagem, das fórmulas, em uma crítica formal dos documentos. Os procedimentos diplomáticos auxiliam a situar os documentos no tempo e no espaço.

A **Paleografia** é a ciência que estuda a escrita antiga sob suporte macio (pergaminho ou papel). Sem o auxílio dela seria impossível a decifração do conteúdo dos textos devido à complexidade da produção escrita que atravessa séculos e vai sendo influenciada por tipos específicos de letras e características específicas de mãos. A abordagem interdisciplinar com essas três ciências nos ajuda a compreender tanto a necessidade da salvaguarda desses documentos quanto suas potencialidades enquanto fonte primária de pesquisa e estudos históricos.

Portanto, embora, a rigor, não possamos usar o termo Codicologia para descrever documentos manuscritos posteriores ao século XV, bem como não possamos usar o termo Diplomática para tratar de documentos que não tenham sido vazados dentro das fórmulas diplomáticas convenientes, é comum tomarmos por empréstimo itens dessas duas ciências analítico-descritivas na análise e na descrição de documentos manuscritos mais modernos, pois nos interessa saber particularidades sobre a produção escrita de cada um deles. Portanto, importa compreender e descrever o tipo de tinta utilizada na escrita; a tipologia documental (se é carta, documento administrativo, ata, etc.); quem são o emissor e o receptor do texto; qual a sua datação; o seu local de origem; procedência do fundo/coleção; quais suas dimensões; o número de fólios; o tamanho da mancha escrita; o número de linhas; a existem ou não de abreviaturas; em qual idioma foi produzido; se possui anotação posterior; qual tipo de papel ele foi produzido; se existem

marcas de propriedade ou marca de proveniência, se o texto é colunado; se há selos, sinetes ou estampilhas; de que assunto trata; qual é o seu estado de conservação, entre outros.

# 2.1

## Descrição física de um documento manuscrito

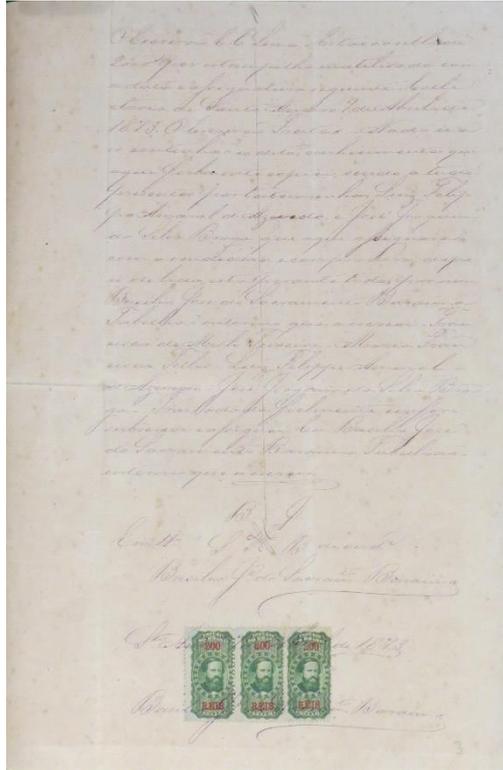
Mostraremos, a partir de exemplos extraídos de um acervo por nós trabalhado, os elementos materiais básicos, mais visíveis em um primeiro contato, que podem conferir o imediato valor histórico aos documentos: presença de estampilhas, lacres, selos, assinaturas em público e raso, datação, características de produção do texto em tinta metaloácida, orgânica ou carbonada, validações e chancelas de escrivães, estado de língua em que foi cunhado o documento apresentando grafias, vocabulário e pronomes de tratamento característicos de um dado período, papel de cor amarelada, produzido em trapos com vergaturas, pontusais e marcas d'água, ou em celulose. A existência de todos esses elementos nos comprova que estamos diante de um documento histórico e que merece ser analisado, descrito e conservado.

As imagens a seguir são de documentos pertencentes a um fundo documental arquivístico-histórico do Recolhimento dos Humildes, fundado em 1798 e legalmente autorizado em 1817, como Centro de Educação Feminina e Recolhimento para meninas, pelo Padre Ignácio Teixeira dos Santos e Araújo, na cidade de Santo Amaro da Purificação, na Província da Bahia, Vila de Santo Amaro, Brasil. No ano de 1927, a instituição deixou de ser um Recolhimento, tornou-se um convento feminino e foi elevado à categoria de Congregação, pela qual uma escola é mantida até os dias atuais.

Esses documentos aqui apresentados são administrativos e originalmente não “nasceram” com a condição de manuscritos históricos patrimoniais, adquiriram tal *status* por serem a única fonte informativa que conta a trajetória da instituição, incluindo os seus propósitos, os nomes dos fundadores e a forte ligação entre a Igreja Católica e o poder político de Portugal há época de sua fundação, visando à autorização de uma importante e necessária instituição religiosa para abrigar mulheres em terras da Colônia.

Na imagem a seguir (Figura 1), é possível perceber o uso de selos imperiais de impostos, no valor de 200 réis cada, e assinaturas em público e raso, os quais nos fornecem a informação de que estamos diante de um documento de valor público. Lendo o texto, vemos tratar-se de um translado com fé pública de documento de compra e venda, escrito por um único *scriptor*, em letra humanística cursiva do séc. XIX, e traçado bastante caligráfico. A leitura paleográfica do texto nos permite identificar *quando* o documento foi escrito – 07/04/1873; *onde* foi escrito – Bahia; *por quem* foi produzido e validado = Basílio José do Sacramento Baraúna; *por que* foi escrito – é um documento de compra e venda de uma casa; *para quem* foi escrito – Francisca de Mello Teixeira, a vendedora, e Maria Francisca Telles, a compradora. E os elementos de validação, as fórmulas diplomáticas utilizadas, as características linguísticas presentes no texto, o tipo de papel e a tinta utilizadas nos confirmam tratar-se de um documento autêntico, correspondente à datação tópica e cronológica apresentadas.

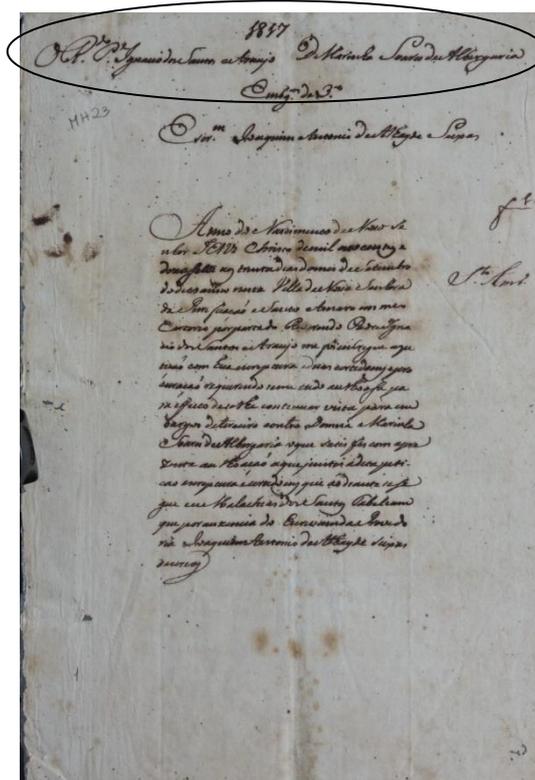
Figura 1: Documento de compra e venda



Fonte: Recolhimento dos Humildes/Memória e Arte

O segundo documento é de 18/09/1817. São embargos feitos pelo Padre Ignacio dos Santos contra os parentes de Francisco Soares de Albergaria que protestaram juridicamente pelo fato de esse ter doado, em testamento, bens ao Recolhimento dos Humildes. O documento é produzido por Malachias dos Santos, tabelião da Provedoria, na ausência do escrivão da mesma, Joaquim Antonio de Athayde e Seixas, na Vila de Santo Amaro. Embora o documento não apresente assinaturas ou outras formas de validação legal, ele traz as fórmulas diplomáticas previsíveis, características linguísticas e abreviaturas peculiares ao séc. XIX e recorrentes nessa tipologia documental; foi produzido sobre papel avergado, com vergaturas e pontusais, e escrito com bico de pena em tinta metaloácida por um único scriptor em letra humanística cursiva do séc. XIX. Portanto, as características materiais e estruturais do documento condizem com a data tópica e cronológica nele apresentadas e nos levam a crer tratar-se de um original.

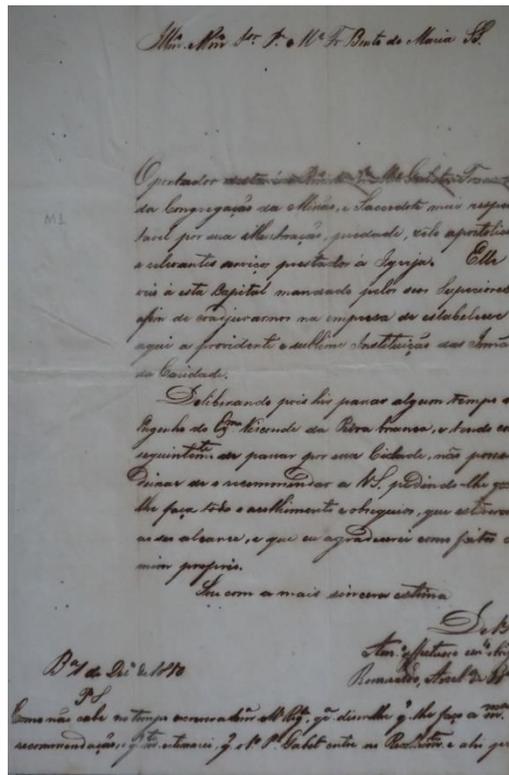
Figura 2: Documento de embargo



Fonte: Recolhimento dos Humildes/Memória e Arte

Já o terceiro documento traz logo na sua fórmula inicial as abreviaturas referentes aos pronomes de tratamento para identificar o destinatário: *Illustrissimo Reverendissimo Senhor Padre Mestre Frei Bento de Maria Santissima*. Trata-se de uma carta de apresentação e recomendação, remetida pelo Arcebispo da Bahia Dom Romualdo Seixas e por ele assinada. O destinatário é o *Padre Mestre Frei Bento de Maria Santissima*. A carta é datada de 01/12/1850; apresenta carimbo seco do lado esquerdo superior (já bem clarinho); tem como assunto a comunicação da visita do sacerdote Padre Gabet ao Recolhimento dos Humildes, recomendando que este seja bem recebido. O documento foi produzido com bico de pena, com tinta metaloácida marrom, por um único *scriptor* em letra humanística cursiva do séc. XIX. Apresenta assinatura e traz as fórmulas diplomáticas previsíveis, características linguísticas e abreviaturas peculiares ao séc. XIX e recorrentes nessa tipologia documental; foi produzido sobre papel avergado, com vergaturas e pontusais. Portanto, as características materiais e estruturais do documento condizem com a data tópica e cronológica nele apresentadas. Por conhecermos outros tantos documentos autógrafos do mesmo *scriptor*, podemos afirmar tratar-se de um original.

Figura 1: Carta de Dom Romualdo, Arcebispo do Brasil



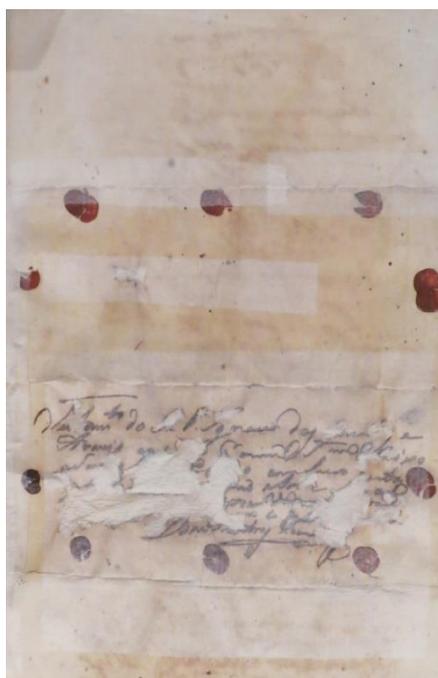
Fonte: Recolhimento dos Humildes/Memória e Arte

No quarto exemplo, vemos outros elementos importantes para identificação e caracterização do documento em questão. Embora não tenha sido posto o sinete de autoria conforme seria esperado, vemos pingos de cera utilizados para lacre. O texto foi produzido com bico de pena e tinta metaloácida por um único *scriptor*. Embora o suporte se encontre bastante danificado, é possível perceber tratar-se do envelope no qual se continha o testamento de Padre Ignacio Araujo (fundador do Recolhimento dos Humildes), confirmado e assinado pelo Padre Domingos Duarte Nunes. O documento é original e datado de 16/06/1818.

No quinto documento, vemos um selo de chapa (recortado, colado com goma e prensado a seco). O texto é escrito em bico de pena com tinta metaloácida produzido em letra humanística cursiva do séc. XIX, bastante caligráfica, por um único *scriptor*. O documento é datado de 23/09/1829 e é um Termo de Visita ao Recolhimento dos Humildes, feita pelo Arcebispo da Bahia, Dom Romualdo Antonio de Seixas, Primaz do Brazil, do Consêlho de Sua Majestade o

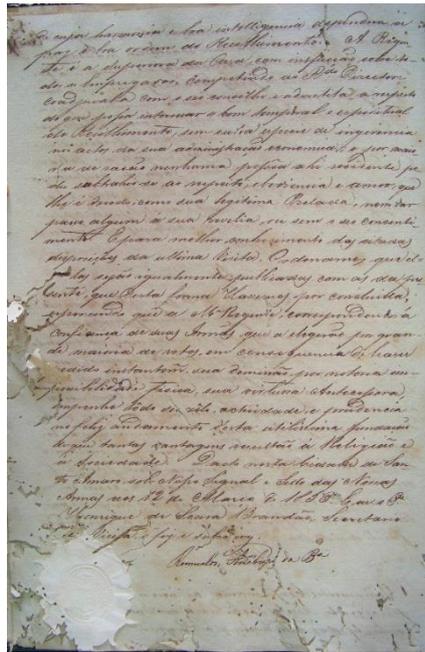
Imperador, Grande Dignitário da Ordem da Rosa Gram Cruz de Christo, que saiu da Província da Bahia para a Vila de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano. Além do suporte utilizado, da tinta, do instrumento da escrita e dos elementos de validação, o estado de conservação do documento também marca a temporalidade e todos devem ser considerados e mencionados nas análises e descrições para atribuição de valor histórico aos documentos.

Figura 2: Testamento de Padre Ignácio de Araújo



Fonte: Recolhimento dos Humildes/Memória e Arte

Figura 3: Termo de Visita



Fonte: Recolhimento dos Humildes/Memória e Arte

O sexto e sétimo documentos trazem como elementos de destaque uma marca d'água – uma filigrana que dá origem a uma marca na folha de papel no momento da sua produção, que corresponde a uma figura formada por finos fios metálicos, bordados ou aplicados sobre a superfície da teia da forma manual ou do rolo filigranador –; e ainda apresenta as vergaturas – as teias metálicas onde se faziam as tramas mais finas e que também geram os pontusais: os fios mais grossos para dar resistência às tramas no molde (MARTINS, 2002). Tais elementos também são importantes para análise e descrição dos documentos, pois ajudam a validá-los como originais e situá-los cronologicamente.

Essas duas características são importantíssimas porque informam sobre a trajetória da história da introdução do papel em Portugal e no Brasil. Os documentos anteriores a 1808, data da chegada da Família Real ao Brasil, trazem marcas d'águas muito variadas, o que significa que o Brasil recebia remessas de papel provenientes de lugares distintos, conforme ocorria também em Portugal. A primeira fábrica de papel no Brasil surge com a vinda da Família Real portuguesa, foi construída no Andaraí Pequeno (no Rio de Janeiro), fundada

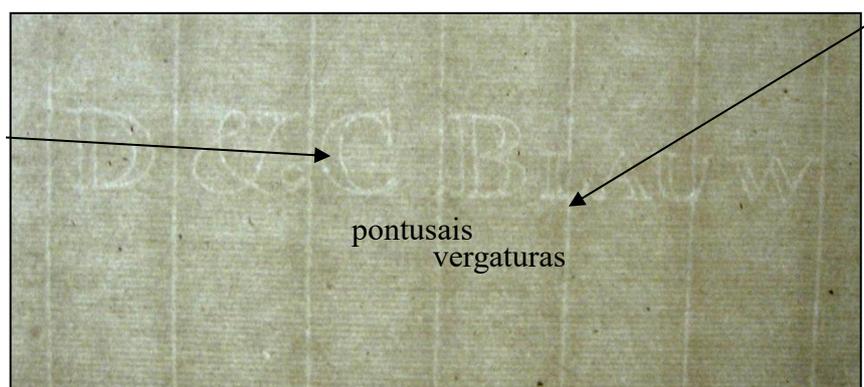
entre 1808 e 1810, por Henrique Nunes Cardoso e Joaquim José da Silva. Em 1837 surge a indústria de André Gaillar; e em 1841, a de Zeferino Ferrez. Esses conhecimentos nos auxiliam principalmente quando o documento não é datado, algo muito comum até o século 19. Pela identificação e análise da marca d'água podemos afirmar se o documento é original ou não na relação entre o suporte e o tempo da escrita bem como seu assunto.

Figura 4: Carta de Frei Bento Maria



Fonte: Recolhimento dos Humildes/Memória e Arte

Figura 5: Termo de Visita



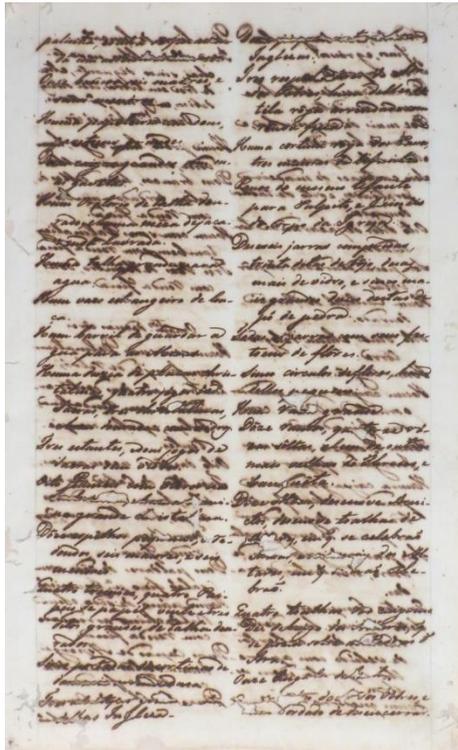
Fonte: Recolhimento dos Humildes/Memória e Arte

Uma característica somada à outra aumenta as informações que devem ser levadas em consideração para avaliação do reconhecimento de um manuscrito como documento histórico, e, portanto, patrimônio cultural.

O documento manuscrito não é um tipo de fonte de pesquisa que possa ficar à disposição do leitor, à mercê de sua necessidade. Muitas vezes é necessário haver protocolos de proteção com o objetivo de aumentar sua durabilidade, pois o papel, por mais que se saiba que dure séculos, ainda é um suporte muito frágil e o manuseio constante e, muitas vezes, inadequado, o desgasta e pode levar à sua perda. Mas, para determinadas áreas do conhecimento, como a Codicologia, a Diplomática, a Paleografia, a Filologia e a História, quanto mais informações sobre o suporte, a estrutura, a scripta, o estado de língua entre outros, melhor para compreensão do conteúdo e do seu contexto.

O oitavo e último documento manuscrito por nós apresentado, traz sinais de oxidação com pequenas perdas de suporte; texto colunado, provavelmente para economizar papel, bem como o uso das abreviaturas anteriormente citadas em momentos em que a escassez e o preço do papel eram exorbitantes. Mostramos aqui um dos fólios de um documento composto por 8 fólios, todo escrito em bico de pena, por um único *scriptor*, em letra humanística cursiva do séc. XIX, em tinta metaloácida de coloração marrom, já bastante oxidada, apresentando perda de suporte onde houve a corrosão da tinta. Trata-se de um inventário de bens do Recolhimento dos Humildes que Padre Ignacio Araujo, o fundador da instituição, entrega à Madre Regente Anna Roberta da Cruz. O documento é autógrafa, datado de 09/12/1817 e assinado pelo próprio pároco na Vila de Santo Amaro, Bahia.

Figura 6: Inventário de bens do Recolhimento dos Humildes



Fonte: Recolhimento dos Humildes/Memória e Arte

## ENCERRANDO

# 3.

Neste breve artigo, intencionamos apontar elementos relevantes para auxiliar na identificação e reconhecimento de documentos manuscritos históricos e que, por assim serem considerados, não devem ser suscetíveis ao descarte e nem preteridos às fontes secundárias, terciárias, ou quais outras, pois neles pode estar algum trecho da história que, ao ser perdido, parte o “fio de Ariadne”.

São muitas características e muitos elementos a serem levados em consideração nessa identificação, mas nosso conselho, advindo da prática e da experiência no lidar com acervos históricos documentais, é nunca se deixar levar pela aparência do suporte, pois o estado de conservação – papel degradado, manchas de umidade, presença de fungos, sinais de ataques de insetos papirófagos etc. –, não deve ser critério para desconsideração e descarte de documentos de valor patrimonial. É necessário que o pesquisador tenha uma postura investigativa, analítica e perseverante para não se deixar levar pelas primeiras impressões e cair na falácia de considerar equivocadamente cópias como originais, escrita autoral como escrita delegada, mudanças de tinta ou de instrumento de escrita como mudanças de *scriptor* e, o que é pior, para nunca considerar “documentos históricos” como “documentos velhos”. Afinal, cuidar do patrimônio documental é uma obrigação de todos.

## Bibliografia

Bellotto, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

Cambraia, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Funari, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

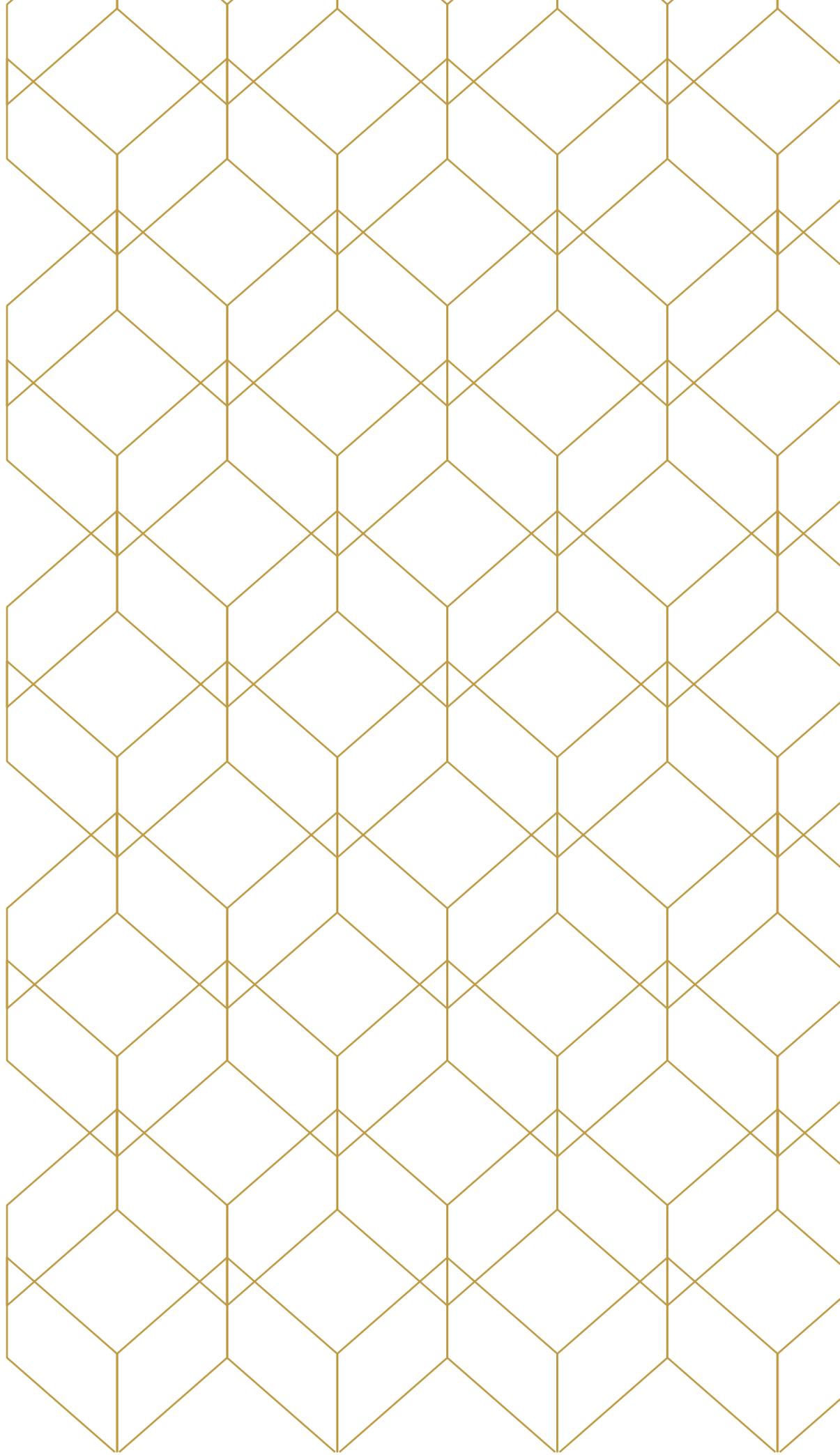
Hamel, Christopher de. *Manuscritos notáveis*. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Lose, Alícia Duhá; Mazzoni, Vanilda Salignac de S. *Uma história escrita à mão: Manuscritos do Antigo Recolhimento dos Humildes: documentos de uma história*. Salvador: Memória&Arte, 2016. v.2

Martins, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2002.

Priore, Mary Del. *Documentos históricos do Brasil*. São Paulo: Panda Books, 2016.





**“O essencial na vida não é convencer ninguém, nem talvez isso seja possível; o que é preciso é que eles sejam nossos amigos; para tal, seremos nós amigos deles; que forças hão-de trabalhar o mundo se pusermos de parte a amizade?”**

**Agostinho da Silva**